CLARICE PIMENTEL PAULON

Silenciar e Calar: manifestações do inconsciente no “Esquecimento de Signorelli”

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Área de Concentração: Psicologia

Orientadora: Profa. Dra. Leda Verdiani Tfouni

Ribeirão Preto
2013

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Paulon, Clarice Pimentel

Silenciar e Calar: manifestações do inconsciente no
“Esquecimento de Signorelli”. Ribeirão Preto, 2013.
120 p. : il. ; 30 cm

Dissertação de Mestrado, apresentada à Faculdade de Filosofia,
Ciências e Letras de Ribeirão Preto/USP. Área de concentração:
Psicologia

Orientadora: Leda Verdiani Tfouni.

1. Psicanálise.
2. Análise do Discurso.
3. Silêncio.
4. Inconsciente.
5. Posição-Sujeito.

Nome: Paulon, Clarice Pimentel

Título: Silenciar e Calar: manifestações do inconsciente no “Esquecimento de Signorelli”

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia,
Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade
de São Paulo, para a obtenção do título de mestre
em Psicologia.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

À Laís e à Helena.

Agradecimentos

Palavras são atos de gratidão.

Aos meus pais: Maria Helena e Tadeu, dois ótimos exemplos que me mostram que a grandeza na alma, na ética e na vida são possíveis. Obrigada por me apoiarem, acreditando pacientemente nos meus planejamentos. Obrigada por me mostrarem que é sempre possível ser o melhor que se pode ser.

A minha orientadora, Profa. Dra. Leda Verdiani Tfouni, por ser fundadora em mim do mais maravilhosamente inquietante modo de fazer ciência: guiado pelo desejo. Sem a sua generosidade, disposição e sabedoria nunca teria sido possível a mim, trilhar caminho tão único e preñado de sentidos em minha formação. Não há como não me identificar e não ser imensamente grata por tudo que sua orientação me proporcionou. Estará sempre comigo. Minha eterna gratidão e carinho a você!

Ao meu namorado, José Alexandre, que, com carinho, cuidou de mim quando isso não me era possível. Te amo por toda alegria, tristeza, saúde, doença, riqueza, pobreza que pode nos encontrar nesse longo caminho que, espero, trilharmos sempre lado a lado. Obrigada por “estar em mim, comigo”.

Ao meu irmão, Pedro, por todo companheirismo e generosidade da sua presença em minha vida. “Porque não basta ser irmãos, tem que ser jows!”

À minha grande amiga Juliana Cristina da Silva, lembrança do início da vida acadêmica que se perpetuou por todos esses anos de faculdade e pós graduação com inteligência, compreensão, companheirismo e amor. Sem você minha jornada seria muito mais sem graça! Estaremos sempre juntas.

À Daniela Torres, pelas longas e proveitosas conversas em casa, na cantina, no carro, no mercado, na quitanda...que me possibilitaram reconhecer ali uma verdadeira amiga!

À Veridiana, por trazer a minha vida um “sei o quê” abaianado apimentado que me dá mais energia para continuar trilhando o meu caminho.

À Paula Chiaretti, pelas extensas intensas discussões e debates sobre nossas questões de pesquisa, enriquecendo meus dias na “salinha” com saber, verdade e leveza. Não existiria melhor companhia!

À Dionéia Motta Monte-Serrat por estar sempre presente com generosidade, carinho e sabedoria, me acompanhando no que fosse preciso. Muito Obrigada!

À Verônica Lopes dos Santos, companheira nas disciplinas e na formação em psicanálise, pelas longas conversas que nos levavam a Unicamp e uma a outra.

À Milena Sarti pela deliciosa companhia às viagens à congressos.

Ao grupo de pesquisa, AD-Interfaces por todas as nossas reuniões e discussões que foram essenciais para enriquecer meus desenvolvimentos teóricos e sustentar minhas escolhas.

Ao Psicanalista Raymond Juneck, por sua generosidade ao dialogar sobre o *corpus* aqui analisado. Sem o seu olhar acurado às obras, importantes detalhes escapariam a este texto.

Ao Prof. Dr. José Francisco Henriques Miguel Bairrão pela oportunidade de realizar o estágio PAE com um docente que de fato se importa e acredita no que faz. Estagiar com você fez de mim uma profissional melhor preparada para o ensino.

À minha banca de qualificação: Diana Junkes Bueno Martha e Lourenço Chacon pela preciosa e cuidadosa leitura que fizeram do meu texto, proporcionado estofo maior as hipóteses aqui apresentadas.

À Margarida (Marga) que me alimentou levando deliciosas marmitas à salinha, com direto até a sobremesa!

À FAPESP, pelo financiamento dessa pesquisa, e acurados pareceres, sem o qual ela seria impossível.

REPARE BEM NO QUE NÃO DIGO.

(PAULO LEMINISKI)

RESUMO

Paulon, Clarice P. (2013) *Silenciar e Calar: manifestações do inconsciente no “Esquecimento de Signorelli”*. Texto para defesa de mestrado apresentado ao Programa de Pós Graduação em Psicologia, do Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP (Orientadora: Profa. Dra. Leda Verdiani Tfouni).

Essa pesquisa pretende ensaiar uma possível relação entre a Análise do Discurso de linha francesa (AD) e a Psicanálise (Freud e Lacan). Para realizar tal intento, tentaremos compreender a noção de silêncio a partir de conceitos de ambas as teorias. Da Análise do Discurso, utilizaremos conceitos como: ideologia, formações discursivas, paráfrase, polissemia, posição sujeito e os esquecimentos enunciados por Pêcheux. Da Psicanálise, utilizaremos conceitos como os de ato-falho, sujeito, Outro, nó-borromeo e inconsciente. Deste modo, realizaremos aproximações do campo do sentido e do *non-sense*, o que nos permitirá compreender como a dialética entre sujeito e linguagem é operada pelo silêncio que ilustra o aspecto do impossível nessa relação. Para elucidação dessa temática teremos como corpus “O esquecimento de nomes próprios”, publicado por Freud em três diferentes versões: em artigo publicado no jornal *Monatsschrift für Psychiatrie und Neurologie* (1898/1987); no capítulo *O esquecimento de nomes próprios*, presente em *Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana* (1901/1987); em duas cartas escritas à Fliess sobre essa temática (1898, 1898/1986). Observaremos como essas três versões se relacionam e legitimam a constituição das posições-sujeito de Freud, bem como o aparecimento do sujeito do inconsciente na cadeia significante. Essas torções subjetivas assim como o aparecimento do sujeito do inconsciente, ocorrem, como veremos, por esse aspecto do silêncio na linguagem que remete a um duplo impossível: diante do dito e diante do Real. Isso nos remeterá à incompletude da linguagem e à opacidade do sentido, que podem ser entrevistadas através de recortes no texto de Freud que indicam movimentos parafrásticos do autor. Deste modo, a partir das pistas linguístico-discursivas encontradas no texto, é possível compreender conceitos essenciais a ambas as teorias que remetem a constituição subjetiva na atualidade. (FAPESP)

Palavras-chave: Psicanálise, Análise do Discurso, silêncio, inconsciente, posições-sujeito.

ABSTRACT

Paulon, Clarice P. (2013) *To Silence and to Quiet: manifestations of the unconscious in the "Forgetting of Signorelli"*. Master's degree defense text presented to the Programa de Pós Graduação em Psicologia of the Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP (Advisor: Profa. Dra. Leda Verdiani Tfouni).

This study aims to essay a possible relationship between French Discourse Analysis (DA) and Psychoanalysis (Freud and Lacan). In order to carry out this purpose, we shall attempt to understand the notion of silence by means of concepts from both theories. From Discourse Analysis, we shall use concepts such as ideology, discursive formations, paraphrase, polysemy, subject-position and the oblivions enunciated by Pêcheux. From Psychoanalysis, we shall use concepts such as the faulty achievement (*Fehlleistung*), subject, Other, the Borromean knot and the unconscious. In this manner, we approach the field of meaning and of non-sense, allowing for an understanding of how the dialectic between subject and language is operated through silence, a silence which illustrates the aspect of the impossible in this relationship. In order to elucidate this theme, we present as *corpus* the text "Forgetting of Proper Names", published by Freud in three different versions: an article published in a newspaper of the time, the chapter of The Psychopathology of Everyday Life, and two letters on this topic written to Fliess. We shall observe how these three versions interrelate and legitimize the constitution of the subject-positions of Freud, as well as the appearance of the subject of the unconscious in the signifier chain. This occurs, we shall verify, due to this aspect of silence in language, which refers to a double impossibility: both in face of the "said" and in face of the Real. This will refer us to the incompleteness of language and the opacity of meaning, which can be glimpsed through extracts of Freud's text that indicate the author's paraphrasial movements. Thus, from the linguistic-discursive clues found within the text, it is possible to grasp concepts key to both theories, which refer to subjective constitution in the present day. (FAPESP)

Keywords: Psychoanalysis, Discourse Analysis, silence, unconscious, subject position.

SUMÁRIO

<u>1.0 O CORPUS:</u>	<u>14</u>
<u>1.1 APRESENTAÇÃO DO CORPUS:</u>	<u>15</u>
<u>1.2 MÉTODO:</u>	<u>22</u>
<u>2.0 O SILÊNCIO: IMPLICAÇÕES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS.....</u>	<u>29</u>
<u>2.1 COMO O SILÊNCIO É TRATADO:</u>	<u>30</u>
<u>2.2 COMO TRATAREMOS O SILÊNCIO:</u>	<u>32</u>
<u>3.0 A LINGUAGEM E SEUS ASPECTOS CONSTITUTIVOS:</u>	<u>40</u>
<u>3.2 OS PROCESSOS DE SIGNIFICAÇÃO E A LINGUAGEM:</u>	<u>52</u>
<u>3.3 LINGUAGEM E SILÊNCIO:</u>	<u>68</u>
<u>4.0 AS POSIÇÕES SUJEITO E O SILÊNCIO:</u>	<u>76</u>
<u>5.0 SUJEITO E SILÊNCIO:</u>	<u>86</u>
<u>6.0 SILÊNCIO, ANÁLISE DO DISCURSO E PSICANÁLISE:</u>	<u>91</u>
<u>CONSIDERAÇÕES FINAIS:</u>	<u>101</u>

1.0 O *CORPUS*:

1.1 APRESENTAÇÃO DO *CORPUS*:

Para que seja possível ensaiar uma relação entre duas disciplinas de carácter indiciário – a Psicanálise (em Freud e Lacan) e a Análise do Discurso (de linha francesa, AD) – é necessária uma re-estruturação dos moldes de apresentação, tanto do material utilizado quanto de seu aporte teórico, distinto do vigente. Com efeito, a prática em pesquisa torna-se consonante com o método utilizado, o que facilita sua apreensão.

A referida re-estruturação será edificada do seguinte modo:

- Apresentação da metodologia e *corpus*;
- Utilização e desenvolvimento de operadores conceituais teóricos atravessados pelos recortes obtidos, a fim de alcançar maior consistência diante dos procedimentos exigidos pela teoria.

Inicialmente, portanto, apresentaremos o *corpus* e as implicações metodológicas nele investidas.

O “Esquecimento de Signorelli”, *corpus* dessa pesquisa, é, segundo Harari (2001), forjado por Freud. Denota, pois, a perspectiva de que o esquecimento foi trabalhado, cunhado por Freud via retroação, a fim de elucidar mecanismos psíquicos de memória, associação, significação e sentido. Desse modo, é neste âmbito que essa pesquisa se filia, ao acrescentar a este aporte teórico a conceituação do silêncio.

Ainda segundo Harari (2001), a criação de “novos operadores conceituais [deve surgir] com carácter de necessários e não de alternativos” (p. 80). A abordagem do tema silêncio emerge nesse enquadre a fim de acrescentar aos paradigmas ditos indiciários novas possibilidades de análise, enriquecendo a conceituação de ambas as teorias.

O *corpus*, deste modo, será apresentado em ordem cronológica, uma vez que tal constituição se desvela pertinente para este modelo teórico. Serão analisados:

- 1.a O artigo publicado no jornal *Monatsschrift fur Psychiatrie und Neurologie*, intitulado “Sobre o mecanismo psíquico do esquecimento” (Freud, 1898/1987, pp. 275-281). (Anexo A)

1.b A carta escrita à Fliess¹, de 22 de setembro de 1898, sob a mesma temática (Freud, citado por Masson, 1986, pp. 327-328). (Anexo C)

1.c. O capítulo primeiro de *Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana*, intitulado “O esquecimento de nomes próprios” (Freud, 1901/1987, pp. 19-24). (Anexo B)

À guisa de auxílio à análise, também será utilizado um intróito: duas outras cartas de Freud à Fliess, correspondentes à mesma época:

1.d. A carta de 26 de agosto de 1898 – na qual Freud se remete ao esquecimento do nome do poeta Julius Mosen, de modo semelhante à Signorelli. (Freud, citado por Masson, 1986, pp. 324-325) (Anexo I-B)

1.e. A carta de 31 de agosto de 1898 – na qual Freud discorre sobre a relevância da sonoridade das palavras (Freud, citado por Masson, 1986, pp. 326-327) (Anexo I-B)

A utilização dessas cartas possibilita uma alusão às condições de produção² às quais Freud estava submetido “subjetivamente”, ou seja, a forma como Freud, contemporaneamente ao fenômeno do Esquecimento, se sentia e visualizava o desenvolvimento de sua teoria; índice importante para elucubrações posteriores entre forma-sujeito, autoria e silêncio, realizadas mais adiante nessa dissertação.

Há, ademais, relevância teórico-metodológica observar que, cinco dias após a carta à Fliess na qual Freud escreve sobre o caso Signorelli, ele escreve novamente ao seu interlocutor, informando que transformou o relato em um ensaio: “Transformei Signorelli em um pequeno ensaio, que enviei a Ziehen (Wernicke). Se eles o rejeitarem, acho que vou retomar uma antiga ideia sua e oferecê-lo ao *Deutsche Rundschau*.” (Freud, 1898, citado por Masson, 1986, p. 329). Quatro anos após a publicação deste ensaio, Freud publica novamente o caso Signorelli, em capítulo inaugural do livro *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana* (1901/1987), trabalho considerado um dos mais importantes da obra do autor, ao lado de *A interpretação dos sonhos* (1900/2012) e *Os chistes e suas relações com o inconsciente* (1905/ 1987).

A contínua ocupação de Freud com o “Esquecimento” demonstra o quanto este acontecimento era importante para ele, tanto no que concerne ao desenvolvimento de

¹ Fliess foi um dos grandes interlocutores de Freud. Alguns estudiosos da psicanálise defendem que a relação que ambos tinham era de analista (Fliess) e analisando (Freud).

² Condições de Produção compreendidas a partir da AD: relacionadas ao momento histórico específico no qual a trama de enunciados desenvolvida por Freud foi produzida.

sua teoria³ quanto como marca subjetiva no sujeito Sigmund Freud. Esta importância será pontuada e ressaltada na dissertação a partir da noção de silêncio.

É pertinente, neste momento, fazermos um adendo: segundo o psicanalista Raymond Juneck (2013), uma tradução que melhor comportaria *Sobre o mecanismo psíquico do esquecimento* (1898/1987) consistiria em alterar o termo esquecimento pelo neologismo “esquecidade”. O psicanalista (2013) justifica que a tradução deveria ser denominada de “Sobre a Esquecidade” (no original *die Vergesslichkeit*), visto que Freud, ao longo do texto, se remete ao acontecimento de esquecer. O esquecimento, segundo o psicanalista, seria o objeto, ou seja, algo que se esqueceu. Neste sentido Juneck conclui que o esquecimento é parte da “esquecidade”, sendo o desenvolvimento teórico de Freud muito mais abrangente que apenas a noção de esquecimento.

Concordamos com Juneck (2013) uma vez que a noção de acontecimento⁴ é mais abrangente e remete a uma dinâmica maior que a de mecanismo, que especifica uma relação estática entre objetos. A noção de acontecimento inclui, a nosso ver, o conceito de Real em Lacan, pois abrange categorias como as de impossível e contingente. Esta aproximação com o acontecimento, realizada pelo psicanalista Juneck, é de suma importância para a dissertação na medida em que, ao partirmos dela, aproximaremos a noção de silêncio às referidas categorizações do Real lacaniano, tendo como ilustração o *corpus* apresentado.

Muitos outros estudiosos da psicanálise trabalharam com o relato de Freud citado. O próprio Lacan trabalhou com o “Esquecimento de Signorelli” em três momentos de sua obra: no *Seminário 1: Os escritos técnicos de Freud* (1953-54/1998) para elucidar questões concernentes à resistência, transferência, palavra vazia e palavra plena; no *Seminário 5: As formações do inconsciente* (1957-58/1999), aprofundando conceitos como os de metáfora, metonímia e estabelecendo relações com o grafo do desejo; e no *Seminário 12: Problemas Cruciais para a Psicanálise* (1964-65/2006), quando toca na problemática, em psicanálise, dos processos de significação e do nome

³ Alguns psicanalistas, incluindo Jacques Lacan, consideram *A Interpretação dos Sonhos* (1900/2012), *O chiste e sua relação com o inconsciente* (1905/1987) e *Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana* (1901/1987), como uma tríade na qual Freud demonstra de forma mais elucidativa os mecanismos que regem o inconsciente, apresentando os conceitos fundamentais para o desenvolvimento do processo analítico.

⁴ Acontecimento é um conceito cunhado por Pêcheux (2009) para dar conta da irrupção do novo, do sentido outro no discurso (que é estrutura).

próprio. Os desenvolvimentos lacanianos que apontam para Signorelli serão expostos com mais detalhes e desenvolvidos no decorrer dos capítulos dessa dissertação.

Dentre os outros inúmeros estudiosos que trabalharam com o “Caso Signorelli” a fim de elucidar alguma temática específica, destacam-se: M. Thomas (1989), C. I. Dunker (2006), M. E. DiGiorgi e F. Di Giorgi (1990) e o próprio Harari (2001), utilizado nessa dissertação. Destes, apenas Thomas (1989) realiza uma busca sobre o silêncio no Esquecimento de Signorelli, no entanto, utilizando somente uma das versões escritas por Freud, a saber, o capítulo primeiro em *Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana* (1901/1987). Thomas (1989) descreve, em seu trabalho, dois tipos de silêncio: “um que vela e um que desvela” (p. 77), considerando o segundo como um silêncio que promove a interpretação e põe o sujeito em movimento. Embora seja importante a conceituação realizada por Thomas (1989), observamos que o autor ainda trata o silêncio a partir de um aspecto mais fenomênico, ou seja, interpreta o “estar em silêncio” literalmente. Diferentemente, a proposta dessa dissertação é compreendê-lo enquanto operador constitutivo na linguagem.

Dunker (2006), em *A imagem: entre o olho e o olhar*, realiza um desenvolvimento teórico sobre o olhar e o conceito de *objeto a* em psicanálise, reforçando sua importância e utilizando como exemplo o caso Signorelli, especialmente no que se refere à relação entre imagem e nome próprio. O autor afirma que a análise realizada por Freud, da trama associativa que se desenrolou, consiste em um “modelo de decifração do inconsciente” (Dunker, 2006, p. 15). Assim, analisa uma breve passagem do texto em que Freud relata a excessiva visualização do quadro, no momento da “esquecidade”. Tal análise será importante para nós adiante, no capítulo “*Sujeito e silêncio*”.

DiGiorgi e Di Giorgi (1990) realizam frutífera aproximação entre o “Caso Signorelli” e o “Caso Aliquis” também relatado por Freud. Ao conversar com um amigo judeu que, durante o diálogo, quer retomar um famoso verso de Virgílio (*Exoriar aliquis nostris ex ossibus ultor!*), ele esquece o termo *aliquis*. Freud, ao pedir que ele associe livremente, possibilita que o colega fragmente a palavra em *a-liquis* e associe, através dessa quebra discursiva, o esquecimento a diversas outras temáticas não presentes na conversa. Essa livre-associação permite a Freud aproximar este esquecimento ao esquecimento de Signorelli, confirmando, assim, sua hipótese em

relação aos esquecimentos. As autoras, a partir destes textos, desenvolvem interessantes reflexões sobre linguagem e psicanálise, que serão utilizadas ao longo da dissertação.

Harari (2001), como já dito anteriormente, trabalha com o “Esquecimento” as noções de memória, associação, significação e sentido, interpretando o “Caso Signorelli” como inaugural no que diz respeito ao conceito de ato em psicanálise. Com efeito, também utilizaremos algumas de suas elaborações, a fim de compreender o papel do silêncio enquanto operador.

Embora os autores supracitados tenham apresentado significativas contribuições, notamos que nenhum deles trabalhou concomitantemente a relação entre os três textos escritos por Freud. Este, portanto, é o grande mérito dessa dissertação, uma vez que almejamos associá-los e observar, a partir da materialidade linguística, as mudanças de posição subjetiva em Freud, suas assunções e silenciamentos. Ademais, o conceito de silêncio relacionado a este *corpus* somente foi trabalhado no âmbito fenomênico, distintamente do que propomos a partir desse trabalho.

À guisa de contextualização segue, abaixo, um breve resumo do caso Signorelli, que será explorado nessa dissertação:

Após uma viagem de trem de Ragusa (Dalmácia) para uma estação na Herzegovina, Freud decide relatar um acontecimento: o esquecimento, por ele, do nome do pintor Signorelli. Ele não só decide relatar o incidente, como o escreve três vezes, a, pelo menos, dois locutores distintos⁵.

Tratava-se de uma conversa informal com outro viajante (ora um conhecido seu, ora um desconhecido), e, quando Freud recorda o afresco: as quatro últimas coisas, pintura relacionada ao Juízo Final e ao Fim do Mundo, se esquece do nome do pintor Signorelli e lhe surge dois substitutivos: Botticelli e Boltraffio (o primeiro, tão conhecido por Freud como Signorelli e o segundo mais distante de sua “bagagem cultural”). Após a viagem, ao conversar com outra pessoa, esta lhe recorda o nome do pintor. A partir dessa experiência, Freud elabora um mecanismo para elucidar a forma como havia se dado o esquecimento: remete a cadeias associativas anteriores, a incidentes recentes da própria vida, ao conteúdo dos afrescos e até mesmo à presença de seu interlocutor na viagem – pois observa que foi uma perturbação externa à conversa que possibilitou a supressão do nome. Desenvolve, deste modo, um esquema para

⁵ São estes locutores: os leitores de um jornal ao qual Freud escrevia, sendo o artigo publicado apenas cinco dias após sua viagem; Fliess, a quem Freud escreveu uma carta relatando o caso; e os leitores de *Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana*, um dos livros de suas obras completas.

elucidar como o sentido havia sido reprimido/ocultado e como o efeito dessa repressão resultou no esquecimento do nome Signorelli. Para tanto, parte da fragmentação deste nome próprio, visto que os sentidos que Freud apontou como causadores do esquecimento estavam materialmente conectados aos fragmentos do nome do pintor.

Para maior compreensão do caso, Freud desenvolveu o esquema abaixo (1898/1987, Fig. 1):

Observa-se, no gráfico, que Freud recorre à fragmentação das palavras para compreender a omissão do nome de sua cadeia significante. Tal omissão, como veremos ao longo deste trabalho, constitui aspectos da operação do silêncio em seu discurso, sendo, aquele, constituinte do sentido e do *non-sense*. Veremos que a perspectiva sobre o silêncio aqui desenvolvida se relaciona diretamente com a noção de significante desenvolvida por Saussure (2006), que possibilita uma apreensão dessa noção, tanto através sonoridade como em seu nível gráfico, demonstrado nesse caso, no esquema de Freud.

Esta conceituação sobre o significante, estabelecida por Saussure (2006), nos remete a uma noção fortemente utilizada em psicanálise: a de hieróglifo que, por sua vez, se remete a sustentação e possibilidade do sentido pela grafia e pelo som. Com efeito, a possibilidade de interpretação do discurso de Freud nessa dissertação será baseada na vinculação concomitante entre grafia e sonoridade enquanto constituintes do sentido, sendo a relação entre elas mediada pelo silêncio.

A análise destes aspectos da cadeia de significação, juntamente com o silêncio nos relatos de Freud, possibilita a transposição de uma concepção de ciência que parte

do pressuposto do paradigma galileano, fundado nas generalizações e relações de causa e efeito, para um paradigma que valoriza as singularidades e, portanto, é norteado por outros métodos de análise e “observação”. Esta perspectiva pressupõe, porquanto, um sujeito para além de seus aspectos biológicos, pensando em uma subjetividade construída de modo dialético com os sentidos “sentidos” por ele. Destarte, é nesse paradigma e a partir da ilustração do *corpus*, que trabalharemos os pressupostos teóricos da Análise do Discurso (via do sentido) e da Psicanálise (via do *non-sense*), de modo a articulá-los para que possamos entrever o sujeito no âmbito de sua constituição, ou seja, pela linguagem.

Essa aproximação entre as duas disciplinas permite elaborar um novo dispositivo analítico, que possibilita uma escuta clínica mais refinada, essencial para a práxis analítica. Dor (1992) afirma que:

Permitir identificar a significação de manifestações psíquicas de origem inconsciente, irá tornar possível, graças as suas virtudes operatórias, uma generalização que conduzirá a noção de formação inconsciente, em outros termos, a generalização de uma pluralidade de manifestações psíquicas, todas possuindo em comum o caráter de significar outra coisa bem diferente do que significam imediatamente. (p. 15)

Tais “manifestações” só podem ser apreendidas por meio de uma perspectiva que considere conceitos como o de silêncio. Portanto, analisar o *corpus* tendo como “eixo central” o conceito de silêncio em ambas as teorias possibilita um alargamento da compreensão do sujeito e da linguagem (tanto na AD quanto na Psicanálise). Esta perspectiva revela, pois, a importância de se considerar uma metodologia de pesquisa baseada no equívoco, na falta e na incompletude.

Além disso, analisar os relatos de Freud em relação ao esquecimento significa revisitar um marco importante na teoria psicanalítica, que corroborou a perspectiva científica utilizada nesta área de pesquisa. Harari (2001) discorre a esse respeito:

É pertinente destacar que o marco onde Freud introduz a estrita noção de ato concerne ao seu trabalho referente à função do esquecimento. Por-quê? Porque ela oferece, de modo patente, uma evidência precisa acerca da maneira com que este fato – o de um acontecimento que prescinde do conteúdo consciente – é eficiente, vale dizer: produz efeitos. (p. 42)

No exposto de Harari (2001) é possível aproximar o conceito de ato, tão trabalhado em psicanálise, com o de silêncio, explorado nessa pesquisa. Ambos produzem efeitos prescindindo do conteúdo consciente e, dessa forma, associam-se a diversos mecanismos de significação que propõem a quebra de conceitos, tais como linearidade, completude e literalidade. Ao considerar as relações entre sincronia e diacronia, equívocos na linguagem e deslocamentos e substituições no significante, é possível entrever uma relação distinta do sujeito com a linguagem - relação esta, que possui como um de seus constituintes o silêncio.

Vemos, portanto, que Freud só conseguiu chegar a um sentido de seu esquecimento a partir dos mecanismos que fizeram com que este acontecesse. Mecanismos estes ocorridos em silêncio e no silenciar.

Sob a ótica deste trabalho, a significação se dá em diversos sentidos, como é observável nos textos de Freud utilizados nessa pesquisa. É necessário, para tanto, pensarmos em um sujeito dividido⁶, constituído também pelo inconsciente, que elabora cadeias associativas a partir da materialidade do significante, ou seja, via sentido e *non-sense*⁷.

De modo geral, esta pesquisa tem como propósito, portanto, aprofundar o conhecimento nessa temática, para que se possa problematizar o sujeito conjuntamente com seus sentidos e mostrar que o homem - partindo-se do pressuposto de que ele está fadado a significar -, possui outras formas de elaborar sua significação que não a verbal, e que não é pelo fato de não serem verbalizáveis que são menos significativas como *corpus* de análise.

1.2 MÉTODO:

O método baseia-se na perspectiva científica proposta por Pêcheux (2008), segundo a qual, para que o funcionamento e estrutura do discurso sejam compreendidos, é necessário que a análise passe por três etapas: 1) descrever as materialidades discursivas, o que não possui conotação fenomenológica, visto que a descrição de um fato é, em si, um ato de interpretação; 2) considerar o momento da interpretação, assim

⁶ O termo é aqui utilizado principalmente para contrapor-se a noção de sujeito cartesiano, dono de seu dizer. Além disso, o conceito traz em seu bojo a concepção lacaniana de sujeito, compreendido sempre como um referente ao significante, isto é, constituído pela linguagem.

⁷ Desenvolveremos no tópico adiante o que significa essa materialidade significante a partir da noção de função poética em Jakobson (2007b).

como os possíveis pontos de deriva ocasionados por aquela materialidade discursiva; 3) compreender o discurso em seu índice potencial de estruturação/re-estruturação e de outros discursos circulantes. Essas três etapas não são sequenciais, ocorrem interpoladas, mas são discerníveis uma das outras.

Desse modo, “o dado” em AD e Psicanálise se constrói a partir de indícios, recortados e interpretados através do analista, em uma relação concomitante teoria/*corpus*. Compete a este, portanto, estabelecer um diálogo contínuo entre o momento da análise propriamente dita e o momento da reflexão teórica.

Observa-se, então, que a partir da referência metodológica da Análise do Discurso não há dissociação entre teoria e análise, como se fossem dois momentos estanques, haja visto que a seleção pelo analista dos dados indiciários, requer, para que a interpretação se concretize, um sólido referencial teórico. Portanto, a análise se faz desde o primeiro momento de aproximação com o *corpus* e com a teoria de base. Pêcheux (2009) elucida a importância dessa relação entre teoria e *corpus*:

[...] a operação asséptica, que consiste em separar a “experiência vivida” e os conceitos, teve como efeito indireto instituir a subjetividade como princípio de explicação daquilo que Husserl chama “expressões ocasionais” não objetivas; tudo se passa como se, nesse domínio, a regra segundo a qual “[...] é verdadeiro para cada um aquilo que lhe parece verdadeiro; para um será tal coisa, para o outro, a coisa contrária, se essa coisa lhe parecer verdadeira [...] (p. 53)

A partir do exposto por Pêcheux, podemos compreender que a assepsia (im)posta pelo discurso da ciência entre o desenvolvimento de conceitos e “experiência vivida” torna-se inválida, corroborando apenas para uma divisão entre subjetivo e objetivo; divisão esta inexistente no caso da Psicanálise e da Análise do Discurso. A imposição dessa cisão entre objetivo e subjetivo dentro de determinados paradigmas científicos⁸, faz com que o conceito de subjetividade caia em absoluto relativismo, o que enfraquece os procedimentos analíticos pautados nestas pressuposições teóricas. A fim de confrontar ambas as perspectivas teóricas - do objetivismo abstrato e do subjetivismo idealista - adotamos o referencial teórico-metodológico proposto por Pêcheux, que possibilita vislumbrar os “dados” na materialidade linguística, sendo toda a interpretação advinda do analista cunhada nesta materialidade.

⁸ Como é o caso do subjetivismo idealista e do objetivismo abstrato

Isto significa, como poderemos evidenciar a partir da análise do *corpus*, que a subjetividade encontra-se na língua, não sendo inerente a esse conceito quaisquer noções que remetam a alguma essência, interioridade ou qualquer outra que denote alguma alusão a um caráter “imaterial” na subjetividade (o que remete ao subjetivismo idealista). De outro modo, toda e qualquer menção a determinado posicionamento sociológico que estagne a relação dialética ou a movimentação do sujeito (objetivismo abstrato) também será recusada pela práxis aqui proposta.

A AD, portanto, enquanto uma “disciplina de entremeios” irá cunhar sua fundamentação na possibilidade do sujeito circular entre aspectos ideológicos e imaginários, não relacionados a posições sociais previamente estabelecidas, ou seja, os processos de alienação e separação⁹, que se dão por intermédio da linguagem, vão além de relações identitárias pautadas em qualquer diagnóstica (seja ela biológica, fisiológica ou social).

A partir, portanto, da práxis proposta por Pêcheux, à metodologia utilizada se localiza no paradigma indiciário desenvolvido por Ginzburg (1980, Tfouni, 1992), que procura pistas na materialidade discursiva, as quais indicam um modo de funcionamento específico daquele discurso, assim como um posicionamento do sujeito perante à ideologia e ao desejo.

Segundo Ginzburg (1980), o paradigma indiciário surgiu nas ciências humanas no século XIX e possui caráter venatório. Esse paradigma focaliza as particularidades, geralmente desprezadas pela ciência galileana, fundada em generalizações e em relações de causa e efeito. Do ponto de vista discursivo, a análise indiciária torna possível reconhecer como a ideologia promove uma naturalização dos sentidos, e desse modo, permite que o analista desestabilize a aparente obviedade de um sentido único.

A referida metodologia potencializa os gestos interpretativos do analista, possibilitando que outros sentidos sejam mobilizados no *corpus*, em função de um gesto específico (particular) de interpretação. O particular é, então, destacado, o que promove uma possibilidade infindável de interpretações a partir do mesmo *corpus*, dependendo de quais questões teóricas possui o analista a partir de sua aproximação com a materialidade.

⁹ Conceitos cunhados pelo psicanalista Jaques Lacan, elucidados posteriormente nessa dissertação.

Também para a AD é através de pistas ou indícios que é possível chegar ao processo discursivo no qual a relação entre sujeito e ideologia emerge, a partir de formações discursivas¹⁰, que remetem a determinadas formações ideológicas.

A partir, portanto, deste referencial teórico-metodológico, o *corpus* resulta da construção do próprio analista, a qual se fundamenta na implicação do *corpus* às suas condições de produção. De acordo com Courtine (1982):

[...] as condições de produção que regulam a relação da materialidade linguística de uma sequência discursiva às condições históricas que determinam sua produção, indicam os procedimentos de constituição do *corpus* discursivo, entendido como um conjunto de sequências discursivas dominadas por um estado dado, suficientemente homogêneo e estável, das condições de produção do discurso. (p. 52)

O que podemos concluir, com efeito, a partir do enunciado de Courtine (1982), é que o *corpus* em AD sempre se atualiza de acordo com as condições de produção vigentes. A análise do *corpus* considera a implicação das condições nas unidades de sentido (recortes) materializadas linguisticamente. Considerados esses princípios metodológicos orientadores da análise, é pertinente ressaltar que em AD a análise almeja à “exaustividade vertical” (Orlandi, 2001, p. 35), o que significa que a análise dos dados supõe a reformulação dos gestos teóricos e das questões iniciais.

No caso específico dessa dissertação, na qual propomos analisar os textos de Freud sobre “O esquecimento de Signorelli”, consideramos que é complementar e necessário a análise, que realizemos, também no quesito metodológico, uma aproximação com alguns conceitos de Saussure¹¹ (2006), como eixo sintagmático e o eixo associativo; e também conceitos de Jakobson (2007) que concernem ao eixo metafórico e metonímico (compreendidos por meio da função poética). Esse adendo teórico permitirá que articulemos as condições de produção com a subjetividade, incidindo de maneira mais decisiva na singularidade do caso.

Devido ao desenvolvimento realizado por Freud para a compreensão da “esquecidade” atravessar a segmentação das palavras; e às condições de produção

¹⁰ Conjuntos de enunciados que possuem uma mesma “raiz” ideológica, o que possibilita certa homogeneização na apreensão destes. São as formações ideológicas, sustentadas nas condições de produção e na luta de classes (relida por Althusser, 1970) que permitem as Formações Discursivas (FD’s). A relação que o sujeito tem com as FD’s não é estática, sendo possível ao longo do discurso, circular por diversas FD’s.

¹¹ Outros também serão utilizados, a saber, significante, significado, signo e valor. Estes conceitos estarão em concordância com o que será desenvolvido nos dispositivos de análise que se seguirão.

observadas (pelas cartas), nas quais o autor faz menção “as relações sonoras”, (Freud, 1898, citado por Masson, 1986, p. 326) colocando-as como importantes dentro do processo analítico, consideramos que a compreensão desses conceitos possibilitará um aprofundamento da análise, bem como uma aproximação maior com a psicanálise e o conceito de silêncio aqui apresentado.

O eixo sintagmático é apresentado por Saussure como “o caráter linear da língua, que exclui a possibilidade de pronunciar dois elementos ao mesmo tempo”. (2006, p. 162). O termo, em um sintagma, só adquire valor por oposição: ou ao termo precedente ou o que segue, quando não, a ambos. O autor afirma que esta é uma relação *in praesentia*, ou seja, acontece no momento da fala. Já o eixo associativo, para Saussure (2006) acontece *in absentia*, e tem caráter virtual. Representa todas as possíveis associações que podemos realizar de acordo com nosso repertório de palavras. O autor a nomeia como uma “série mnemônica” (p. 162) de unidades linguísticas.

Ambos os mecanismos – sintagma e associação – irão constituir a linguagem, pois, juntos, possibilitam as mais diversas combinações entre as unidades linguísticas. Elas são sempre regidas por relações de oposição, que denotam o valor das unidades a partir da diferença e da negativa. O valor do signo linguístico é, portanto, somente possível devido ao que ele não é. No caso da relação sintagmática, essa diferenciação se dá por signos que mantêm uma vinculação linear com o signo em questão e, no caso da associação, se dá pelos signos que se vinculam devido à série mnemônica desenvolvida pelo sujeito.

O eixo associativo, segundo Saussure (2006), “[...] existe tanto em comunidade dupla do sentido e da forma como comunidade da forma ou do sentido somente” (p. 166). A forma, para o autor, é relacionada tanto ao fonético quanto à grafia (para exemplificar, Saussure divide as palavras e mostra aproximações tanto pelo sufixo quanto pelo prefixo dessas). “O sintagma se dá na intersecção de associações” (Saussure, 2006, p. 169), daí pode-se inferir a anterioridade do eixo associativo em relação ao sintagmático, no qual prevalece a unidade de sentido em seu caráter mais linear.

A psicanálise referenda seu método principalmente no eixo associativo elucidado por Saussure. Quando é pedido, em psicanálise, que o analisante livre-associe, é pedido que ele estabeleça suas associações primordialmente a partir do eixo associativo. É de extrema relevância, nesse sentido, que Saussure (2006) tenha dado caráter apriorístico ao eixo associativo, uma vez que esse, *à priori*, designa que na

estrutura da linguagem há uma multiplicidade de sentidos quase infinda e impossível de ser sustentada somente pela linearidade do eixo sintagmático.

Este posicionamento de Saussure também referenda a “existência” do silêncio na materialidade linguística, isto é, a noção de valor por oposição, pela exclusão de sentidos, entra em consonância com o “silêncio constitutivo” proposto por Orlandi (1992), que denota a constituição dos sentidos através do silenciamento de outros. Trataremos disso adiante, contudo, é importante ressaltar que estamos utilizando nessa pesquisa, além da práxis da Análise do Discurso, conceitos de Saussure (2006) que nos auxiliam a compreender o funcionamento da língua em suas mínimas unidades, o que é condição *sine qua non* para compreender o método em psicanálise.

A estrutura de linguagem que sustenta o discurso se dá, portanto, por esses dois eixos: o sintagmático e o associativo. Trata-se de mecanismos correspondentes em Análise do Discurso a paráfrase e a polissemia, ou seja, a possibilidade de compreensão do sentido a partir de escanções deste na linearidade enunciativa (paráfrase) ou nas múltiplas associações (polissemia).

Chegamos neste ponto, a uma aproximação com a noção de função poética proposta por Jakobson (2007a). O autor propõe que a constituição dos sentidos se dá sempre na relação entre o eixo metafórico e metonímico, concepção adotada pelo psicanalista Jacques Lacan. Podemos considerar os movimentos parafrásticos como relacionados primordialmente ao eixo metafórico, visto que a relação aí estabelecida se dá por similaridade. Diferentemente, o eixo metonímico tem caráter predominantemente polissêmico, pois as associações nele se dão por contiguidade¹².

Podemos adiantar que o silêncio, a partir de suas operações, agiria nesses dois eixos da linguagem: no eixo metafórico a fim da busca do sujeito por sua completude no sentido e no eixo da metonímia esburacando a cadeia associativa, deixando restos metonímicos que possibilitam “rastrear” o sujeito do inconsciente. Aprofundaremos essas questões a partir da análise do *corpus* nos capítulos subsequentes.

Através das relações associativas desses eixos observamos, portanto, como se dá a constituição dos sentidos e como a subjetividade está presente na materialidade. Somente é possível a emergência das formações do inconsciente devido à estrutura

¹² É importante observar que a noção de discurso é compreendida em AD abarcando tanto a língua quanto a fala, ou seja, relaciona a estrutura da linguagem com o acontecimento que, segundo Pêcheux (2009) é o novo que irrompe na estrutura, mas somente irrompe possibilitado por ela. Portanto, os eixos de Saussure e Jakobson, a partir da noção de discurso adquirem um dinamismo maior, sendo a associação aqui realizada entre paráfrase-sintagma-metáfora e polissemia-associação-metonímia apenas para fins didáticos. Sabemos que essas categorias não são estanques.

sintagmática. Quando o eixo associativo irrompe no sintagma temos o que é particular no sujeito, ou seja, seu posicionamento subjetivo.

A partir dos procedimentos de análise acima expostos, a interpretação do analista torna-se distinta da languageira. Enquanto esta é totalmente direcionada pela ideologia, a interpretação do analista possui um aparato teórico que, conforme foi dito, não está pronto, mas que se constitui juntamente com a formação e análise do *corpus* (Orlandi, 2001).

Esse aparato teórico faz com que o analista consiga observar os não-ditos do texto. O silêncio só pode ser apreendido e observado como um mecanismo de funcionamento que opera na linguagem ao se levar em consideração elementos que possibilitam o questionamento da obviedade do sentido e, a partir daí, funda uma concepção de sujeito enquanto posição, assujeitamento, divisão.

Na psicanálise, a aplicação do método aqui evidenciado mostra-se produtiva quando analisados atos-falhos e chistes. Como a psicanálise compreende o sujeito como constituído pela falta, a multiplicidade de significações encontra-se inerente a ele. Dessa forma, o paradigma indiciário propicia observar as particularidades deste sujeito, seu processo de subjetivação, possibilitando a análise de suas diversas posições enunciativas.

Deste modo, ambas as teorias trabalham com os processos de significação, não pretendendo buscar sentidos latentes, “ocultos”, mas sim confrontar universos semânticos estabilizados, como o de transparência da linguagem, baseado no discurso científico, com o de incompletude da linguagem, paradigma que a compreende como lacunar.

Nessa pesquisa, isso se realiza a partir da análise dos textos freudianos sobre o esquecimento de nomes próprios. Buscando indícios de movimentos polissêmicos e parafrásticos nos textos, torna-se possível observar processos de assujeitamento e divisão na linguagem, o que nos leva a uma relação com a semântica distinta da proposta por linguistas como Chomsky¹³ que propõe paradigmas de construção de sentidos semanticamente estabilizados.

¹³ Aqui referimo-nos a interpretação que o linguista citado dá à relação sintaxe-semântica, construindo o enunciado “Ideias verdes incolores dormem furiosamente” (1957) que, segundo o autor é possível sintaticamente, mas não semanticamente. No entanto, pela leitura que realizamos de Jakobson (2007) e Lacan (1964-65/2006) discordamos do linguista por levarmos em consideração o conceito de função poética (Jakobson, 2007a) e a estruturação do inconsciente como uma linguagem (Lacan, 1964-65/2006).

A análise se edifica, portanto, a partir de uma superfície linguística determinada e não por uma suposta “profundidade” do sentido, um “por detrás”. É dentro dessa relativização que emerge a noção de sujeito – na psicanálise enquanto, corte, ou seja, divisão, e na AD enquanto marcado pela materialidade histórica, subjetivado, interpretativo.

2.0 O SILÊNCIO: IMPLICAÇÕES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS.

A partir dos aspectos metodológicos supracitados, o silêncio, nessa dissertação, agirá como um eixo organizador a partir do qual balizaremos pontos de aproximação entre a Análise do Discurso de linha francesa (AD) e a Psicanálise (Freud e Lacan). É por meio dele que será analisado o corpus “O esquecimento de nomes próprios” de Freud em suas diferentes versões.

É também através da noção de silêncio que nos remeteremos a conceitos da AD e da Psicanálise, a fim de averiguar de que modo o silêncio pode ser compreendido como um operador¹⁴ na linguagem, pela via do sentido, em sua relação com os aspectos ideológicos da linguagem e constituição da forma-sujeito; e pela via do *non-sense*, aproximando-se, na psicanálise, do sujeito do inconsciente.

Para tanto, inicialmente, empreenderemos um breve histórico sobre como o silêncio é tratado nas ciências da linguagem e demais ciências humanas para, deste modo, possibilitar a investigação da posição que ele ocupa nestas perspectivas científicas. Nos distanciaremos do que esses paradigmas desenvolvem a respeito do silêncio, pensando-o como passível de uma significação distinta da verbal, afim de conceituá-lo via mecanismos de significação, distintamente do aspecto fenomênico sobre o silêncio, que prevalece atualmente.

O *corpus* terá, portanto, o intuito de exemplificar de que modo o silêncio agirá, ora como facilitador da coesão e coerência identitárias, abarcando aspectos da constituição do eu, ora como fissura, corte do tecido subjetivo, possibilitando o surgimento efêmero do sujeito do inconsciente. Para tal intento, trataremos dos processos de significação e subjetivação da/na linguagem, já que o silêncio é também um de seus constituintes.

Observaremos também, a partir do entrelaçamento entre teoria e análise do *corpus*, que se faz necessário um percurso na diferenciação posição-sujeito em AD e sujeito em

¹⁴ Qualquer símbolo cuja função seja a de ligar elementos previamente estabelecidos. O silêncio pode ser assim pensado a partir da noção de corte que tem como função “desconectar” elementos da cadeia significante para então unir outros e buscar novas relações. Assim, o silêncio funcionaria como uma operação de montagem/desmontagem do eu e de seus aspectos identitários.

psicanálise, de modo a compreender os posicionamentos e marcadores subjetivos da cultura no eu. Incide, nesse sentido, sobre a análise do corpus, o conceito de autoria (Tfouni, 2010) enquanto possibilitador dos distintos modos de subjetivação em Freud. Esses critérios são úteis à temática, pois através deles podemos entrever em que aspectos o silêncio age como mecanismo de coesão e coerência do eu (estando aí como marcador de posicionamento subjetivo) e em que momentos isso não acontece, fazendo com que seja possível entrever o eu em sua divisão subjetiva.

2.1 COMO O SILÊNCIO É TRATADO:

Em uma perspectiva positivista dos estudos da linguagem, os significados e sentidos das diversas experiências humanas são analisados (e interpretados) através de uma redução destes ao verbal. A partir desse conceito (advindo de um pressuposto teórico-metodológico empirista), nem sempre explícito, de que todo processo de significação pode ser reduzido à linguagem verbal, tenta-se traduzir os sentidos obtidos no silêncio, em palavras, o que anula sua forma peculiar de significar, reduzindo-o socialmente a falta de sentido ou, quando muito, ao implícito ou ambíguo.

Essa fantasia de que todos os sentidos podem ser traduzidos em palavras advém de uma ilusão de completude e transparência da linguagem e de coesão e coerência identitárias do sujeito. A constituição da linguagem passa pelo equívoco, pela falta. Ao não considerá-los na análise da materialidade linguística perde-se a multiplicidade de sentidos inerentes a ela e o sujeito torna-se preso à ideologia, fazendo uma análise languageira, ou seja, uma análise em que a interpretação não proporciona questionamento dos sentidos naturalizados pela ideologia, mas apenas repete-os. Considerar o silêncio como passível de significação distinta é, portanto, questionar a ilusão de transparência da linguagem.

A demanda por uma transparência na linguagem e, conseqüentemente, de sentido, tende a realizar uma série de infinitas tentativas de categorização dos sentidos do silêncio na qual procura-se “fragmentá-los”, buscando uma (im)possível unicidade e completude, considerando apenas os produtos e não os processos de significação (discursos), ficando o silêncio esvaziado de sentidos, sendo considerado como um resíduo verbal, isto é, aquilo que sobrou do que foi verbalizado. Essa visão acaba por dar um caráter apriorístico à linguagem verbal, restringindo seu sentido (e silêncio).

Essa perspectiva caracteriza certa ilusão de mensurabilidade e previsibilidade do sujeito e do sentido, pois tudo se torna passível de ser dito, o que corrobora com uma visão do silêncio em seu aspecto fenomênico, ou seja, ele pode ser observável empiricamente, calculado e, a partir dos dados obtidos, suas significações podem ser reduzíveis ao verbal, chegando a uma unicidade do sentido, ou, quando muito, a possibilidades variadas que podem ser calculadas e, assim, restringidas a determinados quantificadores.

Temos, pois, um sentido apriorístico do verbal em relação ao silêncio, que denota uma noção de figura e fundo para a relação de linguagem e silêncio, sendo a primeira a figura e o último o fundo. Esse pressuposto teórico-ideológico não considera a intraduzibilidade dos códigos. Os sentidos e significados são construídos de formas distintas nas diversas línguas e não é possível reduzi-los uns aos outros segundo uma única expressão de linguagem. Outrossim, sempre há algo do impossível (inalcançável) no sentido.

Na medida em que a linguagem é transparente, o silêncio também o é. Com efeito, chega-se a verdades únicas e ao sujeito enquanto centro e fonte de seu dizer. Estamos imersos, nesse sentido, na lógica cartesiana na qual o sujeito, soberano em relação ao seu dizer, manipula e controla a produção de sentidos na linguagem - ele é compreendido como sendo anterior a ela.

Outra forma de compreender o silêncio, que é também “face da mesma moeda” – ou seja, reafirma a soberania do sujeito perante o seu dizer e, portanto, também sob sua constituição –, é posicionando-o como totalmente marginal a qualquer tipo de apreensão passível de significação. Temos nesse quesito o “silêncio religioso”, que designa uma tentativa, por parte do homem, de alcançar o divino, o “além homem”. Deste modo, o silêncio é colocado como um meio de aproximar-se de divindades, uma possibilidade de transcendência.

Este silêncio também não é foco de interesse dessa dissertação, pois apenas reifica a posição do sujeito cartesiano que, enquanto homem e soberano de si, possui as palavras a sua disposição e, quando assumida uma posição de transcendência, já não é mais o homem, “animal racional”. Ou seja, colocar o silêncio enquanto lócus de transcendência é mais um sintoma da reafirmação da soberania do sujeito sobre o dizer.

Pensar o silêncio a partir desse paradigma científico não traria nada de produtivo em relação à análise do *corpus*. Como poderíamos pensar o “Caso Signorelli” a partir

dessa concepção? Questionaríamos a duração do silêncio de Freud no instante em que se deu o esquecimento do nome?

A única possibilidade de análise do silêncio que esse paradigma propõe incide por uma tentativa de preencher o modo de significação que se deu no caso Signorelli com palavras, reduzindo o silêncio à significação verbal. Essa tentativa, vinculada a uma padronização do sentido, realça o que a linguagem tem de caráter imaginário¹⁵. Poderíamos, a partir dela, concluir: “então, Freud permaneceu em silêncio por x minutos”, o que exclui a linguagem como lugar de significação, juntamente com o sujeito e o silêncio. A única inferência daí possível seria pautada no subjetivismo idealista. Essa seria uma conclusão possível, se não fosse levado em conta o sujeito “Freud” e o que ele relata sobre o incidente.

2.2 COMO TRATAREMOS O SILÊNCIO:

Em Análise do Discurso (AD) e em Psicanálise, contrariamente às perspectivas supracitadas, toda a interpretação de uma materialidade linguística é passível de equívoco, pois, segundo Orlandi (2001), “[...] os sentidos não são evidentes, embora pareçam ser. Além disso, eles jogam com a ausência, com os sentidos do não-sentido”. (p. 9)

O sentido, portanto, para a AD, constitui-se através da relação do dito (e também do “enunciável”) com o não-dito (e também impossível), sendo este uma marca da incompletude da linguagem, que carrega consigo a incompletude também da interpretação.

Essa perspectiva da linguagem coloca o sentido então como aberto, sempre “passível de tornar-se outro” (Pêcheux, 2008). O sentido encontra-se assim “sempre em curso” (Orlandi, 2001, p. 11), não sendo verificável um início ou um fim para o processo de constituição dos sentidos.

Esse impossível advém, quando aproximamos a Análise do Discurso e a Psicanálise, tanto das condições *de* produção, quanto das condições *da* produção. As condições *de* produção versam sobre a materialidade histórica, que (im)põe os sentidos possíveis de serem verbalizados em determinado momento, ou seja, os possíveis gestos de

¹⁵ Imaginário aqui remete ao registro do Imaginário em Lacan, que se revela no excesso de sentido e no aspecto virtual da relação do sujeito com o significante.

interpretação. Quanto a esses gestos e suas múltiplas possibilidades, discorre Orlandi (2001)

[...] não há sentido sem interpretação. Mais interessante ainda é pensar os diferentes gestos de interpretação, uma vez que as diferentes linguagens, ou as diferentes formas de linguagem, com suas diferentes materialidades, significam de modos distintos. (p. 9)

As condições de produção versam, portanto, sobre o entrelaçamento do discurso com a ideologia, permitindo ao analista, a partir de uma análise dessas condições, averiguar a estruturação do discurso. A forma como ele se estrutura é o que denota a constituição de seu sentido e a abrangência de seu efeito.

Já às condições *da* produção, versam sobre a possibilidade do sujeito de dizer algo, possibilidade essa que advém da impossibilidade de tudo dizer. Nesse contexto, como veremos adiante, é a partir da entrada do sujeito no simbólico, deixando de ser objeto de desejo materno para tornar-se efetivamente um sujeito - sujeito de desejo -, que a possibilidade de interpretação e, conseqüentemente, de significação, instaura-se no sujeito. F. Tfouni (1998) sobre as condições *da* produção versa que:

[...] levar a condição da produção em consideração consiste em verificar que condições tornam possível que haja discurso. Assim verificamos a necessidade de se levar em conta o sujeito desejante, numa busca eterna de seu objeto. (p. 32)

Portanto, a partir do pressuposto da Análise do Discurso, tornando relevantes os processos de significação, o sentido do sujeito e a materialidade histórica, e também os pressupostos da Psicanálise, do sujeito do inconsciente, do desejo, os chistes e atos falhos, há a instauração, na análise, do equívoco, da incompletude, tendo como referência de análise do corpus a constituição concomitante sujeito-sentido. Sob essa perspectiva poderíamos inferir, acerca da relação linguagem-silêncio, ao contrário, que ela seria o excesso, o que transbordou do silêncio. As palavras agiriam em torno dele.

A partir dessa concepção podemos inferir que “o silêncio não fala. Ele significa. No silêncio o sentido é” (Orlandi, 1992, p. 15). Os sentidos elaboram-se no silêncio de forma distinta, não sendo interpretáveis pelas formas verbais de significação. Deste modo, tanto a AD quanto a Psicanálise consideram a descentração da linguagem verbal e do sujeito, focando suas perspectivas nos sentidos construídos por ele. Devido a isso

há importância, para tais ciências, da narrativa e do equívoco, consequências da materialidade linguística.

A possibilidade de considerar o inconsciente na formação do sentido, como é visto nessas teorias, permite que se conjecture o silêncio diferentemente das teorias positivistas, sendo que esse conceito acaba por mostrar-se de extrema importância para o material de análise.

A partir do desenvolvimento teórico exposto acima, calcado na incompletude da linguagem, Orlandi (1992) realiza uma tipologia do silêncio, a fim de considerar suas distintas formas de significação nas ciências de paradigma indiciário.

Essa tipologia irá abranger dois grandes aspectos, explorados com profundidade na monografia intitulada *O silêncio como estratégia do inconsciente* (Paulon & Tfouni, 2010) que precede e fundamenta o percurso para o mestrado. Segundo Orlandi (1992) estes aspectos baseiam-se em:

- a. existir um modo de estar no silêncio correspondente a um modo de estar no sentido, ou seja, há uma relação entre sujeito e silêncio e esta relação produz uma forma de significar específica dela (já que sentido e sujeito são constituídos concomitantemente) e, dentro desse panorama, pode-se dizer também que as palavras são carregadas de silêncio (aspecto que dá a amplitude de sentidos abarcados por uma só palavra);
- b. estudar o silenciamento (“pôr em silêncio”) mostra que há meios de se produzir sentidos que implicam a utilização do silêncio, mostrando a amplitude do não-dito, o que rompe com o paradigma “silêncio = implícito”, na medida em que essa equivalência implica dizer que o silêncio depende primordialmente da significação por meio das palavras, para, depois, ser entendido seu significado.

A partir do primeiro aspecto, a autora irá desenvolver o conceito de silêncio fundador. Este é proposto para afirmar a anterioridade do silêncio em relação às palavras. A autora postula que todos os sentidos estão contidos no silêncio, lugar onde o devir se impõe, e que as palavras apenas discretizam alguns desses sentidos, já contidos na materialidade significante do silêncio.

O segundo aspecto será nomeado pela autora de Políticas do silêncio e, a partir dele, Orlandi (1992) desenvolve as noções de silêncio constitutivo e silêncio local.

O silêncio constitutivo é construído pela autora a fim de denunciar a não-literabilidade do sentido. A forma como se estruturam os enunciados e o emprego que é

feito a partir dos processos de naturalização ideológicos, evidenciam o silenciamento de outros sentidos que estão inclusos no dito. No entanto, como veremos a partir de alguns fragmentos de análise do corpus, é possível entrever os sentidos omitidos a partir de movimentos parafrásticos, observando a multiplicidade de sentidos inerente aos processos de enunciação. É ao silêncio constitutivo, porquanto, que relacionamos a máxima da AD: “*dizer x para não dizer y*”, sendo que *y* aparece deslocado na cadeia enunciativa, mesmo que não tenha sido dito. É também por ele que podemos evidenciar que todo dito inclui, necessariamente, um não dito. O silêncio constitutivo, como estabelecemos previamente, auxilia a construção sintagmática do sentido. A partir da intersecção de associações em que este último se localiza, que será desenvolvido no sintagma (Saussure, 2006), há um silenciamento de diversos sentidos que, devido a sua ausência, dão uma significação distinta ao enunciado. Uma forma de evidenciar esse mecanismo é a partir da elaboração de movimentos parafrásticos, que denunciam os não-ditos do texto.

O silêncio local, por sua vez, é descrito por Orlandi (1992) como a possibilidade do sujeito deslocar-se no sentido de forma consciente, a partir de seu saber sobre a língua. Nesse quesito temos como exemplo a música *Cálice* de autoria de Chico Buarque que, ao filiar-se aparentemente a uma Formação Discursiva Religiosa (*Pai, afasta de mim esse Cálice!*), possibilita, pela elucidação das condições de produção, averiguar uma outra possibilidade de sentido, oriunda da relação de homofonia entre *Cálice* e *Cale-se*, denunciando o silenciamento realizado pela ditadura militar.

Vemos que a estratégia de Orlandi (1992) para compreender o silêncio a partir da ciência indiciária é válida para uma aproximação inicial do conceito de silêncio, por salientar que não há relação de anterioridade, por exemplo, entre o verbal e o silêncio. Além disso, a tipologia mostra que há formas de significação realizadas através do silêncio, o que não é considerado por outras ciências.

No entanto, levantamos um questionamento em relação a existência de uma anterioridade do silêncio a palavra. Colocar essa relação significa quase reafirmar o caráter de transcendência do silêncio enunciado no item anterior, como se ele fosse apreendido como um local mítico, em que todos os sentidos fossem alcançáveis e fundados.

Nós não corroboramos com a perspectiva de que todos os sentidos são fundados pelo silêncio. Diferentemente dessa concepção, concordamos com o exposto por F. Tfouni (1998) que defende a fundação do sentido e do desejo enquanto apontamento da

entrada do sujeito na linguagem, a partir do interdito. É, portanto, devido à impossibilidade de tudo dizer que é possível dizer algo, sendo a relação linguagem-silêncio concomitante.

A gravura abaixo, denominada *Relatividade*, de M. C. Escher (1953), possibilita ilustrar a referida concepção. Esta imagem pode ser observada a partir de diversas perspectivas que não se anulam, mas se modificam a partir do olhar. As diferentes perspectivas são efeitos da tentativa do sujeito de completar-se em sua relação com a linguagem, por meio do sentido. “O que ocorre é um efeito oposto: milhares de perspectivas são desenvolvidas, abarcando diferentes conjecturas” (Paulon e Tfouni, 2010, p. 32). Apostamos que essa é a relação entre linguagem e silêncio.

M. C. Escher, Relatividade, 1953 (p. 63,2009/2010).

Sobre esta gravura, Escher (1994), afirma:

Três planos de gravitação agem aqui verticalmente uns sobre os outros. Três superfícies terrestres, vivendo em cada uma delas seres humanos, intersectam-se em ângulo recto. Dois habitantes de mundos diferentes não podem andar, sentar-se ou

ficar em pé no mesmo solo, pois a sua concepção de horizontal e vertical não se conjuga. Eles podem, contudo, *usar a mesma escada* [itálico nosso]. Na escada mais alta das aqui representadas, movem-se, lado a lado, duas pessoas na mesma direcção. Todavia, uma desce e a outra sobe. É claramente impossível um contacto entre ambas, pois vivem em mundos diferentes e não sabem, portanto, da existência uma da outra. (p. 15)

O excerto acima é de suma importância para a compreensão que realizamos do silêncio: é possível haver “vários mundos”, as pessoas que vivem neles, no entanto, não podem comunicar-se, mas, “usar a mesma escada”. A possibilidade de existência em vários mundos possíveis (diga-se, contingentes) tornar-se impossível a partir de uma tomada de posição (a horizontal e a vertical são diferentes para cada pessoa). A marca desse impossível na linguagem é o silêncio, que, enquanto operador, tampona a possibilidade de outros processos de significação.

Outrossim, a perspectiva psicanalítica corrobora essa noção de silêncio enquanto constituinte e estruturante da linguagem. Nasio (1989), nesse sentido, propõe uma polarização do conceito de silêncio: *silere* e *tacere*¹⁶. *Silere* seria o silêncio primordial, relacionado ao vazio e ao movimento pulsional. *Tacere* seria o silêncio da palavra não dita. Aquilo que não foi dito, no entanto, poderia ter sido enunciado. O silêncio, portanto, da falta.

Silere abriria para o múltiplo no sentido na relação do sujeito com o impossível, promovendo escanções e deslocamentos¹⁷. Por essa via, se relacionaria com a palavra plena, conceito enunciado por Lacan no *Seminário Livro 01: Os escritos técnicos de Freud* (1953-54/1998). Esta promove, pois, um descolamento do sentido habitual, remetendo a verdade do sujeito.

Já *tacere* - o silêncio da falta - seria aquele que se remete a *palavra vazia* (Lacan, 1953-54/1998). Esta, contudo, não se aproxima da verdade do sujeito, pois se detém a sua mera função fática. Deste modo, *tacere* evidencia a repetição, o apego à obviedade do sentido, tamponando o furo no sujeito. Poderia, portanto, se relacionar com o excesso de sentido, com a presença de algo gerador de resistência por promover a presença massiva de um sentido da verdade do sujeito e que, então, como efeito da resistência no eu, ao invés de surgir, é velado. Lacan (1953-54/1998), a esse respeito, exemplifica com o enunciado “eu realizo de repente o fato da sua presença” (p. 52).

¹⁶ *Silere* significa silenciar e, *Tacere*, calar; ambos advindos do latim.

¹⁷ *Silere* relacionar-se-ia, portanto, a partir dos eixos expostos por Jakobson (2007a) ao eixo metonímico. Iremos desenvolver essa relação adiante ao elucidarmos os procedimentos metodológicos.

O que seria “de fato” essa presença? Lacan, em seu seminário, remete o enunciado à presença do analista. Poderia, no entanto, ser a presença de um sentido? Afinal, só se cala algo que existe para ser calado, como se o fato da presença do analista personificasse por si só o sentido recalcado.

Nessa mesma via, então, Lacan (1953-54/1998) conclui: “É no movimento através do qual o sujeito se revela que aparece um fenômeno que é a resistência” (p. 53). Vemos, deste modo, que a partir da possibilidade de emergência da verdade surge à resistência; momento em que se fecha o sentido através da presença de um buraco na cadeia significante, no relato do caso Signorelli, por exemplo.

Observamos, a partir dessa movimentação entre revelação e resistência, que o que poderia ser analisado, enquanto mecanismo que possibilita a constituição da cadeia de significação na materialidade linguística, seria a dialética estabelecida entre *silere* e *tacere*.

Deste modo, em movimento de abertura (*silere*) e fechamento (*tacere*) do sentido, o sujeito poderia emergir em sua verdade, relacionada ao complexo traumático. Essa dialética só possibilita ao sujeito circular em torno do núcleo traumático, realizando, como coloca Freud, uma aproximação radial¹⁸ (1900/2012).

A dialética entre *silere* e *tacere* operaria, portanto, na cadeia significante a partir dos processos de significação, de alienação e separação, que são de suma importância para o aparecimento do sujeito. Destarte, é a partir dessa operação na cadeia significante que se estabelece o sentido entre o dizer e o dito, o enunciado e a enunciação, em um movimento constante de hiância, em que opera o silêncio em sua relação com a linguagem, constituindo as múltiplas possibilidades do dizer.

A dialetização do silêncio se dá nos mesmos eixos de linguagem propostos por Jakobson (2007a), a partir da função poética, metafórica e metonimicamente. Poderíamos pensar em *tacere* como relacionado principalmente ao eixo da metáfora, uma vez que ele promove a escanção dos sentidos por processos de similaridade; e em *silere* como primordialmente ligado ao eixo metonímico, pois provoca deslocamentos no sentido.

Mesmo que uma se sobressaia em relação à outra em determinados momentos do discurso do sujeito, é impossível que esse fique apenas em um dos eixos de

¹⁸ Freud enuncia pela primeira vez a noção de núcleo traumático e de aproximação radial em *A interpretação dos sonhos* (1900/2012), quando conceitua a noção de umbigo do sonho. O umbigo do sonho é o impossível, o inalcançável no sentido do sonho e que, justamente devido a isso, possibilita a movimentação do sujeito.

linguagem. Isso será considerado por Jakobson (2007b) como afasia, ou seja, um distúrbio de linguagem que limita o processo de significação do sujeito. As limitações dos eixos de linguagem, a partir de nossa suposição, se relacionam aos movimentos do silêncio na cadeia significante e remetem a determinada intencionalidade do sujeito falante com a constituição do sentido. É como se, pelo apego ao sentido, o sujeito se tornasse momentaneamente afásico, a fim de apagar um dos processos de significação da cadeia (seja metafórica ou metonimicamente). Iremos observar como o silêncio opera nessa constituição.

Vemos, portanto, que em um primeiro momento, há aproximações possíveis entre a Análise do Discurso e a Psicanálise por meio do conceito de silêncio. Ambas as teorias, calcadas na incompletude da linguagem, remetem a uma repetição do sentido (no caso da AD, pelos aspectos ideológicos e relações interdiscursivas e, na psicanálise, pela noção de resistência) e abertura deste, denominada de polissemia (o que na Análise do Discurso será nomeado como acontecimento discursivo e na psicanálise se relacionará a verdade do sujeito, remetendo a sua singularidade).

Nesse sentido, trabalharemos a partir dessa hipótese teórica na dissertação, de modo a aprofundar, por meio da interlocução de conceitos, tanto da Análise do Discurso quanto da Psicanálise, a noção de silêncio enquanto estruturante da relação do sujeito com a linguagem, entrevendo, pois, as modalidades subjetivas assumidas na constituição do eu.

3.0 A LINGUAGEM E SEUS ASPECTOS CONSTITUTIVOS:

Na obra *Nomes Indistintos* (2006), Jacques Milner estrutura a noção de língua como sendo o próprio nó-borromeo, de modo que assim como o Real, o Simbólico e o Imaginário estão totalmente articulados, assim também está a língua. Para tanto, ele emprega caracterizações que ora remetem a um registro, ora a outro, expondo o modo de funcionamento delas em cada um dos registros:

Existem três suposições. A primeira [...] é que há: proposição tética que só tem por conteúdo sua própria posição – um gesto de corte, sem o qual não *há* nada que exista. Chamaremos isso de real ou R. Outra suposição, dita simbólica ou S, é que *há alíngua*, suposição sem a qual nada e singularmente nenhuma suposição, poderia ser dita. Uma outra suposição, enfim, é que *há semelhante*, na qual se institui tudo o que constitui laço: é o imaginário ou I (p. 07).

A partir dessa breve explanação, o autor mencionado inicia seu livro, demonstrando que o nó não se desfaz e que está na própria língua. As caracterizações comumente vinculadas a um ou outro registro não são restritas aos mesmos, isto é, elas atuam de modo “unânime” no nó, já que se fazem presentes na extensão de todos os registros. Com base nessa tese, o autor propõe:

De modo que o nó tem em cada um de seus elementos as propriedades que, como conjunto, ele enuncia; mas, reciprocamente, cada um de seus elementos nomeia uma propriedade que afeta o conjunto, considerado coletivamente, e cada um dos elementos, considerados distributivamente (p. 10).

No capítulo que se inicia, buscaremos, a partir da tese proposta por Milner, observar a constituição da linguagem enquanto nó, com o objetivo de problematizarmos de que forma o silêncio entra aí como constitutivo na língua. Com base nessa perspectiva, iremos separar os distintos aspectos da linguagem, sempre pensando-os como interpretados a partir de um ou outro registro do nó borromeo, embora saibamos que eles são indistinguíveis e conectados. Assim, realçaremos os aspectos do Imaginário por meio das noções de subjetividade, ideologia, formações discursivas e posições-sujeito, uma vez que é nesse registro que se faz possível uma relação com o sentido que sustenta, ainda que momentaneamente, uma certa coesão e coerência com os aspectos identificatórios do sujeito.

Remeteremos ao Simbólico os processos de significação – na medida em que a cadeia significante deve comportar, para alcançar a singularidade do sujeito, a noção de valor do signo, tal como proposta por Saussure (2006), a qual remete à constituição do sentido pela diferença, fazendo, com isso, uma relação com a noção de traço em psicanálise (Lacan, 1961-62/2003). A noção de significante, seja como suporte gráfico ou como imagem acústica, é o que permite a sustentação desse traço identificatório primordial, que irá guiar os processos de significação do sujeito.

Ao Real, remeteremos as impossibilidades da linguagem, que são evidenciadas pelo silêncio, no nada e ora na falta (acusadora de que o nada houve). É com base nessa constituição que pensaremos as conceituações da AD e da Psicanálise aqui utilizadas, a saber: a paráfrase, a polissemia, os atos falhos e chistes, analisados nesta dissertação,

estarão enodados por essa concepção de linguagem e apontaremos, nessas formações do inconsciente¹⁹, os traços de cada um dos registros apresentados por Lacan.

3.1 A LINGUAGEM E SEUS ASPECTOS SUBJETIVADORES:

O SENTIDO É UM SOLUÇÃO.
(CLARICE PIMENTEL PAULON, 2013)

A relação do sujeito com a linguagem é a relação com um mediador. Sempre do eu ao outro (e da constituição dessa dialética), a vinculação estará associada a um terceiro: a linguagem. No entanto, de que forma essa mediação se efetua e a partir do quê?

A linguagem ocupa, de acordo com Coelen (2012), o lugar do vazio e nele se efetua. É nesse espaço - que pode ser compreendido como o nada, ou então, como não sendo nada - que o acontecimento discursivo ocorre. Nesse sentido, poderíamos considerar, por exemplo, que o engajamento positivista nos estudos da língua é uma ilusão, na medida em que, segundo o positivismo, a língua só “provaria” os fatos de si mesma, ou seja, a sua existência em si. Uma vez que o sujeito está inserido no campo da linguagem, não existiria via de acesso ao outro que não passe pela própria linguagem²⁰. A densidade dessa proposição é tamanha, que seria possível, inclusive, questionar, com base na leitura do *Seminário 9: A Identificação* (Lacan, 1961-62/2003), se existiria o outro, do modo como o conhecemos, sem a linguagem. Assim, categorizados como sendo seres de linguagem é, portanto, do âmbito do impossível que o homem viva “fora” dela.

A relação sujeito/língua é também amplamente debatida por Safouan em *A Palavra ou a Morte* (1993). Nessa obra, o autor desenvolve um estudo sobre o sentido e a lei, questionando a suposta anterioridade da natureza em detrimento da ordem simbólica. Safouan reforça, por conseguinte, a nossa hipótese da primazia da ordem

¹⁹ Compreendemos que a paráfrase e a polissemia também estão incluídas nas formações do inconsciente já que jogam com as possibilidades de sentido na linguagem que são interpretadas e “alteradas” - como que estranhadas - pelo sujeito.

²⁰ Um filme que facilita pensar esta entrada na linguagem é *O gato do Rabino* (2011), que conta a história de um gato que, “de repente” - assim como é com o homem -, começa a falar. A partir disso, todo o processo de significação passa a ser fundado na linguagem, sendo do âmbito do impossível ao animal voltar ao estado anterior, onde não tinha acesso à linguagem.

simbólica / linguagem como o único meio do homem “estar no mundo”, já que, segundo o autor, a única forma de fundar uma origem do homem enquanto ser falante, ou seja, inserido na cultura, é pelo mito, sendo inacessível qualquer “forma de vida” anterior a ordem simbólica.

É a partir dessa perspectiva do impossível no âmbito da linguagem, ou seja, do sujeito desvincular-se, abster-se, não “engajar-se” no que diz, que iniciaremos a revisão de uma das consequências da entrada na língua, a saber: a forma de subjetivação do sujeito a partir da sua posição, constituída por meio da noção de sentido.

Segundo Milner (2006), há aspectos da linguagem que fazem Um relacionado ao Imaginário, já que esse Um se dá pela possibilidade de síntese e de antítese de alguns sentidos, o que o autor denomina de “construção da realidade” (p. 16), em distinção do Um Simbólico, que se traduz na noção de corte. Esse Um se mistura ao Mesmo no registro do Imaginário, possibilitando simetria e semelhança a um significante que, no entanto, não as carregam em seu cerne.

Desse modo, conforme as ideias de Milner (2006), conjectura-se “um tecido de semelhante e de dessemelhante, que podemos da mesma forma constituir como todo do representável...” (p. 08). Essa constituição traz a noção de coesão e coerência aos aspectos subjetivadores do sujeito constituído pela linguagem. É pela construção desse tecido, costurado pelo sentido, que é possível ocorrer a identificação, em seu aspecto imaginário.

Essa perspectiva possibilita vislumbrar a subjetividade como uma predicação ao sujeito, já que ela é advinda da linguagem, o que será elucidado pelos pressupostos teóricos da Análise do Discurso (AD).

Para a AD, existem aspectos constituintes do discurso que evidenciam relações específicas língua – sujeito. Essas relações constituem características subjetivas observadas na materialidade da língua.

Inicialmente, utilizaremos os dois esquecimentos propostos por Pêcheux (2009) para visualizar a constituição do tecido subjetivo na atualidade. Em *Semântica e Discurso* (2009), o autor enuncia:

[...] às consequências desse deslocamento, pelo qual o sujeito *subordinado* à verdade de seu discurso, na época clássica, se torna progressivamente *fonte* desse discurso, enquanto um nó de necessidades, de temores e de desejos; resta-nos expor o último elo do desenvolvimento histórico que estamos examinando, a saber, a aparição das filosofias da subjetividade,

com a “teoria do conhecimento” que lhe corresponde, assim como uma função nova da linguagem e da retórica [...] (p. 46).

Observamos nesse trecho, ainda que de modo embrionário, o conceito de Esquecimento nº 01, desenvolvido por Pêcheux posteriormente no livro. O Esquecimento nº 01 consiste na ilusão do sujeito de ser fonte de seu dizer, negando, com isso, a materialidade discursiva circundante, ou seja: aquilo que se diz já foi dito por outrem, em outros contextos, o que, no processo enunciativo do sujeito, fica apagado, devido ao mecanismo desse Esquecimento.

Segundo a perspectiva de Pêcheux, essa mudança ocasionada pelo Esquecimento nº 01 ocorreria devido a um *deslocamento* do sujeito subordinado à verdade de seu discurso (como nas formações discursivas religiosas) para se tornar fonte dele. Essa modificação só seria possível devido às mudanças sociais e do sistema econômico vigente, tal como a passagem de um sistema feudal para um sistema burguês-capitalista; e de uma relação dogmático-religiosa com o mundo para uma relação científico-empirista.

Desse modo, o sujeito se torna gradativamente “dono de seu dizer”, o que corrobora com a ilusão de profundidade e de uma “subjetividade interior”, realizando, assim, uma cisão interno-subjetivo/ externo-objetivo. Sobre esse aspecto, o autor afirma:

[...] a nova forma conceptual resultante, dominada pela categoria da *subjetividade* aparece na reelaboração que Kant e seus sucessores fazem da oposição aristotélica entre contingente/ necessário, através da questão da inerência do predicado ao sujeito (ou conceito) ao qual ele se aplica (Pêcheux, 2009, p. 47).

A partir da leitura que realizamos de Pêcheux, compreendemos a subjetividade como um predicado do sujeito, algo pensado na superfície da linguagem. Sendo assim, poderíamos evidenciar, via ideologia, que a subjetividade é a *naturalização* da relação do referente com o seu “objeto”²¹, o que recai na literalidade do sentido.

Entende-se, portanto, a subjetividade como construção desse tecido de semelhante e dessemelhante, o qual Milner (2006) nomeia como realidade. É ela que proporciona o desenvolver de sentidos aparados em suas características ideológicas.

²¹ Seria uma questão de naturalização do sentido com a constituição do significado, abordada no subcapítulo seguinte.

A ideologia é um conceito em Análise do Discurso que possibilita vislumbrar a naturalização dos sentidos. Por meio da ideologia dominante, podemos observar uma ilusão de literalidade dos sentidos, o que promove alienação em relação a sentidos específicos que circulam na sociedade, independentemente das classes sociais. Assim, qualquer um poderia ter, por exemplo, um discurso voltado ao sentido promovido pela ideologia dominante, já que a análise “linguageira” não questiona a produção de sentidos, o que se desdobra, como consequência, na repetição dos sentidos já instituídos.

Essa repetição de sentidos está relacionada diretamente ao Esquecimento nº 01 enunciado por Pêcheux (2009), já que ele é efeito dessa noção de subjetividade e interioridade, ilusão do sujeito enquanto fonte de seu dizer. Vê-se por esse viés que a noção de subjetividade é efeito da relação do sujeito com a linguagem, pautada nos aspectos ideológicos vigentes.

Associado ao Esquecimento nº 01, Pêcheux enunciou o conceito de Esquecimento nº 02, de origem pré-consciente²². Esse Esquecimento se associa às condições do enunciado. É por meio da “escolha” das palavras que formarão o dito que é possível ter uma ilusão de “controle” sobre o sentido. Ele corrobora também a concepção de sujeito cartesiano, o sujeito da ciência, fonte de seu dizer e consciente do que diz: para o sujeito da ciência, mesmo que algo não esteja consciente em determinado momento, este conteúdo é facilmente acessado por meio da ideia do livre-pensar e da noção de memória enquanto um arquivo fixo/ fechado. Segundo esse modelo de sujeito, não haveria atualização da memória no dizer, pela relação interdiscurso-intradiscurso. A ilusão de total consciência realizada pelo eu é efeito dos mecanismos do Esquecimento nº02.

É sob essa ótica, que a máxima da AD irá surgir: “dizer *x* para não dizer *y*”; aparentando, assim, uma “livre escolha do sentido”, no entanto, *y* aparece deslocado na cadeia significante, podendo ser entrevisto por meio de pistas linguístico-discursivas na materialidade significante da cadeia associativa.

O *y*, que aparece deslocado, é considerado por nós como um traço latente (Freud, 1923/1987) da cadeia, que retorna. Segundo Freud (1923/1987) o conteúdo latente pode ser considerado inconsciente no sentido descritivo, mas não no sentido

²² Importante ressaltar que os dois Esquecimentos propostos por Pêcheux estão vinculados à 1ª tópica freudiana: consciente, pré-consciente e inconsciente, sendo o 1º Esquecimento de origem inconsciente e o 2º de origem pré-consciente.

dinâmico já que ele, por meio da mobilização de investimentos de energia, pode vir a ser consciente. Ele é o reprimido que evidencia o aspecto inconsciente do eu, qual seja, a contradição inerente ao sujeito: “a antítese entre o ego coerente e o reprimido que é expelido (*split off*) dele.” (1923/1987, p. 11)

É possível observar essa dinâmica no “Esquecimento de Signorelli”. Nesse episódio relatado em *Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana* (1901/1987), Freud e seu interlocutor dialogavam sobre diversos assuntos que remetiam ao fundador da psicanálise diversos outros, os quais ele escolheu não comentar. Os assuntos omitidos apareceram, no entanto, da mesma forma, por meio do Esquecimento do nome Signorelli, que condensava todos eles nesse significante. Signorelli surge, assim, como um fragmento metonímico na cadeia, que aparece ligado metaforicamente ao esquecimento. Essas relações conceituais serão explicitadas adiante.

É necessário também evidenciar que Freud nomeia as temáticas suprimidas da conversa como “perturbações externas” (1898/1987, p. 275) ao diálogo. Para que seja possível a atualização da memória, a lembrança deve se associar, conforme Freud anunciou em *O Ego e o Id* (1923/1987), a algo externo, capaz de oferecer um traço de realidade ao sujeito. Freud (1923/1987) afirma que a linguagem ocuparia o lugar daquilo compreendido como o externo, que é capaz de ressignificar a atualização da memória:

O papel desempenhado pelas representações verbais se torna agora perfeitamente claro. Através de sua interposição, os processos internos de pensamento são transformados em percepções. É como uma demonstração do teorema de que todo conhecimento tem sua origem na percepção externa. (p. 13)

É, portanto, *sine qua non* pontuar que essas “perturbações externas” à conversa são demarcações da língua que evidenciam a subjetividade no *eu* de Freud. Essas demarcações, por meio da “transformação dos traços mnemônicos em representantes verbais” (Freud, 1923/1987, p. 27), culminam no sintomático esquecimento²³.

Na “esquecidade” de Freud, pode-se observar também contornos ideológicos da relação do sujeito com a linguagem. A ideologia em AD - agindo via naturalização do sentido, como se o dito fosse o único dizer possível - é efeito da materialidade histórica e dos movimentos desta. A ideologia dominante determina, assim, a noção de

²³ Retomaremos essa questão mais adiante, no capítulo quarto desta dissertação.

literalidade do sentido, o que pode ser compreendido como um dos aspectos imaginários da relação com a linguagem.

Estes traços ideológicos podem ser entrevistados por meio da relação de Freud com seus interlocutores. Para que se construísse uma narrativa, Freud imaginava os movimentos e as expectativas daqueles que entrariam em contato com seus escritos, com o objetivo de organizar uma noção de coesão e coerência textuais, que ressoassem em coesão e coerência identitárias.

Essas perspectivas remetem a diferentes posições-sujeitos²⁴ assumidas por Freud, pautadas na suposição de Freud de determinado interlocutor.

Podemos observar, por exemplo, que, enquanto Freud silenciou alguns aspectos aos seus leitores - como, por exemplo, ter de fato conhecido a pessoa com quem viajava - ele não os omitiu à Fliess. Essas distinções remetem a momentos diferentes de sua escrita, sendo o primeiro pautado na formalização de sua teoria e determinado pelo discurso científico de uma época; e o segundo fundamentado na relação que mantinha com Fliess, seu Outro interlocutor.

Além dos aspectos ideológicos relacionados às diferentes formas de apresentação do caso Signorelli, há aqueles constituintes do sentido na “esquecidade”. É devido à ideologia dominante calar alguns mecanismos de fabricação de sentidos que eles aparecem deslocados. A questão da sexualidade, por exemplo, pautada pelo autor era uma temática, naquela época e contexto social, extremamente íntima, o que promove modos de subjetivação distintos e um acesso outro aos sentidos que tenham como referente à sexualidade. Freud (1898/1987) escreve: [...] ao relembrar essas histórias em minha viagem para a Herzegovina, suprimi a segunda, em que se abordava o tema sexualidade. (p. 278). No texto de Psicopatologia da Vida Cotidiana (Freud, 1901/1987) ao recordar a relação dos turcos com a sexualidade ele diz: “Suprimi a comunicação desse traço característico por não querer tocar nesse tema com um estranho.” (p. 18).

Podemos observar nesses fragmentos, aspectos subjetivadores dos modos de operação da linguagem no social que se relacionam com a constituição dos sentidos via

²⁴ Resultado da relação que se estabelece entre o sujeito do discurso e a forma-sujeito de uma dada formação discursiva. Uma posição-sujeito não é uma realidade física, mas um objeto imaginário, representando no processo discursivo os lugares ocupados pelos sujeitos na estrutura de uma formação social. Deste modo, não há um sujeito único mas diversas posições-sujeito, as quais estão relacionadas com determinadas formações discursivas e ideológicas. (Glossário de Análise do Discurso, UFRGS)

silêncio, pois há a possibilidade de calar eventualmente sentidos que não se queira compartilhar, no entanto, não sem consequências²⁵.

Para a Análise do Discurso, esses aspectos da subjetivação recaem nas condições de produção para que seja possível que exista discurso: as possibilidades de sentido via ideologia, a porosidade das formações discursivas e as formações imaginárias são todos conceitos pertinentes para a compreensão dessa relação com a materialidade linguística, critérios para compreender os modos de subjetivação dos aspectos sociais.

Nessa perspectiva de subjetivação da/na materialidade linguística, observamos que o silêncio age como limitador de sentidos específicos, demarcados pela ideologia dominante e pelas relações imaginárias assumidas pelo sujeito. Sendo assim, o silêncio sai do âmbito do fenômeno para se colocar como operador de uma lógica discursiva, calcada na incompletude da linguagem. Ele corrobora com a constituição de coesão e de coerência identitárias fundamentadas na ideologia vigente. Relaciona-se com a constituição de um eu e está incluso na linguagem: é o silêncio do não-dito, contudo, enunciável, embora (im)possível, a partir dos pressupostos ideológicos que determinam as condições de produção daquele discurso que apareça em outro lócus discursivo que o que de fato emerge.

É somente a partir de outras condições de produção discursiva, que seria possível a enunciação desse sentido, ou seja: o silêncio, como operador de aspectos subjetivos do sujeito, seria marca do impossível no Imaginário; em outras palavras, é impossível que aquele sentido surja de outro modo senão como aparece, deslocado em y.

O sentido seria, portanto, um marcador subjetivo do indivíduo com a linguagem. Gaufey (2010) o coloca como coagulador imaginário, ao qual o eu, sujeito do enunciado, se prende para constituir sua identidade.

Esse marcador subjetivo remete, no campo da Análise do Discurso, às formações imaginárias, que darão limites e sustentação às formações discursivas. É em determinados sentidos que circulam na materialidade significante, que o sujeito vai aderir, constituindo assim um eu, um conjunto de significações que irá remetê-lo a identificações com determinados grupos sociais.

Quando Freud (1898/1987), ao expor o modo como acessou novamente o nome do pintor, diz: “esbarrei num italiano culto...” (p.277). Esse enunciado se refere aqui às

²⁵ Desenvolveremos melhor a análise das citações acima posteriormente, ao desenvolvermos a relação entre silêncio e forma-sujeito.

formações imaginárias nas quais o eu se alienou. É a partir dessa identificação imaginária, perceptível pela caracterização que Freud faz de seu interlocutor, que ocorre o “processo de cura”, ou seja, o nome do pintor é resgatado e Freud pode lembrar-se dele e associá-lo às demais pistas discursivas. Assim, é somente pelo “resgate” do nome que Freud pode associá-lo aos resquícios metonímicos da cadeia, sendo essa associação do âmbito da *sincronia*. Para que ocorra tal associação, Freud precisou se identificar imaginariamente a um outro, desencadeador do processo, o que demonstra que as coagulações imaginárias agem como uma “válvula dupla” de ocultamento e aparecimento do sentido. No saber psicanalítico, essa duplicidade remete ao aparecimento ou desaparecimento do sujeito - desaparecendo quando alienado ao sentido, surgindo, quando separado desse.

É pelo processo de “imaginarização” que se ordenam diacronicamente as associações. De acordo com essa perspectiva, as formações imaginárias auxiliariam o eu a se organizar, oferecendo-lhe características de coesão e coerência. O silêncio, no âmbito da diacronia (imaginária), seria o operador que possibilita articular os sentidos do sujeito com o não-sentido, propulsor da ilusão do eu, já evidenciada por Pêcheux (2009) nos dois Esquecimentos.

Assim, o desenvolvimento das formações discursivas e sua relação com a discursividade – relação essa que se estrutura por meio do silêncio – se tornam essenciais para a “garantia” de uma coerência do eu. Desse modo, podemos vislumbrar, discursivamente, que, por mais que a polissemia se aplique a qualquer fala, o discurso tende a se encerrar num sentido específico, que remete às formações discursivas às quais o eu se encontra alienado, aparecendo aí a impossibilidade do sentido via silêncio.

Essa face da alienação ao sentido é de suma importância para a análise do *corpus*, pois se trata de três elaborações específicas de Freud que, no entanto, circulam dentro da mesma formação discursiva: a da cientificidade. A preocupação de Freud é clara no momento em que escreve à Fliess sobre o “Esquecimento de Signorelli”: “como posso tornar isso crível aos olhos de outrem?” (Freud, 1898, citado por Masson, 1986, p. 328).

Cartas datadas da mesma época demonstram a preocupação de Freud em mostrar a cientificidade de sua teoria:

Até aqui, as coisas vão indo muito bem no tocante à compreensão e à aplicação de minhas próprias hipóteses. Naturalmente este é um período de

poucas explicações. Estou ficando cada vez mais inseguro quanto ao trabalho sobre a histeria, seu valor me parece menor... (Freud, 1898, citado por Masson, 1986, p. 325)

[...] à parte essa convicção, não sei como prosseguir, nem teórica, nem terapêuticamente, de modo que preciso comportar-me como se apenas o psicológico estivesse em exame. Porque não consigo encaixá-los [o orgânico e o psicológico] é algo que nem sequer comecei a imaginar. (Freud, 1898, citado por Masson, 1986, p. 327)

Esses fragmentos evidenciam como Freud, à época, se preocupava com o caráter científico de sua teorização, como maneira de fazer com que ela se tornasse “crível aos olhos de outrem” (1898, citado por Masson, 1986, p. 325).

Essa preocupação é também evidenciada por meio da modificação da organização da escrita do artigo publicado no jornal *Monatsschrift für Psychiatrie und Neurologie* (1898/1987), para o capítulo presente em *Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana* (1901/1987), o que demonstra ainda mais uma tentativa de formalização da teoria através de paradigmas científicos. Assim, enquanto no artigo Freud desenvolve seu texto a partir de características semelhantes à da narrativa, no livro ele se utiliza de categorizações, o que promove uma perspectiva mais científica (imaginariamente) de formalização do trabalho.

O modo como compreendemos a formalização científica de cunho empirista se aproxima da tentativa de isenção da presença de um eu, isto é, o escritor no enunciado. Pela elipse do sujeito do enunciado ou pela utilização de vozes verbais generalistas, o discurso científico procura “apagar” os marcadores subjetivos, numa tentativa de universalização de “pontos de vista”.

Observamos que Freud muda radicalmente a elaboração de um para o outro texto, o que pode se relacionar com a necessidade de caracterizar a teoria como científica, de acordo com os padrões (ideológicos) da época. No artigo de 1898, o texto segue mais fluido com a presença de marcadores subjetivos, tal como se pode observar nos seguintes excertos: “O fenômeno do esquecimento *que eu gostaria* [itálico nosso] de descrever [...]” (p. 275) e “[...] o que nos força a pedir sua ajuda, em geral, ineficaz. ‘Como é mesmo o nome dele? Eu sei tão bem! Está na ponta da língua. De repente me escapou’” (p. 275). Sendo nessas citações importante ressaltar que esses marcadores dão um aspecto mais informal ao texto de Freud, apontando à subjetividade do autor.

Já no capítulo do livro em questão (Freud, 1901/1987), o autor tenta isentar o texto desses marcadores, empregando uma linguagem mais formal, fundamentada em categorizações que visavam organizar cientificamente a temática (a, b, c, d, e), semelhante ao modo de operação do método científico.

Por meio da incursão que realizamos a fim de averiguar as características imaginárias da língua, observamos que os aspectos ideológicos e as formações discursivas e imaginárias podem ser compreendidos como os marcadores subjetivos do sujeito. Sendo assim, os processos de construção do eu são constituídos através da linguagem, sendo sempre um predicado naturalizado associado ao sujeito.

De acordo com essa perspectiva, observamos que o silêncio opera como limitador de sentidos, demonstrando um (im)possível perante os processos de significação, que são determinados pelas condições de produção vigentes, calcadas nos aspectos ideológicos que constituem as posições-sujeito. É uma operação do impossível que, no entanto, funda a possibilidade de coesão e coerência identitárias, por meio do apego ao sentido. Em outras palavras, é uma faceta do impossível que se sustenta no interdito, fundadora do sentido²⁶.

Já pontuamos brevemente que essa alienação por sentidos determinados ideologicamente aponta para a divisão do sujeito, considerada como uma marca do sujeito da ciência (também conhecido como sujeito moderno)²⁷. É devido a essa divisão, “fundada” e observada na linguagem, que se pode apreender o efeito do silêncio na linguagem. Sendo ele, assim, decorrente da subjetividade na modernidade. A problematização que abarcaremos nessa dissertação não se refere, portanto, a nenhuma universalização a-histórica e não contextualizada, e sim a uma contextualização do conceito de silêncio na modernidade, fundamentada no sujeito dividido.

Juntamente com estes aspectos subjetivadores da materialidade linguística, existem processos de significação que se encontram “para além” do sentido. Estes processos ocorrem concomitantemente, sendo separados em subitens nessa dissertação apenas como uma tentativa de melhor compreensão do campo analisado. Os processos de significação serão analisados no subitem seguinte.

²⁶ Pautamos nossa noção de interdição através do proposto por F. Tfouni (1998): O interdito como fundador do discurso.

²⁷ Sobre a noção de sujeito moderno, nos apoiamos no que diz Lacan (1961-62/2003) que aponta para a divisão do sujeito através da re-inscrição da máxima cartesiano “Penso, logo sou” para “Penso onde não sou, sou onde não penso”.

3.2 OS PROCESSOS DE SIGNIFICAÇÃO E A LINGUAGEM:

Vimos, no subitem anterior, como se estruturam os aspectos de subjetivação na linguagem, utilizando conceitos como ideologia, formações imaginárias e formações discursivas. A partir de agora, vislumbraremos como esses aspectos se constituem nos processos de significação, na própria formação do signo linguístico e em seu “desmembramento” realizado por Lacan. Essa incursão nos desenvolvimentos teóricos entre a linguística e a psicanálise nos possibilitará criar uma base para compreender a cadeia significante e seus efeitos.

Os processos de significação nas ciências de caráter indiciário ecoam na linguística estruturalista no que concerne à formação do signo linguístico (Saussure, 1980) re-estruturado por Lacan (1957-58/1999).

Signo Linguístico é, segundo Saussure (1980), a relação entre um significante e um significado²⁸. Segundo Safouan (1993) há nas filosofias analíticas uma “subordinação prévia do significante ao significado” (p. 22), já que, para esse campo filosófico, a norma do bem dizer é baseada em afirmativas. Desse modo, o significado do enunciado fica submetido às relações conceituais sintáticas, remetendo o significante somente à fonação do dizer.

Lacan (1957-58/1999) irá re-estruturar essa relação, pontuando “a autonomia do significante em relação ao significado” (Dor, 1992), sendo que essa só é concebível na medida em que significante e significado não estabelecem uma relação fixa. Desse modo, a relação entre eles é “embasada” por uma primazia do significante em relação ao significado, sendo: um significante – vários significados possíveis. Nesse sentido, a significação passa a ser dada pela vinculação em cadeia associativa dos significantes.

Na obra *A Linguagem Comum dos Linguistas e dos Antropólogos* (2007b), Jakobson enuncia que a estrutura da linguagem é polifônica, ou seja, que não há uniformidade ao apresentar um conceito, apesar de existir uma unanimidade em relação ao seu significado²⁹. Essa ausência de uniformidade implica uma arbitrariedade em relação à estruturação da significação, remetida ao seu caráter sonoro. A arbitrariedade

²⁸ “O signo linguístico, com efeito, não une uma coisa a um nome, mas um conceito a uma imagem acústica.” (Saussure, 2006, p. 92). Essa perspectiva modifica a ideia da linguagem enquanto representação, dando possibilidade da observação de uma “subjetividade” inerente a ela, sendo o sentido dado na relação entre signos e não entre signo-objeto. O signo seria composto do significado/conceito e do significante/imagem acústica e grafia.

²⁹ Nós interpretamos esta unanimidade como um traço da ideologia na constituição do sentido.

da estrutura polifônica da linguagem será guiada pelos eixos de significação sintática e semântica, que darão origem ao que Jakobson (2007a) denominou função poética.

Segundo o autor (2007a), a função poética é sustentada por um duplo polo: o polo metafórico/ de similaridade e o polo metonímico/ de contiguidade. A significação só pode ser efetivada a partir da interação entre estes polos, podendo prevalecer em um dos eixos, mas nunca nulo em um deles³⁰.

No eixo metafórico, prevalecem os aspectos semânticos da linguagem, que aproxima o sentido por similaridade. Esse eixo é o que possibilita que se realizem substituições no discurso. Já no eixo metonímico, prevalece a relação de contiguidade, de ordenação das palavras, o que remete à sintaxe. É o que permite “a hierarquia das unidades linguísticas” (Jakobson, 2007a, p. 37), sendo um organizador discursivo. Jakobson (2007a) define:

O desenvolvimento de um discurso pode ocorrer segundo duas linhas semânticas diferentes: um tema (topic) pode levar a outro quer por similaridade, quer por contiguidade. O mais acertado seria talvez falar de processo metafórico no primeiro caso, e de processo metonímico no segundo, de vez que eles encontram sua expressão mais condensada na metáfora e na metonímia respectivamente. (p. 37)

O processo de significação, colocado nesses eixos, ficaria portanto:

(Dor, 1992, p. 20)

Podemos observar, conforme o esquema feito por Dor (1992), que há uma relação continua entre os eixos, o que possibilita uma infinita escanção do sentido. O

³⁰ A nulidade de significação em um dos eixos será denominada por Jakobson (2007a), afasia. Elas poderão ser ou por similaridade ou por contiguidade.

eixo metafórico irrompe no sintagma, o que é nomeado por Jakobson (2007a) como função poética. Essa continua relação entre ambos é reconhecida tanto na AD quanto na Psicanálise. Ela permite que se leve em consideração os processos de significação (discursos), possibilitando uma multiplicidade de sentidos, somente passível de interpretação quando há possibilidade(s) de questionamento desses sentidos, sendo o significante a materialidade do próprio processo de significação.

Desse modo, há um engendramento de significantes gerando significações: o significante é material, sendo ele que gera o significado (Elia, 2004). Nessa perspectiva, das duas unidades que compõe o signo linguístico, só o significante comporta duas características distintas: ele é material (uma unidade sonora e gráfica)³¹ e simbólico (sua articulação em cadeia engendra o significado, só possível devido à articulação significante) (Elia, 2004). Esse ponto é de suma importância, pois oferece às formações do inconsciente uma materialidade capaz de criar uma multiplicidade de significações, uma vez que ela não possui um significado em si³².

Quando alguns desses processos de significação se fixam, tem-se a constituição dos sentidos, que, vinculados ao imaginário, são “codificados” pelos signos linguísticos e, muitas vezes, naturalizados pela ideologia, constituindo-se, assim, sentidos de determinados grupos sociais ou contextos. Eles fazem com que seja possível a compreensão do discurso do outro, pois é devido a essa breve estabilidade dos sentidos (que ocorre por meio da ilusão de literalidade dos sentidos, (im)postos pela ideologia) que alguns sentidos são compartilhados em sua materialidade, possibilitando a “comunicação” e a possível compreensão a partir desse “compartilhar”.

Esse conceito é determinado por Saussure (2006) como “O Arbitrário do Signo”, sendo essa arbitrariedade somente válida para determinada comunidade linguística:

A palavra arbitrário não deve dar a ideia de que o significante depende da livre escolha do sujeito falante. [...] Queremos dizer que ele é imotivado, isto é, arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhuma ligação natural na realidade. (Saussure, 2006, p. 101)

³¹ A essa conceituação do significante enquanto também unidade gráfica e que, a partir desse aspecto também engendra sentidos, agradecemos ao Lourenço Chacon, que arguiu com maestria sobre esse conceito na banca de qualificação.

³² Este aspecto é de suma importância para a compreensão dos engendramentos teóricos em AD e Psicanálise: não há um significado imanente à materialidade, o que irá desembocar na inexistência de uma essência ou subjetividade que não seja pela/na língua.

O arbitrário do signo se relaciona diretamente com o conceito de valor, também estruturado por Saussure (2006). O valor do signo é dado pela sua negatividade, ou seja, pelo que ele não é. É em relação às demais unidades linguísticas, tanto as que estão associadas no eixo sintagmático, quanto as que estão vinculadas por associação, que valor do signo é efetivado. Isso significa que o valor do signo remete à sua posição na cadeia significante, o que nos guia à noção de Grande Outro (ou Outro) em Psicanálise, na medida em que o arbitrário do signo, associado ao seu valor, é o que possibilita o compartilhamento de sentidos e a assunção desses, aspectos essenciais na formação do sujeito. O Outro, sendo um “tesouro de significantes”, oferece ao sujeito a forma como ele irá interpretar o mundo, a partir da possibilidade de sentidos oferecida ao mesmo. A capacidade do sujeito de apreender essa possibilidade de sentidos se dá a partir de sua entrada no simbólico, com a instauração da metáfora paterna, tornando-se sujeito de desejo (e não mais sendo objeto de desejo materno como outrora).

Esse engendramento do sujeito pelo simbólico é o que, segundo Milner (2006), possibilita o Um enquanto diferença, ou seja, enquanto corte. O significante, em sua materialidade, é Um, é discernível, sendo possível nele vislumbrar a singularidade do sujeito, singularidade esta ligada ao desejo.

Ser sujeito de desejo significa ter em sua constituição uma falta inerente. Esse furo implica o sujeito em uma busca por suprir (tamponar) a sua incompletude constitutiva. A falta permite ao sujeito circular por diversas Formações Discursivas, bem como faz com que ele seja afetado por múltiplos sentidos a partir de um único discurso. É ela que define, ainda, o gesto interpretativo do sujeito. Elia (2004) diferencia essa perspectiva de uma sociológica, por exemplo, pontuando o caráter de incompletude da linguagem:

Esta diferença entre uma ordem social significativa e valorativa e uma ordem significante implica também, como consequência, que esta segunda ordem seja furada, subtraída da dimensão que lhe daria consistência e completude. Por essa importantíssima razão, o que chega ao bebê através do Outro materno não é um conjunto de significados a serem por ele meramente incorporados como estímulos ou fatores sociais de determinação do sujeito com os quais interagiria, a partir de sua carga genética, na “aprendizagem social” de sua subjetividade. O que chega a ele é um conjunto de marcas materiais e simbólicas – significantes – introduzidas pelo Outro materno, que suscitarão, no corpo do bebê, um ato de resposta que se chama sujeito. (p. 09)

A mãe, estando imersa nessa porosidade discursiva das FDs, acaba marcando ao bebê sua posição discursiva perante a realidade. No entanto, todo dizer advém de uma impossibilidade: da impossibilidade de tudo dizer e, por consequência, sujeito e sentido não se fecham. Essa possibilidade de escanção do sentido é o que permitirá que o sujeito não seja totalmente alienado ao discurso da mãe, tendo uma assunção do sentido pautada na sua experiência. A impossibilidade, sendo estrutural, é considerada anterior ao dizer e o fundamenta enquanto tal.

Dessa forma, apreende-se que existem maneiras distintas de significar dentro da língua, sendo possíveis ao sujeito, de acordo com a relação que este “estabelece” com a linguagem³³, encontrar possibilidades de significação via ideologia (forjadas pela relação com o sentido) – que se dão pela relação com o interdiscurso e a paráfrase; via significante (chistes, atos-falhos, enunciação); nomeação e significado. São processos que permitem entrever a relação entre a linguagem e a língua, sendo que esta só aparece devido ao seu suporte na linguagem, como um descompasso em seus aspectos normativos (ou seja: devido à irrupção de algo novo no eixo sintagmático).

É importante frisar que esses processos de significação não ocorrem dissociados, mas que, para maior compreensão, é necessário separá-los. Alguns deles se filiam à particularidade, outros à singularidade.

Para compreender estes processos de significação, iremos recorrer às quatro modalidades lógicas de Aristóteles: o possível, o impossível, o necessário e o contingente como empreendido por F. Tfouni (2008) a fim de compreender a relação entre linguagem e silêncio. Essas modalidades lógicas foram reconfiguradas por Lacan (1971-72/2012) em seu Seminário livro XIX: ...ou pior para compreensão dos processos de significação. Lacan (1971-72/2012) estabelece as relações de oposição aos pares: possível – necessário / impossível – contingente. A partir dessa modificação imposta por Lacan, vislumbramos relações entre dito – não dito e enunciável – impossível.

Enquanto possível, os processos de significação se encontram em constante devir. Como no lançar de dados apresentado por Milner (1996), antes que os dados sejam lançados, qualquer significação pode advir. No entanto, é importante frisar que essas são “possibilidades em suspenso” (F. Tfouni, 2008), ou seja, contingentes. Essa perspectiva apresentada por F. Tfouni corrobora o par de oposição apresentado por

³³ Aqui ainda não se trata da relação com a linguagem e as estruturas clínicas, e sim da singularidade adquirida na relação sujeito-linguagem: acreditamos que essa relação movimenta-se e possivelmente de forma independente destas, o que viabiliza a movimentação sentido/sujeito por diversas formações discursivas.

Lacan (1971-72/2012) entre contingente – impossível e entre possível – necessário. A reversibilidade de uma possibilidade em suspenso em um dizer a torna necessária. Desse modo, há uma relação entre a enunciação como o *locus* dos possíveis dizeres e o necessário, como o posicionamento desse dizer quando tornado dito.

Como impossível, encontramos os próprios significados. Após serem lançados os dados e um de seus lados lisíveis ter ficado para cima, é impossível que essa face se torne outra. O significado é o impossível diante de outro significado. O exemplo dado por Milner (1996) se relaciona também com a perspectiva colocada na noção de enunciado: um enunciado dito é o impossível perante outro enunciado, já que o dito se apoia no não-dito e também o “tampona”. No entanto, devido ao caráter de incompletude da linguagem, não o tampona por completo. O impossível cerceia o contingente.

É essa relação com o impossível no enunciado que o torna distante da enunciação. Entre enunciação e enunciado há sempre um resto, uma vez que é impossível dizer tudo ou dizer mais de um enunciado por vez. Essa perspectiva corrobora a máxima da AD: “sempre que se diz x, deixa-se de dizer y”, sendo x a face do impossível no significado (F. Tfouni, 2008).

Nesse sentido, pode-se dizer que o processo de significação advém de um corte, que promove a coesão enunciativa e, sincronicamente, cria margem à multiplicidade de sentidos³⁴. Esse corte é representado pela barra colocada entre significante e significado.

O significado, no campo conceitual, tal como exposto por Sausurre (2006), se relaciona com a identificação imaginária (Lacan, 1961-62/2003), que ocorre por meio da semelhança. Sendo assim, associa-se à noção de imagem. O significado congela o sentido, “inviabilizando” a circulação do significante a outras associações: ele é o impossível diante de outro processo de significação. Desse modo, o significado pode se relacionar, conforme a perspectiva psicanalítica, com a noção de resistência. De acordo com essa perspectiva, o significado dá o formato à resistência, às formações do inconsciente.

No *Seminário 9: A Identificação* (1961-62/2003), Lacan expõe o algoritmo $A=A$, dizendo de sua inviabilidade: “É justamente desse nada que vai se tratar porque é esse nada que tem valor positivo para dizer que isso significa” (1961-62/2003, p. 52). A não pode ser igual a A, já que estão em posições distintas no enunciado. Sendo assim, é

³⁴ Multiplicidade esta, no entanto, limitada pela ideologia já que a construção do sentido se dá via mecanismos ideológicos.

impossível que sejam equivalentes. O que torna possível que se compreenda o enunciado é o processo de significação que ocorre posteriormente, fechando-o em determinado sentido.

A essa identificação surpreendida por meio desse algoritmo, Lacan denomina de imaginária. É a partir desse vazio que é possível significar (imaginariamente), ou seja, é na ausência que se torna possível dar contorno e formação a uma imagem.

O processo de identificação se relaciona diretamente com a noção de particularidade, uma vez que é a partir da substantivação de alguns processos de significação, ancorados na ideologia, que se torna possível apreender o significado relativo àquela subjetividade. Nessa perspectiva, a apreensão do significado tem importância na compreensão do eu enquanto sujeito do enunciado, como sendo a coagulação imaginária que possibilita o efeito-sujeito (Pêcheux, 2009).

Essa concepção se aproxima da interpretação proposta por Harari (2001) sobre as modalidades de significação expostas pelos lógicos (Frege, citado por Harari, 2001), os quais fazem uma distinção entre sentido e significação. Para exemplificar essa diferenciação, o autor analisa o seguinte exemplo:

[...] à mesma estrela, chamada Vênus, se diz tanto estrela da manhã como estrela vespertina, de acordo com o momento de cada jornada. Assim, se tem distintos sentidos, possui a mesma significação. Portanto, significação quer dizer denotação, pois é o “mesmo objeto” chamado de outra maneira. Claro: se fossem unificados – utopicamente – poder-se-ia “chegar” a constituição da linguagem perfeita. (p. 98)

Desse modo, para Frege (1971, citado por Lacan, 1964-65/2006), todo sentido possui um referente ancorado na significação. Se a sentença não possui referente, há a admissão de um infinito na linguagem, o que corresponderia a uma não-pontuação da sentença, estando toda ela à deriva: a significação age como disparadora do sentido e se ancorar no mesmo, e caso o sentido atue como referente, não estando ancorado à significação, é o que, segundo Lacan (1964-65/2006), promove o surgimento de um sintoma.

Observamos, assim, que a noção sintoma se refere à construção do sentido na cadeia significante e esse sentido diz respeito a uma verdade do sujeito. No entanto, tal verdade, distintamente da noção de referente proposta pelos lógicos, não está já-lá. Safouan (1993) questiona a teorização feita pelo campo da Lógica:

Mas, então, como situar essa verdade? Iremos concebê-la como um saber ou como uma significação que já estava lá, por trás da formação na qual se trai? Isso equivale a dizer que a objetivamos como referente ou como sentido escondido, mesmo que seja um sentido que, ocultando-se, revela-se sozinho... (p. 30)

Nós concordamos com o autor, uma vez que se houvesse um referente último, origem da significação, um já-lá do sentido, acabaríamos por tornar ontológico algo que se constitui na materialidade linguística. O sentido não está no ser, e sim em sua relação com a linguagem.

A apreensão da particularidade do sujeito em relação à construção do sentido pode ser compreendida a partir do conceito de autoria (Tfouni, 2001, 2010). Para a autora, é com base nos movimentos de contenção e deriva do sentido que é possível ao sujeito constituir sua identidade pela linguagem. Esses movimentos possibilitam ao sujeito a construção de sua narrativa, pautada na particularidade da sua relação com o sentido.

Desse modo, o sujeito inscreve o sentido de seu discurso a partir, principalmente, do mecanismo do Esquecimento nº 02 (Pêcheux, 2009), que traz a ilusão de controle pelo sujeito do eixo metafórico da linguagem e que o permite, com base na contenção e na deriva do sentido, criar significações outras, que, no entanto, escapam ao seu “consentimento”.

Vemos, portanto, que o significado assumido pelo sujeito a partir do processo de significação imanente à cadeia, é parte da constituição de sua subjetividade e quanto maior for o apego a esse significado, ou seja, quanto maior for à contenção do sentido, mais calada ficará sua verdade, assumindo o estatuto de imagem.

Ao analisar o “Esquecimento de Signorelli”, podemos observar recortes que se aproximam dessa relação imagem – significado (ancorada no sentido), que retomam a contenção do sentido enquanto procedimento de constituição da autoria. Nessa perspectiva, Freud enuncia (1898/ 1987):

Exerci minhas faculdades de recordação, fazendo desfilar pela memória todos os detalhes do dia que passara em Orvieto, e me convenci de que nem sequer a mais íntima parte dele fora obliterada ou se tornara vaga. Pelo contrário, eu era capaz de evocar os quadros com maior nitidez sensorial do que me era comum. Vi diante dos meus olhos, com nitidez especial, o auto-retrato do artista – com o rosto sério e as mãos cruzadas – que ele pusera no canto de um dos quadros (...); mas o nome do artista, geralmente tão familiar para mim, permanecia oculto. (p. 276)

Nesse excerto, Freud evidencia que o esquecimento do nome *Signorelli* remeteu-o à imagem (com maior nitidez) do pintor e da capela por ele pintada; no entanto, o significante *Signorelli* havia desaparecido de sua memória, exemplificando a relação entre significado e imagem como causa da resistência, já que o que abre para uma possível significação singular é a escuta do significante. Observa-se que foi devido ao silenciamento da significação e consequente superposição de um sentido que resultaram no surgimento do sintoma (o esquecimento).

Nesta mesma perspectiva, Freud (1898/1987) continua:

[...] até que esbarrei num italiano culto que me libertou desse sofrimento ao dizer-me o nome: *Signorelli*. Eu próprio pude acrescentar o primeiro nome do artista, *Luca*. Imediatamente, minha lembrança ultranítida dos traços do mestre, tal como representados em seu retrato, esmaeceu-se. (p. 277)

Sobre essa “hiper-visualidade”, Dunker (2006), discorre:

O que pudemos acompanhar é uma espécie de narrativa, a história da luta entre esquecimento e lembrança, entre imagem e palavra, entre luz e sombra, entre sentido e perda de sentido. A moral que fica é a da vitória da lembrança. O triunfo sobre o recalcamento, o mesmo que procuramos no tratamento psicanalítico. Todavia nesta linha a intensidade da imagem funciona a serviço do encobrimento e da deformação, o hipernítido é feito para enganar o olhar. (p. 16)

A relação da resistência ao nome é, nesse sentido, associada por Freud, à nitidez da imagem à sua memória. A palavra adquire, assim, caráter de imagem³⁵, o que consequentemente cria uma resistência à escuta significante, impossibilitando a segmentação da materialidade linguística, que realizara posteriormente. O próprio Freud (1923/1987) já havia avisado sobre o “triunfo” da significação verbal sobre a imagem:

Aprendemos que o que nele [resíduos mnêmicos ópticos] se torna consciente é, via de regra, apenas o tema geral concreto do pensamento, e que as revelações entre os diversos elementos desse tema geral, que é o que caracteriza especialmente os pensamentos, não podem receber expressão visual. (p. 13)

³⁵ Imagem essa, ancorada em um sentido, como um coagulador imaginário, causador da ilusão de completude.

Essa citação nos convida a refletir sobre o que “não pode receber expressão visual” (Freud, 1923/1987, p. 13). Acreditamos que seja a sonoridade e a grafia da palavra, irrepresentáveis visualmente. São estas características que darão o tom para adentrarmos na ordem do simbólico, do significante como marca da diferença.

Até aqui observamos a relação entre significado – sentido – imagem, o que nos possibilita fazer uma aproximação entre noções como as de ideologia, formações discursivas e o registro do Imaginário, preconizado por Lacan a partir do nó-borromeo. Essas noções se filiam – por meio da constituição do sentido – à noção de identificação imaginária e de particularidade, já que, dentro de um universal, há aspectos particulares da relação do eu com o outro, formador da realidade. Considerada “rede de semelhantes e dessemelhantes” (Milner, 2006), a realidade irá nos levar ao conceito de subjetividade, desenvolvido previamente e explorado adiante através da noção de posição-sujeito.

Onde poderíamos localizar o silêncio no interior dessa articulação teórica? Poderíamos cartografá-lo no âmbito do impossível – aquilo que não pode ser dito – articulando-o ao Real, assim como no campo do (im)possível, isto é, daquilo que não foi dito, mas que, por outro lado, poderia ter sido enunciado³⁶. O silêncio partiria, segundo essa configuração, de uma dupla impossibilidade: o impossível do Real e o impossível perante o significado já posto de acordo com as condições de produção do discurso. Essa relação do silêncio com o Real será explorada mais adiante no texto.

Perante o impossível no significado, podemos pensar um silêncio relacionado com a palavra não-dita. Esse silêncio, denominado por Nasio (1989) de *tacere*³⁷, seria aquele em que é possível que se diga algo, mas que, por algum motivo, não chegou a ser dito (o impossível perante o já dito). Esse não-dito nos remete ao fechamento do sentido pela imagem, realizado por Freud e exposto acima. Afinal, calar um sentido significa recalá-lo? Esse mecanismo pode se relacionar à repetição? Até que ponto calar, significa? *Tacere* se relacionaria ao eu, imagético, sujeito do enunciado? São questões que serão retomadas nos capítulos seguintes.

Já com relação à singularidade, remetemo-nos a outro tipo de identificação (e, portanto, significação): a simbólica. No *Seminário 9: A identificação*, Lacan (1961-62/2003), remete-a ao traço, o que faz com que um significante se diferencie de outro.

³⁶ Aqui recorreremos à máxima da AD: Dizer x para não dizer y, sendo que y aparece deslocado na cadeia significante. Impossível que não apareça deslocado. Abordaremos mais longamente essa questão no capítulo quarto.

³⁷ Calar em latim.

O simbólico é o registro da falta. É ele que faz furo, que possibilita o deslocamento na linguagem, “ultrapassando” as coagulações imaginárias, possibilitando a escuta do significante a partir da *diferenciação*. No entanto, para que seja possível a escanção do sentido via escuta significante é necessário um corte.

Harari (2001) colocou em destaque, nessa perspectiva, a conceituação realizada por Lacan do Nome-do-Pai: “Lacan, em uma primeira aproximação, chamou atenção para o Nome-do-Pai enquanto instância responsável por estipular, segundo o modo contingente, a relação pautável entre as palavras e as coisas.” (p. 97).

O que é denominado pacto simbólico. O corte que o Nome-do-Pai realiza entre o *infans* e a mãe, no momento, colocada como Sujeito Suposto Saber, o permite a operacionalização pela metáfora, o que oferece possibilidades de simbolização e deslizamento de sentido aos limites inerentes à instância aludida. É nesse momento que, como diz Elia (2004), o bebê realiza um ato de resposta: o sujeito, que consistirá num efeito “localizado” na cadeia significante.

Nessa perspectiva, vislumbra-se o engendramento da linguagem via metáfora e metonímia, já que esses deslizamentos só são possíveis pelo efeito de corte causado pelo simbólico. Lacan, em a *Instância da Letra no inconsciente ou a Razão desde Freud* (1998a), alude a esse funcionamento: como essencial à associação da cadeia significante, Lacan irá aludir à metonímia³⁸, quanto à substituição do sentido, à metáfora. O autor expõe:

A centelha criadora da metáfora não brota da presentificação de dois significantes igualmente atualizados. Ela brota entre dois significantes dos quais um substituiu o outro, assumindo seu lugar na cadeia significante, enquanto o significante oculto permanece presente em sua conexão (metonímica) com o resto da cadeia. (p. 510)

Assim, o que possibilita a estruturação da linguagem no inconsciente são esses dois mecanismos: um propulsor do engendramento da cadeia e outro impulsionando a multiplicidade de sentidos desta, até que ela se feche em algum, via retroação. Evidencia Lacan (1998a): “donde se pode dizer que é na cadeia do significante que o sentido insiste, mas que nenhum dos elementos da cadeia consiste na significação de que ele é capaz nesse mesmo momento” (p. 506). O que significa que o sentido se dá no conjunto dos significantes da cadeia e não está contido em nenhum elemento,

³⁸ Figura de linguagem que remete a parte pelo todo.

especificamente: corroborando, desse modo, o conceito de “valor do signo” (Saussure, 2006).

Como essa perspectiva poderia nos ajudar a compreender o caso Signorelli? Ao que parece, em um primeiro momento, o nome *Signorelli* remeteu metonimicamente³⁹ à toda uma cadeia de significantes que Freud silenciou devido ao sentido posto em causa. No entanto, a emergência (aproveitando, aqui, a ambiguidade que essa palavra propicia) do sentido dessa cadeia foi também recalcada com os demais sentidos, os quais Freud não escolheu *calar*. Entra, aqui, a noção de umbigo do sonho, proposta por Freud na obra *A Interpretação dos Sonhos* (1900/2012): “Esse ponto onde o sonho é insondável. Onde se interrompe o sentido, ou toda a possibilidade de sentido” (Freud, 1900/2012, p. 482).

Chegamos, assim, ao inominável, isto é, a um silêncio inacessível ao sujeito, no entanto propulsor de significação. Não é possível chegar ao umbigo do sonho, e sim apenas “rodeá-lo”, significando de diversos modos o que é inacessível ao sujeito. Esse encontro com o Real não é enunciável, apesar de não cessar de se inscrever, promovendo novos “giros” na cadeia.

No artigo “E não tem linhas a tua palma: Esquecer para poder lembrar” Tfouni, (2003), aponta que na busca de uma significação que sustente veementemente o sentido na cadeia significativa o sujeito nada encontra, e, esse nada propulsiona a estabilização em outros sentidos por meio da memória discursiva, da ideologia e do inconsciente. Esquecer é, portanto, uma forma de lembrar um sentido outro, ausente no enunciado.

Desse modo, ao se deparar com um conteúdo angustiante, Freud “acorda” de seus devaneios em relação ao nome Signorelli e seus afrescos, o que faz com que esqueça o nome do pintor. O esquecimento assume, nesse sentido, função de sintoma no que concerne a este silenciamento (distinto agora do silenciamento anterior, *tacere*, esse silenciamento seria o de *silere*⁴⁰, o do impossível em consonância com o Real). Essa relação entre silêncio e linguagem, só é possível devido aos mecanismos metafóricos e metonímicos da estruturação do inconsciente como sendo uma linguagem.

Observamos, nessa consonância do silêncio com o Real, uma possível relação entre silêncio e fala. O silêncio interrompe a fala e é por ela interrompido; no entanto,

³⁹ Veremos ao longo da dissertação, que remeteu metonimicamente tanto através da sonoridade quanto da grafia do nome.

⁴⁰ Silenciar em latim.

não sem efeitos. De certa forma, ele opera com alguns sentidos, trazendo outros junto a si, devido ao deslizamento metonímico da linguagem.

Nessa perspectiva, a identificação imaginária está sempre faltante. Uma vez que a diferenciação entre significantes ocorre por meio do efeito de sentido (e não via semelhança, como realizado imaginariamente), esse é encontrado no traço, possibilitando um devir “quase” infinito de sentidos, devido a suas diferenciações.

Outro exemplo da diferenciação entre os significantes narrado também por Freud (1901/1987, pp. 25-31), diz respeito ao esquecimento de palavras estrangeiras. No relato, Freud diz que, ao conversar com um colega, também judeu, que, ao querer citar um verso de Virgílio (“*Exoriar(e) ALIQUIS nostris ex ossibus ultor*”), se esquece da palavra ressaltada no enunciado. Ao ser questionado por Freud sobre o esquecimento, o interlocutor divide a palavra em A-liquis e, a partir dessa divisão, inicia uma série de associações relacionadas por via significante: liquefazer, líquido, liquefez, entre outros, até chegar à associação entre santos – calendário – sangue, o que remeterá ao colega de Freud à sua angústia por temer receber uma notícia indesejada de uma moça com quem se relacionou - de que “suas regras não vieram.” (Freud, 1901/1987, p. 28). Foi a partir de um corte no significante, portanto, que se consumou o sentido propulsor da cadeia associativa, sendo o esquecimento o sintoma de um silenciamento que pretendia evitar que esse sentido aparecesse.

É deste ponto que parte Harari (2001) ao hipotetizar a associação de Freud do Esquecimento do nome (Sig)norelli com seu próprio nome (Sig)mund. A partir dessa hipótese, Harari (2001) argumenta que o nome próprio não se refere ao particular e nem à noção de arbitrariedade, pois comporta um traço localizável em qualquer significante. Nesse sentido, o nome próprio não se traduz, de forma que o conjunto de sonoridade segue sendo o mesmo. Assim, em outras palavras, por mais que Freud tenha realizado uma substituição heteronímica entre Signor – Herr, não o fez em relação ao seu nome Signorelli – Sigmund.

Desse modo, a partir dessa distinção entre significado – significante – sentido, é possível considerar que não existem sinônimos, seja no campo da Análise do Discurso, seja no da Psicanálise. A palavra, o enunciado, se relacionam com a singularidade do sujeito e a particularidade do significante. O silêncio se encontraria, então, entre sentidos: é na diferenciação entre um significante e outro que se estabelece uma margem de silêncio, alterando assim o sentido da cena enunciativa.

Para realizar essa aproximação entre os nomes Signorelli e Sigmund é necessário retomar o entendimento do significante como sendo uma sustentação gráfica do nome. Conforme sustenta Dunker (2007), a época em que Signorelli pintou os afrescos de Orvieto, os pintores, além de assinarem seus nomes nas obras, faziam seu auto-retrato (ao qual Freud remete a “ultra-nitidez” quando do esquecimento do nome). Essa informação reforça ainda mais a relação entre imagem e resistência no que diz respeito ao apagamento do nome próprio de Freud no interior de sua cadeia significante, o que, como problematizaremos, consiste no processo de alienação ao sentido, que apaga o sujeito do inconsciente.

Além dessa relação entre Sigmund – Signorelli, Dunker (2007) recorda também que outro pintor, Fragellico, havia iniciado a obra e deixado também seu auto-retrato com sua assinatura: Fr.. O que remeterá a exata assinatura de Freud à época: *Sig. Fr.*

Seria Herr, nessa perspectiva, mais uma forma de resistência de Freud às formações do inconsciente? Associá-lo a uma história outra, do eu, é dissociá-lo do sujeito do inconsciente, sendo a associação ao eu imagético (Freud, médico, doutor) um modo de impossibilitar o acesso ao sujeito do inconsciente (marcado por Sigmund, o nome próprio).

Adentramos, a partir desses questionamentos, então, a questão da afetividade da língua. De que forma é possível ser afetado pela língua? Em que perspectiva ela se torna instrumento de gozo? Para sustentarmos essas questões, podemos recorrer a duas vias de análise, a saber: a afetividade da língua pela efetividade do sentido⁴¹; e pelo seu oposto - o sem sentido (*non-sense*).

A estruturação da língua via *non-sense* ocorre por meio das noções psicanalíticas de “chistes” e “parapraxias”, as quais, segundo Freud (1901/1987), possuem caráter econômico. É devido à economia na língua, que um novo sentido é gerado, sendo com base nessa que o riso é possível (Freud, 1901/1987).

Já no “Esquecimento de nomes próprios”, Freud enuncia:

[os nomes foram tratados] sem qualquer consideração ao sentido ou aos limites acústicos das sílabas. Assim, os nomes foram tratados como os pictogramas de uma frase destinada a se transformar num enigma figurado (ou rébus). (1901/1987, p. 22)

⁴¹ Nessa perspectiva podemos recorrer às coagulações imaginárias e a língua em sua relação com a ideologia, como tem sido colocado ao longo do texto.

Evidenciando que não há, nesse caso, considerações sobre o sentido e o limite acústico das sílabas. A partir desses apontamentos, Freud elimina a perspectiva de que o Esquecimento estivesse associado ao significado ou mesmo à separação via morfema (menor fragmento capaz de expressar um significado da língua). Os nomes foram então tratados como pictogramas, ou seja, representavam temas recalcados por Freud por meio de desenhos figurativos. No entanto, esses desenhos, a partir de sua imagem acústica, apontavam o direcionamento do sentido daquilo que havia sido recalcado: o *elli* em Boticelli era um resquício do nome do pintor Signorelli, Boticelli e Boltraffio ecoavam em Bósnia...e assim por diante.

Pode-se observar, portanto, que, além da relação com a sonoridade, há também a relação com a forma. Ao discorrer sobre a escolha de Freud por hieróglifos como metáfora da escrita dos sonhos, Lethier (2004) afirma que ela é fundamentada em uma dupla operação, viabilizada somente pela escrita hierográfica. Nesse sentido, ela pode ser compreendida tanto por meio de ideogramas - se associando à imagem -, assim como fonogramas - associando-se ao som.

O silêncio, portanto, sendo operador na cadeia discursiva, promove o desenrolar de novas unidades de sentido, ligadas à singularidade do sujeito. Os cortes realizados nas palavras só foram possíveis devido às associações do próprio Freud, se relacionando com seus aspectos (inter)subjetivos.

A singularidade reside, assim, no corte. É nele que ela se realiza, isto é, é na possibilidade de escandir os sentidos via escuta significante que se dá a emergência do sujeito. A imaginarização, o aspecto “conteudista” do relato de Freud auxilia na compreensão de relações particulares com construções de sentidos e coagulações imaginárias às quais o sujeito se apegava. No entanto, a emergência do sujeito, assim como as formações do inconsciente, se encontram na superfície, como colocado por Lacan.

Afirma Freud (1901/1987):

A razão por que o nome *Signorelli* foi esquecido não deve ser procurada numa peculiaridade do próprio nome, nem em qualquer característica psicológica do contexto em que ele se inseriu. O nome esquecido era-me tão familiar quanto um dos nomes substitutos – Botticelli – e *muito mais* familiar que o outro nome substituto – Boltraffio [...] (p. 20).

Podemos supor que, por “característica psicológica”, Freud faz referência justamente às coagulações imaginárias às quais o sujeito se filia afim dos processos

identificatórios: aqui não se trata da familiaridade ao nome, por exemplo, e sim, do significante Signorelli, ao qual, metonimicamente, outros sentidos estavam associados, formando um rébus.

Interessante vislumbrar, ainda, que no mesmo período em que Freud está consternado com essas relações atinentes aos nomes, traz questões sobre a sonoridade das palavras. Em carta à Fliess, o autor escreve:

Encontrei a essência de meus entendimentos muito claramente explicitada em Lipps (...) A consciência é apenas um órgão sensorial; todo o conteúdo psíquico é apenas uma representação; todos os processos psíquicos são inconscientes.(...) talvez a bifurcação de onde poderão partir minhas próprias ideias novas surja mais adiante. Até o momento desbravei menos de um terço [do livro dele]. Parei nas relações sonoras. Isso sempre me aborreceu porque, nesse ponto, falta-me o conhecimento mais elementar [...]. (Freud, 1898, citado por Masson, 1986 p. 326)

Vê-se, portanto, que no mesmo período em que Freud se encontra preocupado com o esquecimento de nomes, ele também se questiona sobre “as relações sonoras”, colocando-as como um aspecto importante a ser observado nas manifestações do inconsciente. É com base nessas relações sonoras e na grafia do nome Signorelli, que o autor fragmenta os nomes em um esquema por meio da sonoridade dos fragmentos como semelhantes a outras palavras que também recalcará.

Nota-se aí portanto, a importância do significante, conceito englobado por Lacan à Psicanálise e que já pode ser entrevisto nos textos de Freud através desses movimentos.

Essa perspectiva promove o silêncio, enquanto conceito, a outro patamar. Com base nos mecanismos de silenciamento, Freud barrou o acesso a seu interlocutor a toda uma cadeia associativa, mas não conseguiu impedir que esse bloqueio continuasse a produzir efeitos.

Essa associação entre silêncio e significante se relaciona com as noções de palavra vazia e palavra plena (Lacan, 1953-54/1998). Lacan afirma que a palavra vazia vela, ao passo que a plena desvela a verdade do sujeito. Assim, a palavra vazia pode ser compreendida, a partir da perspectiva da linguagem como mediadora, apenas para fins comunicativos. Desse modo, a escuta significante se fecha, sendo possível somente o acesso ao significado e a literalidade do sentido.

Já na palavra plena, a escuta do significante permite revelar a singularidade do sujeito ao significante, o que propicia ascender a uma verdade do sujeito. Harari (2001)

enuncia: “A função da invenção poética implica uma virtude antipsicológica, na medida em que escreve-se para desconhecer a própria psicologia (egóica), vale dizer, para procurar instalar-se *fora de sua pessoa*.” (p. 103).

Se compreendermos que a “função da invenção poética” se relacionaria com a escuta significante, poderíamos considerar que aquilo chamado de subjetividade, é algo que se encontra na materialidade linguística. Além disso, vê-se que a escuta significante está *fora da pessoa*, isto é, do eu, pois residiria, segundo essa ótica de ideias, no sujeito. Ela é um predicado ao qual o sujeito se associa, o que nos leva ao eu como um outro, “fora de sua pessoa”(Harari, 2001).

Encontramos aí a função poética, como apresentada por Jakobson (2007a). É devido ao desenrolar da cadeia significante por meio da função poética que é possível ao sujeito à assunção da palavra plena, uma vez que a função poética é associada à materialidade significante⁴². Comentando a construção dos anagramas, Saussure (Starobinsky, 1971), percebe, pela análise dos versos saturninos, que existem significantes ausentes, mas que constituem e deixam indícios na materialidade linguística. Com isso, observamos que não há um controle absoluto do sentido, e que a intencionalidade do significante é distinta da intencionalidade do eu.

Para recapitularmos: o silêncio na significação atuaria como uma faca de dois gumes: de um lado, o impossível de ser dito, no entanto, possibilitador da enunciação; de outro, o (im)possível, mas não enunciado, o que causa um calar de sentidos não desejados pelo sujeito.

Desse modo, o silêncio estaria ora associado ao sentido e sua constituição, ora associado ao *non-sense*, podendo levar tanto aos aspectos constitutivos do eu, evidenciando também sua divisão inerente entre um dito e um não-dito, quanto ao *non-sense*, relacionado ao aparecimento do sujeito do inconsciente. Ambos estão em um impossível na linguagem.

3.3 LINGUAGEM E SILÊNCIO:

A partir dos processos que fundamentam a constituição dos sentidos, é possível estabelecer uma compreensão acerca das formações imaginárias e da alienação do sujeito à linguagem. É por meio desta que ele se aliena, assim como se separa devido

⁴² Por essas reflexões agradeço a Profa. Dra. Diana Junkes Bueno Martha, integrante da minha banca de qualificação.

ao seu caráter de incompletude. No *Seminário 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964/1998), Lacan explora a repartição entre o sujeito e o Outro da seguinte maneira:

[...] a repartição que constituo, ao opor, em relação à entrada no inconsciente, os dois campos do sujeito e do Outro. O Outro é o lugar em que se situa a cadeia do significante que comanda tudo que vai poder presentificar-se do sujeito, é o campo desse vivo onde o sujeito tem que aparecer. E eu disse – é do lado desse vivo, chamado subjetividade, que se manifesta essencialmente a pulsão (pp. 193-194).

Repartição essa, no entanto, em que o sujeito será inscrito no campo do Outro. Em outras palavras, é por meio da cadeia de significantes localizada no Outro, que o sujeito pode se presentificar e que ocorrerá a manifestação da pulsão, cuja ocorrência é devida unicamente ao processo de hiância⁴³. Conforme categoriza Lacan, ainda no seminário mencionado, esse processo pode ser compreendido como sendo:

A relação do sujeito ao Outro se engendra por inteiro num processo de hiância. Sem isto, tudo poderia estar aí. As relações com os seres no real, até e inclusive vocês que estão aí, os seres animados, poderiam engendrar-se em termos de relações inversamente recíprocas (1964/1998, p. 196).

A hiância à qual Lacan se remete é o que permitirá o movimento da pulsão, que se circunscreverá na noção de fantasia para o sujeito. Essa hiância também está envolta pelas noções de alienação e separação presentes no arcabouço teórico desenvolvido por Lacan, uma vez que é por meio da alienação ou do descolamento do sentido que se desenvolverá a relação do sujeito com a linguagem:

A alienação consiste nesse *vel* (*primeiro v da metade inferior*) que (...) condena o sujeito a só aparecer nessa divisão que venho, me parece, de articular suficientemente ao dizer que se ele aparece de um lado como sentido, produzido pelo significante, do outro ele aparece como *afânise* (lê-se fading)⁴⁴ (Lacan, 1964/1998, p. 199).

⁴³ A hiância, para a psicanálise lacaniana, é o espaço vazio entre dois significantes, vazio este que só pode ser vislumbrado por ser “margado” por dois elementos.

⁴⁴ Colocação minha de acordo com a compreensão do próprio texto: “Ora, a afânise deve ser situada de maneira mais radical (...) chamei esse movimento de fading do sujeito”. (p. 197)

Tal como Lacan a descreve, a alienação é um processo que determina o sentido ao discurso do sujeito, e que, deste modo, promove o *fading*, isto é, seu desfalecimento. Quando o sentido surge, o sujeito desaparece, por se consubstanciar no significado. Assim, o significado permanece como um estado temporário do significante.

No tocante à separação, Lacan irá chamá-la de “subestrutura que chamamos intersecção ou produto” (1964/1998 p. 202). Nesse sentido, a separação consiste exatamente no engendramento da dialética existente entre sujeito e Outro, pois ela ocorre por meio da falta constituinte no Outro, motor do desejo que se concretiza a partir de questões, tais como: “O que o Outro quer de mim? / Qual o sentido disso que me está sendo dito?”.

Da constatação das possíveis relações entre sujeito e sentido, apreendemos que na dialética do sujeito ao Outro, a constituição se faz por meio de uma hiância, local que a pulsão faz circular. Essa hiância, espaço vazio, é o espaço de inscrição desse nada que faz movimentar a linguagem. Em outras palavras, entre demanda e desejo, o vazio é o motor da circulação da pulsão.

A linguagem é o que vem ocupar esse lugar do/no vazio, fazendo o sujeito se movimentar. É a partir dela que o sujeito aparece (se separa) e desaparece (se aliena), devido à incompletude constitutiva presente em ambos. Ao se vincular a um sentido, instaura-se um processo dialético, pois, ao mesmo tempo em que há um desaparecimento do sujeito via consubstanciação no significado, ocorre também uma realização, um engendramento promovido pela separação, que permite ao sujeito sair do sentido.

Como o silêncio se enquadraria nessa concepção de linguagem? Segundo a perspectiva de Nasio (1989), o termo *silere* denominaria o silêncio das pulsões, aquele vazio primordial que só poderia ser compreendido por meio de um outro vazio, entrelaçado ao silêncio no enunciado: *tacere*. *Silere* e *tacere* seriam mecanismos participativos da dinâmica inconsciente, agindo dialeticamente na cadeia significante. Enquanto *silere* - silêncio primordial, devir de sentidos -, se relacionaria com a abertura à polissemia, *tacere* operaria, por sua vez, a partir do fechamento de sentidos, trazendo à cena enunciativa a compreensão do enunciado.

Segundo as quatro categorias lógicas de Aristóteles (em associação com as inferências lacanianas a esse respeito), *tacere* se associa ao possível, a aquilo que poderia ser dito, embora não tenha sido enunciado. Ele seria, assim, um mecanismo do registro do simbólico que se coaduna ao imaginário, pois, sendo o dito possível, têm-se

uma significação para a experiência, ainda que não falada; ou colocada de outro modo, caracterizando o impossível consubstanciado no significado. Já pudemos entrever que este “possível” de ser dito se relaciona, na verdade, com as condições de produção necessárias para à existência de discurso: a ideologia e as formações imaginárias calcam sentidos específicos, e por mais que eles possam ser ditos em algum momento, a única maneira de dizê-los é por meio de um modo deslocado. São impasses do sujeito do discurso com as suas sedimentações imaginárias, as quais assumem importante peso para sua constituição.

O possível se torna, portanto, um (im)possível de ser dito de outro modo, ou de não ser omitido. Essa omissão tem efeitos, pois não é falada devido às coagulações imaginárias, às sedimentações ideológicas calcadas na constituição do eu⁴⁵. São efeitos do calar que evidenciam a posição-sujeito do interlocutor. Quando Freud enuncia que não havia dito sobre a sexualidade dos turcos com seu interlocutor por se tratar de um *estranho* (1901/1987), podemos observar na materialidade linguística as construções imaginárias do autor, a saber: por uma suposição de que seu interlocutor não compartilhasse da mesma formação discursiva que ele, Freud decidiu se calar. No entanto, esse silenciamento, associado aos movimentos parafrásticos, continuou sob a mesma temática: morte e sexualidade, o que culminou, segundo o autor, em seu esquecimento.

Podemos também questionar este termo utilizado por Freud: *estranho*. Seria ele um termo que significa um espelhamento entre as associações do locutor e seu interlocutor? O que Freud estranhou foram as associações que surgiram diante de um estranho ou somente seu interlocutor? São questões a serem pensadas adiante, a partir dos movimentos parafrásticos encontrados nos textos.

Já *silere* se associa à categoria de impossível, segundo as noções da lógica aristotélica. O que não poderia ser dito e fundamenta, no entanto, qualquer dizer. *Silere* seria aquele silêncio primordial, um *continuum* experiencial a partir do qual a mãe recorta e nomeia ao *infans* alguns fragmentos, inserindo-o no registro do simbólico por meio de formações discursivas e da sonoridade do significante.

Hernandez (2004), ao aproximar *silere* de zero, relaciona a função deste algarismo com o modo de operar do silêncio enquanto impossível colocando-o como

⁴⁵ Importante frisar que na constituição do eu em seus aspectos inconscientes.

operador lógico da linguagem. Para tanto, apóia-se em um artigo de Badiou (1994) que relaciona o zero à pura letra, a marca do Real.

Essa marca do Real traz à tona o caráter de incompletude do sujeito e da linguagem, a constituição do sentido a partir de uma impossibilidade. São essas marcas constitutivas que movimentam o sujeito em sua cadeia significante, que o remeteriam, assim, ao ato, à palavra plena (Lacan, 1954-55/ 1987, p. 61) .

Segundo essa perspectiva, o termo *silere* pode se aproximar da separação ao sentido, do momento do aparecimento do sujeito do inconsciente e, conseqüentemente, do interdito.

Já *tacere* (calar) se relaciona, por sua vez, com os atos falhos, parapraxias, com os silenciamentos. *Tacere* remete, nesse sentido, a tudo aquilo que poderia ser dito, mas que não fora enunciado. No entanto, mesmo que o sentido não apareça verbalmente, ele advém de outra forma, retornando por meio de um sintoma, de um indício. Hernandez (2004), utilizando linguagem numérica, relaciona-o ao -1, já que *tacere* significa uma retirada, um “buraco” na cadeia significante, um sentido não enunciado, embora “enunciável” - um não dito. Em consonância com essa concepção Correa (2001), diferencia o nada e a falta:

[...] o conjunto vazio é o conjunto que inscreve o nada, a inexistência e não a falta (...) Mas, se não há nada, não há nada. A falta é quando devia haver alguma coisa e não há. Quer dizer é o menos um (-1) não é o zero (Correa, 2001, p. 52, citado por Hernandez, 2004, p. 145).

O silêncio que indica a falta se relaciona à repetição, ao mesmo, oferecendo à palavra o caráter de concretude, não sendo possível ao sujeito se deslocar na cadeia significante. Desse modo, ele fica alienado ao sentido do Outro, e, por consequência, ao sujeito do enunciado. Do ponto de vista da AD, essa repetição de um mesmo sentido é chamada de paráfrase, na medida em que há sempre algo que se mantém no dizer, relacionado à memória, à sedimentação de formulações já realizadas. Essa operação linguística se opõe à polissemia, a qual esta relacionada com a ruptura desses processos de significação, isto é, com o equívoco. A polissemia viabiliza espaço para sentidos diferentes, para a criatividade na linguagem, enquanto a paráfrase se relaciona com a produtividade. São processos que permitem a movimentação e a estabilização dos sentidos e dos sujeitos.

Pode-se dizer, portanto, que *tacere* relacionar-se-ia com os movimentos parafrásticos e com a palavra vazia, pois oferece ao significante um sentido de concretude, como se ele “funcionasse” como o significado, ficando “preso” ao seu conteúdo. *Tacere* participaria, assim, de uma dinâmica de funcionamento inconsciente relacionada à memória, à ideologia e à particularidade.

De modo distinto, *silere* relacionar-se-ia à polissemia, à palavra plena, permitindo ao sujeito movimentar-se pela cadeia significante e, conseqüentemente, pela porosidade das Formações Discursivas. *Silere* participa de uma dinâmica inconsciente que possibilita emergir a singularidade do sujeito, de sua relação com a linguagem.

Ressalta-se, aqui, que estas dinâmicas só são possíveis agindo em conjunto sendo a repetição necessária para que, em determinado tempo, surja a singularidade da relação do sujeito com a linguagem, ou seja, o sujeito do inconsciente.

Comparando as duas formas de “estar em silêncio” que denominamos *silere* e *tacere*, Thomas (1989), em seu artigo: “As formas de silêncio no Esquecimento de Sigorelli” afirma: O silêncio do “calar-se” é completamente diferente do silêncio da palavra que falta. Um vela, o outro desvela, um para, o outro recoloca em movimento, um é profundamente obscuro, o outro interpreta (p. 77).

Essa dialética entre *silere* e *tacere* é uma dinâmica de funcionamento do sujeito que se relaciona com o vazio (*silere*) e a falta (*tacere*). A fim de compreendê-la melhor, nos embasaremos nas teorizações de Correa (2001), o qual - ao desenvolver e elucidar aproximações entre a psicanálise e a teoria dos conjuntos de Cantor - salienta a importância do nada para a apreensão da noção de sujeito em psicanálise. Citando Heidegger, ele afirma: “Afinal, qual é a matéria prima do oleiro? O barro que ele vai utilizar ou o vazio?” (2001, p. 57).

A partir desse questionamento, o autor evidencia a existência de uma dialética entre matéria e vazio para a formação de qualquer objeto: o barro que o oleiro utiliza é o mesmo que fará as bordas no vazio, sendo que essas bordas determinarão o formato ao objeto.

O que caracteriza o objeto seria, então, a borda (que advém de um nada anterior), e não a matéria que o envolve. É esse contorno (falta) que irá possibilitar a elaboração de algo no simbólico, ou seja, é a partir dele que se constituem também os marcadores subjetivos. A borda também possibilitará, ainda segundo Correa (2001), a distinção entre o desejo e a necessidade, distinção, vale pontuar, essencial para o movimento circular da pulsão.

Este movimento circular da pulsão é o que fundamentará a estrutura da repetição em psicanálise, calcada no vazio, o qual é inscrito pelo zero. Desse modo, a repetição não pode ser superposta, sempre havendo um espaço vazio na sequência da cadeia significante. A repetição desse vazio, segundo Lacan (1961-62/2011), é o que fará a diferença no idêntico. O que significa que na repetição de qualquer elemento há um vazio, um vácuo de sentido que é constituinte deste e modifica a significação na repetição⁴⁶. Essa perspectiva preconizaria que não há pura repetição pela psicanálise. Ela sempre atualiza algo diferente no sentido, engendrado por esse vazio. Poderíamos observar aí que há uma espécie de “oco do sentido”⁴⁷, que possibilita sua separação dos demais, um vazio que estabelece o mesmo e o distinto sincronicamente. Seria essa operação efeitos dos mecanismos de *silere* e *tacere*?

Se assim for, *silere* e *tacere* poderiam ser associados ao movimento do oleiro: ao colocar uma borda no vazio (*silere*), faz um contorno (*tacere*) e é desse furo que será possível falar do sujeito e ascender ao não dito. No entanto, o vazio só pode ser falado a partir do furo, aquele é inacessível, da ordem do Real. Desse modo, o furo (ou falta) é marca de um (im)possível no sujeito, isto é, marca do caráter de incompletude da linguagem e da divisão constitutiva.

Tacere seria um propulsor do sentido, da constituição deste, e, conseqüentemente, do *fading* do sujeito do inconsciente. No *Seminário 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964/1998), Lacan propõe:

[...] o ser do sujeito, aquele que está ali sob sentido. Escolhemos o ser, o sujeito desaparece, ele nos escapa, cai no não-senso – escolhemos o sentido, e o sentido só subsiste decepado dessa parte de não-senso que é, falando propriamente, o que constitui na realização do sujeito, o inconsciente. Em outros termos, é da natureza desse sentido, tal como ele vem emergir no campo do Outro, ser, numa grande parte seu campo, eclipsado pelo desaparecimento do ser induzido pela função mesma do significante (p. 200).

Com base nesse fragmento, observamos que a escolha do ser (do eu) eclipsa o sujeito. O sentido só subsiste decepado desse não-senso que é o inconsciente, ou seja, a escuta do significante enquanto estrutura de linguagem. Em outras palavras, seria como se a sua origem fosse esquecida (origem via função significante), para que ele possa

⁴⁶ Esta relação com o vazio é válida tanto para a repetição formal, que tange o aspecto escrito da linguagem quanto para a repetição prosódica, que remete a entonação da fala. Como trabalhamos com o discurso, não realizamos essa dicotomia.

⁴⁷ Termo cunhado pelo psicanalista francês Guéguen (2000)

ficar como que subsistindo como sentido, alienado à ideologia e às formações discursivas. *Tacere*, portanto, encerraria o sentido no eu, sujeito do enunciado.

O processo de alienação e separação do sujeito com o sentido é também coextensivo ao conceito de autoria (Tfouni, 2001, 2010). É a partir de movimentos de contenção e deriva do sentido que se trabalha processos de singularidade e filiação às formações discursivas, o que possibilita ao sujeito se tornar autor do seu dizer, ou seja, apropriar-se da sua fala, tornando-a um ato.

Aqui novamente retomamos o nosso *corpus*, O esquecimento de nomes próprios. Quando Freud remete ao ser, ao sentido oculto no que se diz (sexualidade dos turcos – não irei falar disso com um estranho), esquece o nome do pintor. No entanto, quando o relaciona com o significante e se aproxima do *non-sense*, o sentido “desaparece” fazendo surgir o sujeito do inconsciente, somente observável a partir das pistas inscritas na materialidade linguística.

Seria esse um momento de separação de Freud (o eu de Freud) com o sentido? Residiria aí um momento de hiância onde se localiza também o silêncio? Se, conforme afirma Coelen (2012), a linguagem ocupa o lugar do nada, do vazio, a temática do silêncio se mostra de suma importância para a compreensão da dialética existente entre sujeito – linguagem: se é do nada que algo pode surgir, o corte, o silenciamento entre significantes, é que trará alguma dimensão desse nada, pois o corte é a primeira figura topológica sem a qual nenhuma outra pode ser efetivada. A superfície, o nada, só pode ser inferida após o corte, sendo a relação com o vazio, portanto, sempre posterior e indireta. Há, então, um duplo silêncio: o do nada (suposto) e o do furo (corte). Hernandez (2005) afirma que esse duplo estatuto do silêncio pode ser compreendido diferenciando um silêncio na cadeia significante e outro que marca a incompletude do Outro.

Como observamos, *tacere* não denuncia a incompletude na linguagem, pois aquilo que foi calado poderia ter sido enunciado, embora não o tenha sido devido a um impossível na materialidade discursiva. *Tacere* denuncia mudanças de sentido e o “recalcamento” da polissemia, uma vez que o seu efeito é o tamponar do furo no simbólico via atrelamento ao significado. Já *silere*, como evidencia Hernandez (2005), é aquele que marca a incompletude no Outro, que denuncia a incompletude também da linguagem e, por isso, faz com que seja possível o deslizar na cadeia significante.

Ao pensar a estruturação da língua e os modos de subjetivação, podemos supor que *tacere* se relacionaria ao Esquecimento nº 02 enunciado por Pêcheux, uma vez que,

pela ilusão da livre escolha das palavras, infere-se que o sentido, em determinado momento, possa vir a ser completo. *Tacere* bem se aproxima de uma das fantasias do neurótico, a saber: a de que dizer tudo é algo possível, na medida em que, para tanto, seria somente uma questão de acesso à memória, a qual não funciona, contudo, diacronicamente como se supõe, mas é recriada no campo da sincronia e na atualidade da fala.

Silere seria do campo do vazio, do não nomeado, sendo acessível somente a partir de *tacere*, do furo. Contudo, ainda que não seja nomeado, não cessa de se inscrever: é onde adentramos no campo do Real. Safouan (1993), indica que é do lugar de indeterminação da natureza que o homem supõe criar uma origem, um sentido. No entanto, essa origem, segundo o autor, “só pode ser compreendida se recorrermos ao mito” (p. 76). *Silere* se associa a essa origem mítica do homem, à possibilidade imaginativa de uma ausência total de linguagem, de um momento em que se funda o sentido e que, entretanto, é inexistente ao homem enquanto ser de linguagem: o salto dado da natureza à cultura – salto dado por meio do sentido – só pode ser suposto. Desse modo, *silere* relacionar-se-ia ao Esquecimento nº 01 de Pêcheux, ilusão que faz crer que o sujeito é fonte de seu dizer. Essa suposição de fonte do sentido é, no entanto, fundamental para que se crie um sentido (não seria Um?), isto é, para que seja possível interpretar os significantes advindos do Outro.

Podemos observar, portanto, que *silere* e *tacere* são mecanismos que, a partir do desenrolar da cadeia significante, corroboram a recifração do inconsciente. A dinâmica entre eles, ao nosso ver, percorre todo nó-borromeo, tendo especificidades em cada registro: no Real – o inominável, no Simbólico – o interdito e no Imaginário – o não-dito.

4.0 AS POSIÇÕES SUJEITO E O SILÊNCIO:

Até este momento já desenvolvemos uma conceituação sobre a língua e aspectos subjetivos, bem como a relação dessas noções com o conceito de silêncio. Para ilustrar de modo mais efetivo como esse arcabouço teórico se coaduna com o *corpus*, elucidaremos questões específicas da Análise do Discurso.

A Análise do Discurso de linha francesa (AD) vai além da dicotomia existente entre língua e fala, tal com proposta por Saussure, pautando-se na noção de discurso. A

partir do discurso, preconiza um sujeito interpelado pela ideologia e pelo inconsciente, o que remete à não intencionalidade do sujeito falante⁴⁸, sendo esse descentrado. Desse modo, não há transparência na língua, o que torna o sentido múltiplo, não atrelado a somente um significado, como exposto por Saussure (2006).

A partir da noção de discurso, podemos entrever que o conceito de subjetividade em AD se distingue de outras já expostas por teóricos sobre esse tema. Ao considerar a materialidade linguística como “terreno principal” para análise, a AD não considera a existência de um “interno e externo”. Semelhante à banda de moebius – uma das primeiras figuras topológicas conjecturadas por Lacan – o sujeito, na Análise do Discurso, é isento de interioridade e profundidade. Assim, com base nos dispositivos teóricos da AD, é possível entrever uma subjetividade da/na língua, que remete a uma *posição*.

Para denominar essa posição que o sujeito ocupa em AD, Pêcheux desenvolve dois conceitos que designa por “Esquecimentos”, já explicitados anteriormente. Pautados na 1ª tópica freudiana, o Esquecimento nº 01 é de ordem inconsciente e produz no sujeito a ilusão de origem de seu dizer. O Esquecimento nº 02 é de ordem pré-consciente e é por meio dele que acreditamos poder formular e reformular o que dizemos pela escolha de palavras e da formação de enunciados. Pêcheux (2009) afirma em relação aos dois esquecimentos que se trata do “acobertamento da causa do sujeito no próprio interior de seu efeito, ou seja, o sujeito se constitui pelo esquecimento que o determina.” (p. 150).

O sujeito é interpelado pelos esquecimentos e é por meio do funcionamento desses na linguagem que ele se constitui. O sujeito permanece em AD como um lugar vazio a ser vislumbrado pelas posições que ocupa, denominadas por Pêcheux posições-sujeito.

O sentido, então, em AD passa a ser compreendido em relação às posições-sujeito. Elas remetem a determinadas formações ideológicas alocadas no Imaginário e que promovem efeitos específicos na relação entre o eu-outro. No entanto, o sentido se modifica constantemente, de tal modo que “sempre possa vir a ser outro” (Pêcheux, 2009), o que pode ser remetido ao fato da inexistência de algo fora da linguagem. O referente do sentido é sempre associado a outro sentido, o que remete a uma significação. Harari (2001), no exemplo dado anteriormente sobre a estrela Vênus

⁴⁸ Aqui compreendido como posição-sujeito.

(retirado de Frege), evidencia que os sentidos não podem ser unificados, pois teríamos significante e significado indissociáveis, de forma que poderia haver literalidade e transparência na língua. No entanto, como o sentido escapa, transforma-se discursivamente, essa possibilidade torna-se nula.

Safouan (1993), aponta que “essa teoria formalizada do sentido” (p. 12), estabelecida pela filosofia analítica, corre por duas vias, quais sejam: “ [...] subordina a significação à intenção do sujeito; [ou] subordina o significante ao significado” (p. 12). Ambas, segundo o autor, denegam a divisão do sujeito evidenciada pelo paradigma indiciário que corrobora a incompletude da linguagem. A dupla impossibilidade do sujeito ser fonte de seu dizer, evidenciada pelo Esquecimento nº 01 e de um significado único, embasada pelo Esquecimento nº 02, fundam o sujeito contemporâneo que denega sua divisão.

Além dos aspectos citados, o sentido em Análise do Discurso é constituído a partir de outros dois conceitos: o interdiscurso e o intradiscurso⁴⁹. O interdiscurso diz respeito à materialidade histórica, a construção do sentido se relacionando à memória discursiva. O intradiscurso é o momento da fala, momento em que o sentido é atualizado, trazendo à cena enunciativa parte da memória discursiva contida naquele sentido.

Observamos, portanto, que a cena enunciativa é composta por um *dito* e por um *não-dito*. Há nessa composição um aspecto importante da constituição do dizer: o sentido é constituído também por aquilo que ele faz calar, mas que, por outro lado, permanece de algum modo na cena enunciativa. Trata-se, portanto, da máxima da AD: “*Dizer x, para não dizer y*”, sendo *y*, no entanto, deslocado e aparecendo por outro mecanismo.

Podemos indicar, assim, a partir dos mecanismos de interpretação da AD, aspectos relacionados ao registro do Imaginário em Lacan. A relação entre locutores, a discursividade – pautada no inter e no intradiscurso – os aspectos ideológicos, e as posições-sujeito são conceitos que possibilitam ao analista interpretar a posição subjetiva, o local onde aquela formação discursiva se inscreve.

Dessa forma, na Análise do Discurso, enquanto disciplina que visa o estudo da materialidade discursiva, o silêncio atua, por sua vez, como limitador do sentido, por meio do Esquecimento nº 02 e dos mecanismos ideológicos.

⁴⁹ Depois abarcados por Pêcheux sob a noção de discursividade.

A partir da escolha de determinadas palavras, o sujeito cala outros sentidos no dito, mas que são constitutivos do dizer. No entanto, a escolha do sujeito não é livre nem isenta dos mecanismos ideológicos. Os sentidos determinados pela ideologia acabam, inevitavelmente, atravessando o discurso do sujeito, sendo que a ideologia atua sempre dialeticamente com o discurso: ora alienado, ora separado da ideologia⁵⁰, o discurso está sempre em relação com ela: por *repetição* ou *diferença*.

Essa repetição se relaciona, como exposto anteriormente, à paráfrase. É a partir de movimentos parafrásticos, ou seja, a partir da elaboração de distintas formas de se colocar um mesmo sentido, que este pode ser deslocado, transformando-se em outro.

Os movimentos parafrásticos demonstram a possibilidade de deriva no discurso, o que torna apreensível, devido às condições de produção, captar os não-ditos do texto e vislumbrar como eles também constituem o dito.

É também nesses movimentos que podemos perceber as distintas posições sujeito assumidas pelo eu, o que é demonstrativo dessa divisão subjetiva inerente ao sujeito falante.

Nesse quesito, podemos recorrer a um fragmento do “Esquecimento de nomes Próprios” no que tange às diferentes descrições realizadas por Freud de seu interlocutor:

A conversa com meu companheiro de viagem...(1898/ 1987, p.276)

Um estranho... (1901/ 1987, p. 21)

Um advogado de Berlim (Freyhau) com quem comecei a conversar de fotografias... (Freud, 1898, citado por Masson, 1986 ,p. 328)

Essas diferentes descrições agem como movimentos parafrásticos ao longo dos textos freudianos e denotam as posições-sujeito nas quais Freud se coloca para “dialogar” com seu interlocutor. No artigo e no capítulo de livro, Freud se preocupava com os aspectos científicos de sua teoria, o que supõe a supressão desse tipo de informação, uma vez que Freud estaria mais preocupado em evidenciar como se desenvolveu o enlace teórico com o acontecimento. São posições que coadunam a posição de cientista e médico em Freud, pautadas em um discurso científico específico. Já na carta a Fliess – considerado por muitos o analista de Freud – ele nomeia o interlocutor pela sua profissão: um advogado de Berlim; o que pode ser relacionado à linha associativa a qual Freud realizava, afinal, as anedotas sobre turcos se referiam a relação médico (profissão)-paciente. Observamos, portanto, que as posições-sujeito são

⁵⁰ Ou seja, o discurso está sempre atrelado ao sentido.

efeitos de “facetas” do eu de Freud que, como afirma Safouan (1993), “é pego em identificações que ele ignora” (p. 82).

Ainda no capítulo de Psicopatologia da Vida Cotidiana (1901/1987), Freud utiliza o fato de ter descrito o locutor como “um estranho” para justificar a supressão da temática da sexualidade da conversa que estava tendo: “Suprimi a comunicação desse traço característico por não querer tocar nesse tema numa conversa com um estranho” (p. 21).

Vemos aí um Freud que se apropria de aspectos sociais para justificar a supressão de uma temática de sua conversa. No entanto, podemos questionar esse termo - *estranho*. O que era estranho era o seu companheiro de viagens ou o encadeamento da cadeia significativa do qual Freud, em partes, se dava conta?

Em Psicanálise é sabido que, quando o analisante emudece, ou se esquece do que estava dizendo, é porque se dá conta da presença da pessoa do analista, o que é reconhecido como resistência.

Freud então “resiste” às temáticas emergentes e busca o outro para calcá-las e justificá-las. Essa justificativa, no entanto, não surge no artigo, também direcionado ao mesmo público. Nesse primeiro momento, ao que parece, Freud não tem necessidade de justificar aos leitores o motivo pelo qual ele suprime esses assuntos.

Orlandi (1992) denomina esse silêncio como sendo constitutivo. Ele se encontra em um nível linguístico e remete à escolha de determinadas palavras para apagar sentidos que poderiam estar presentes no enunciado. A escolha de determinadas palavras para designar algumas “ideias” ou situações se associa à formação discursiva na qual o sujeito se localiza, tendo, portanto, relação com a particularidade do sujeito, isto é, a constituição do eu a partir de processos identificatórios.

No entanto, o calar no enunciado não evita o sentido na enunciação, sempre deixando marcas que podem ser “observadas”, tal como esquecimentos e parapraxias. Desse modo, o termo “estranho” surge como resquício metonímico daquilo que estava sendo articulado ao nível da enunciação.

Podemos observar que o silêncio constitui ativamente o sentido calando alguns para se encerrar em outros. Esses sentidos calados não param, contudo, de se inscrever, sendo tal inscrição que faz com que possamos inferir um descolamento entre enunciado e enunciação.

É importante também ressaltar que o formato em que se dá o sentido, já no ato da fala, promove um apagamento e uma posição discursiva distinta da que muitas vezes,

“originou” o enunciado. Um indivíduo pode ocupar posições discursivas distintas dependendo da relação com seu interlocutor.

Podemos observar esse aspecto em Freud, na medida em que a passagem de um *modos operandi* da linguagem para outro é sempre interpretativa e diz de uma relação do sujeito com seu interlocutor. O silêncio constitutivo, nesse aspecto, constitui posições discursivas. Ele estaria no nível do pré-consciente na primeira tópica freudiana, o que significa que pode ser acessível ao sujeito em determinado momento. Devido à possibilidade de acesso, o sujeito não é totalmente submetido à ideologia, podendo construir sentidos outros que aqueles da ideologia dominante.

Na mesma via do exemplo anterior, Freud substitui de um texto para outro a descrição que realiza sobre a pessoa que o ajudou a relembrar o nome: “Esbarrei num italiano culto que me libertou desse sofrimento ao dizer-me o nome [...]” (1898/1987, p. 277). “Ao ser informado por outra pessoa do nome correto [...]” (1901/1987, p. 20)

Freud vai de “um italiano culto⁵¹” para “outra pessoa”. Esse deslocamento corrobora com a formalização que ele realiza de um texto a outro pautada em uma formação discursiva voltada ao discurso científico. Essa mudança é uma característica da ideologia da época, na medida em que a cientifização de uma teoria era pautada, como ainda o é hoje, na isenção e omissão do sujeito que a desenvolve, para garantir uma possibilidade (ilusória) de generalização teórica. Esse deslocamento denota a posição-sujeito que captura Freud no momento: a de preocupação com a formalização de sua teoria, dando características de cientificidade a ela.

Estas posições-sujeito que capturam Freud se efetivam na autoria de seus textos. Nos movimentos parafrásticos encontrados nos textos freudianos, é possível observar como, a partir da contenção e da deriva de sentidos (Tfouni, 2001, 2010), Freud foi se constituindo como autor de sua escrita, ora alienado, ora separado do sentido postulado pela ideologia dominante.

Além dos aspectos de cientifização da teoria requeridos por Freud, podemos remeter ao caráter diacrônico que separa a elaboração destes textos. No primeiro, artigo escrito cinco dias após a viagem, Freud ainda elaborava aspectos do ocorrido, distintamente desse terceiro momento em que reescreve o texto para publicá-lo como o primeiro capítulo de “Psicopatologia da Vida Cotidiana” (1901/1987). Nesse interim,

⁵¹ O texto em alemão corrobora a versão brasileira: *mit einem gebildeten Italiene*[...] = com um culto, estudado, letrado, erudito italiano (tradução Raymond Juneck, 2013).

alguns sentidos e posições assumidas por Freud foram estabelecidos, o que possibilita ao sujeito descrições outras ao ocorrido, a partir de seu desenvolvimento como autor.

Outro possível movimento parafrástico encontrado no texto de Freud (1898/1987 e 1901/1987) remete às duas frases pelas quais ele define a relação dos turcos⁵² com os médicos (Herr/ Signor):

Herr [Senhor], que há de se fazer? Se houvesse uma maneira de salvá-lo, sei que o senhor ajudaria. (p. 277)

Sabe, Herr, se isso acaba, a vida não vale mais nada.(p. 277)

Esses dois enunciados remetem a duas temáticas distintas: a morte, no primeiro caso, a sexualidade, no segundo. No entanto estão conectados um com outro, motivo pelo qual o esquecimento foi possível. A morte e a sexualidade podem indicar movimentos parafrásticos? Ao que parece, nesse exemplo, um enunciado suprimiu o outro, o que pode indicar uma junção em relação ao sentido, um dos aspectos atinentes à paráfrase. Em relação aos eixos da linguagem propostos por Saussure (2006), Freud teria realizado associações por contiguidade, ou seja, por metonímia.

Nesse caso, a paráfrase conserva a repetição do idêntico (em relação ao sentido), que só se dá devido ao fato de estar relacionada com um vazio, propulsor do engendramento de repetição do sentido. Observamos aí, nesse sentido, a operação do silêncio no deslocamento entre esses enunciados: o silenciamento de um sentido no primeiro é evidenciado no segundo, o que está em consonância com o que afirma Lacan de que “a repetição do idêntico faz a diferença” (Lacan, 1961-62 citado por Correa, p. 59), no caso, o esquecimento.

Portanto, os movimentos parafrásticos não se relacionam com a metáfora, onde um novo sentido é encontrado, e sim com a metonímia, operação que propicia um desdobramento de um mesmo sentido, ocultado e causador de um sintoma.

Pêcheux (2009), fundamentando-se em Frege (1971), argumenta sobre o “valor de verdade” das sentenças associadas: “Isso mostra porque, em tais casos, uma sentença nem sempre pode ser substituída por outra de igual valor de verdade. Pois, por estar associada a uma outra, a sentença exprime mais do que o faria isoladamente” (p. 104).

Segundo essa ótica, o autor nos mostra que o que surge é um “efeito de cumplicidade entre o locutor e aquele a quem ele se dirige, como condição de existência

⁵² Importante ressaltar que os turcos aos quais Freud faz menção não são os mesmos que denominamos como turcos atualmente. Os referidos turcos eram habitantes da antiga Bósnia-Herzegovina, momento anterior a separação desse país.

de um sentido da frase” (pp. 104-105), processo que denominará de “identificação com o interlocutor”. O que promove, então, o “efeito de cola” entre os enunciados é a relação com o interlocutor, via identificação. No entanto, esse locutor, esse “estranho”, como enuncia Freud, pode ser considerado como a própria posição sujeito do autor, que causa estranhamento, e não como o indivíduo com o qual ele dialogava no momento.

Do mesmo modo, os nomes substitutos emergentes, [Boticelli e Boltraffio] indicam movimentos parafrásticos do nome recalcado Signorelli. Como afirma Freud (1901/1987): “uma substituição por meio de representações intermediárias e conciliatórias” (p. 23), permanecendo assim no mesmo sentido, ainda que deslocado.

Pêcheux (2009) utiliza o termo “expressões parafrásticas” (p. 90) para se referir aos demonstrativos (aquele homem, por exemplo) que remetem a nomes próprios. O autor afirma que a utilização destes em consonância com o nome próprio tem por propriedade atualizar ideias anteriores que, de certo modo, estão presentes no enunciado. Nesse quesito, remete às ideias P. Henry (1977), apropriando-se de seu termo “pré-construído” para dizer do “impensado” na frase, aquilo que já está lá, anterior ao eu que o enuncia. É dessa forma, a partir do impensado na frase, que, em Freud, surge, então, os nomes substitutivos de Signorelli, [Boticelli e Boltraffio], remetendo a um interdiscurso (o pré-construído de P. Henry), anterior à Freud e que aponta esse impensado no enunciado (no caso de Freud, a sexualidade dos turcos e a morte de seu paciente).

Além desse exemplo que remonta ao conceito de pré-construído, outro exemplo dos textos de Freud pode ser incluso na temática “expressões parafrásticas”. A relação Signor / Herr / (Sig)mund pode ser considerada da mesma forma que Pêcheux considera a substituição dos nomes próprios por pronomes demonstrativos. Por efeito de sentido de algo já lá, Freud substitui seu próprio nome pelo de (Sig)norelli, e, então, por Herr, como eram comumente os médicos chamados em sua época e, portanto, como o era o próprio Freud denominado. Essas expressões agiriam, assim, como pronomes demonstrativos da posição-sujeito de Freud: médico e, ao mesmo tempo, Sigmund, conseguindo atualizar, sincronicamente, ambos os aspectos da constituição do sujeito. Sobre esse efeito de sentido, Pêcheux (2009) escreve:

Concluiremos esta primeira aproximação do problema do *pré-construído* destacando, como uma característica essencial, a separação entre *o pensamento* e o *objeto de pensamento*, com a pré-existência deste último, marcada pelo que chamamos uma discrepância entre dois domínios de pensamento, de tal modo que o

sujeito encontra um desses domínios como o impensado de seu pensamento, este que, necessariamente, pré-existe ao sujeito. (p. 93)

Vê-se, portanto, que o efeito de sentido já-lá, na cadeia significante constituída por Freud, levou-o a recalcar o nome do pintor, Signorelli, como que para recalcar o sentido com o qual Freud se deparava. No entanto, com os indícios deixados em seu texto pelos movimentos parafrásticos, é possível entrever a omissão desse sentido e de que forma essa omissão se deu.

O silêncio enquanto operador possibilita, então, que observemos a divisão do eu em sua constituição subjetiva. Essa divisão já pode ser entrevista a partir da captura do eu em distintas posições-sujeito.

Safouan (1993), afirma: “Os egos nada são fora de sua aglutinação em grupos mais ou menos extensos” (p. 83). A alienação do eu a determinadas posições-sujeito concebidas ideologicamente, portanto, é uma característica própria do funcionamento do eu, que suporta a coexistência de uma infinidade de sentidos, no entanto, não sem efeitos. Freud (1923/1987) enuncia:

Deparamo-nos com algo no próprio ego que é também inconsciente, que se comporta exatamente como o reprimido - isto é, que produz efeitos poderosos sem ele próprio ser consciente e que exige um trabalho especial antes de poder ser tornado consciente (p. 10).

O que nos evidencia que o eu também sofre os efeitos da própria repressão que atua, efeito esse evidenciado pela divisão subjetiva. Para que seja possível ter acesso ao “algo inconsciente” do eu, Freud (1923/1987) diz, como vimos anteriormente⁵³, que é necessária a associação a algo externo a ele, quais sejam, os traços mnêmicos associados aos representantes verbais.

Devido à censura, no entanto, muitas vezes o sentido aparece deslocado, o que é efeito da divisão subjetiva do eu. Para melhor compreender a questão, podemos recorrer à Lacan (1954-55/1987), que, ao diferenciar a resistência da censura, afirma que a censura reside no incompreensível na lei. A fim de elucidar a diferenciação, o autor utiliza uma anedota que enuncia que é proibido dizer que o rei da Inglaterra é babaca, tendo como punição perante o dito, ter a cabeça decepada:

No momento em que se trata de algo dificilmente expressável, não só pelo fato de que o rei da Inglaterra é um babaca, mas por tudo o que está vinculado a isto, por tudo que faz com que ele não possa ser outra coisa senão um babaca, por toda a

⁵³ No capítulo 3.1

estrutura do regime, e, mais além, pela convivência universal com a babaquice do reino da Inglaterra. Pois bem, o súdito sonha que tem a cabeça decepada (Lacan, 1954-55/1987, p. 167).

É devido a (im)possibilidade de dizer, que o sentido aparece deslocado, qual seja: sonhar com a cabeça decepada. O trecho supracitado evidencia a divisão subjetiva do eu, efeito das posições-sujeito de alienação e separação à ideologia: por não poder dizer, o sentido encontra outra via de surgir, no caso, a via da imagem. É importante evidenciar que a supressão do dizer afirmada por Lacan (1954-55/1987) está relacionada a uma verdade, algo que não pode deixar de ser e que, portanto, é.

É também a via que captura Freud, ao relatar a “ultra-nitidez” do quadro do pintor, quando do esquecimento. A ultra-nitidez do auto-retrato de Signorelli também está associada com a grafia enquanto imagem, que vislumbramos no capítulo anterior. Esses efeitos de divisão denotam “identificações que o sujeito ignora” como coloca Safouan (1993), no caso Signorelli, de Freud enquanto médico (Herr), tamponando seu nome próprio (Sig), no diálogo com um advogado: que aqui pode ser considerado resquício metonímico desse tamponamento.

Há, portanto, um silenciamento, um sentido omitido, mas, que continua presente na superfície da cadeia significante. O silêncio encontra-se aí, ao lado do eu, ao tentar apagar associações semânticas, que, no entanto, deixando traços que traem a tentativa desse apagamento.

Ocorre uma reconstrução da memória através do silenciamento de redes de sentido. Tfouni (2003) evidencia importante relação entre o papel da memória e a constituição da identidade. Ao afirmar que a memória é constituída na atualidade discursiva e re-significada constantemente, traz uma grande contribuição para se compreender o desenvolvimento do esquema em Signorelli.

Ao se situar entre o dito e o não-dito, o sujeito Sigmund é apagado. Na constituição da memória para a elaboração do texto permanece somente Herr, associado à tradução da primeira parte do nome, (*Signor*). Da mesma forma que Tfouni (2003) evidencia na mudança discursiva, o posicionamento subjetivo dos sujeitos que enunciam Constantinopla *ou* Istambul, é esse *ou* que, por contradição, irá excluir da autoria do texto freudiano, a possibilidade de encontrar-se no (*Sig*), sujeito do inconsciente.

No entanto, esse silenciamento deixou marcas. Como enuncia Safouan (1993): “não há recalque que não seja indicado, como repete Freud, por algum traço no qual se

traí” (p. 12). É daí que partiremos para o capítulo seguinte, a fim de observar a abertura para a polissemia e a indicação do nome próprio.

5.0 SUJEITO E SILÊNCIO:

Gaufey (2010), ao realizar uma arqueologia do conceito lacaniano de sujeito, percorreu os “rastros” que Lacan deixou até chegar à fórmula: “Um significante é o que representa um sujeito para outro significante”.

Segundo o autor, o conceito de sujeito em Lacan é válido para elucidar aos analistas a não reificação do inconsciente, pois, sendo estruturado como uma linguagem, o inconsciente não pode ter uma essência, ou seja, ser considerado substância. É também o conceito de sujeito, articulado com a noção de objeto, que promove na psicanálise lacaniana a conceituação de fantasia, compreendida como uma ficção criada pelo sujeito como “barreira” ao encontro direto com o Real.

Desse modo, Lacan inicia seu percurso para a conceituação de sujeito, passando pelo sujeito mentiroso, retomando o significante saussuriano, para depois modificá-lo com o auxílio do conceito de quadrado lógico de Pierce. A partir desses entrelaçamentos disciplinares, desenvolve a noção de traço unário, associando-a a noção de diferença no significante, marca na cadeia associativa. De acordo com essas elucubrações de Lacan, é possível ao sujeito ocupar o lugar do vazio e se isentar de reflexividade, na medida quem estaria marcado por uma ausência. Ao sujeito restaria, nesse sentido, ser a divisão, o corte entre significantes. Todos estes conceitos são enunciados sincronicamente na máxima lacaniana estabelecida à posteriori: “um significante é o que representa um sujeito para outro significante”

A primeira conceituação desenvolvida por Lacan, a de sujeito mentiroso, traz à tona a noção de intersubjetividade:

[...] é preciso não omitir nossa suposição básica, a dos analistas: nós cremos que há outro sujeito além de nós, que há relações autenticamente intersubjetivas. Não teríamos motivo algum para pensá-lo se não tivéssemos o testemunho daquilo que caracteriza a intersubjetividade: que o sujeito pode mentir-nos. É a prova decisiva⁵⁴ (Lacan, 1986, p. 366, citado por Gaufey, 2010, p. 15).

Podemos, a partir do excerto acima, observar que a noção de intersubjetividade proposta pelo autor está baseada no equívoco, ou seja, na possibilidade de falha da

⁵⁴ Tradução nossa.

linguagem. A constituição intersubjetiva ocorre, desse modo, porque o Outro é tesouro de significantes e, ao mesmo tempo, barrado, sendo a nomeação “completa” do âmbito do impossível. Assim, a relação do sujeito com a cadeia significante evidencia a intencionalidade daquele, sendo essa pautada na relação dialética existente entre desejo – gozo.

Além da noção de equívoco, essa perspectiva também apresenta o conceito de dialética: “nós cremos que há um sujeito além de nós”; ou seja, um outro. O sujeito que Lacan começa então a construir é um “termo relativo”, nunca só (Gaufey, 2010). A “coagulação imaginária” que surge do encontro do sujeito com o Outro não é nada mais que o sentido, ao qual o sujeito irá se alienar, calcando um eu, uma subjetividade, e desse modo, evanescendo-se.

Assim, fica exposto que a noção de subjetividade tem então a ver com a supremacia de um eu, uma identificação, e não com o conceito de sujeito desenvolvido por Lacan. O eu sutura um lugar vazio na cena enunciativa, lugar esse também dividido. O sujeito irá ocupar o lugar de corte na cadeia, de ser entre significantes. No entanto, o eu está vinculado ao sujeito, pois é enunciado por ele, no sentido de que o sujeito só pode surgir e “encobrir-se” na cadeia significante via cena enunciativa.

Vê-se, portanto, que a constituição do sujeito em psicanálise, na relação que aquele conceito faz com a intersubjetividade, faz referência a significantes, no entanto, o sujeito nunca é recoberto totalmente por eles. É essa impossibilidade de ser totalmente colado ao significante que permite a captação de uma singularidade, de aspectos subjetivos associados àquele sujeito falante. Para que seja possível saber de onde se fala e ter acesso ao sujeito na escuta analítica, Gaufey (2010) recorre aos efeitos causados pelas vozes gramaticais (ativa e passiva). Nesse sentido, o autor mostra, via análises de alguns ditos populares franceses⁵⁵, como é possível ao sujeito ser passivo e ativo em relação à ação, ou seja, ao agente e ao objeto. As vozes seriam o endereçamento do ato ao qual o sujeito se engaja, podendo o sujeito lógico e o sujeito gramatical coincidirem (voz ativa) ou não (voz passiva). Um bom exemplo da utilização das vozes gramaticais e que aponta para a divisão do sujeito poderia ser o seguinte: “Como você *se* chama?”. Ao utilizar o pronome reflexivo *se* na pergunta sobre o nome próprio fica posto em evidência a divisão do sujeito pelo nome, sendo ele agente e objeto.

⁵⁵ Entre estes ditos está o: “Eu me repatrio hoje”, que demonstra a divisão do sujeito entre o [me] e a utilização da voz ativa em [repatrio] (p. 38).

Esse entremeio entre voz ativa e passiva é onde pode se dar o aparecimento do sujeito, mostrando-o a barra e fazendo recair o objeto enquanto resto, introduzindo, assim, um sujeito para além da ação, ou seja, aquele sujeito normalmente vinculado a um eu começa a despregar-se dele⁵⁶.

De acordo com essa perspectiva, poderíamos considerar que para a Psicanálise, assim como para a Análise do Discurso, existe um descompasso entre enunciado e enunciação. O que é dito jamais (ou seria já mais?) pode ser dito totalmente, sendo a significação sempre incompleta.

Para que seja possível, desse modo, uma ordenação do processo de significação advinda da cadeia significante, sem a supremacia de um eu-pleno de sentido, Lacan explicita o conceito de função⁵⁷ fálica. Essa função tornará possível a significação, na medida em que ordena a cadeia significante sem, no entanto, se inscrever nela. A função fálica preconizará e permitirá o deslizamento na cadeia significante, possibilitando a multiplicidade interpretativa.

Tal função, portanto, entra no aporte teórico lacaniano por meio de dois vieses: ela des-substantiviza o falo, colocando-o como predicado de uma função; e, ao associá-lo a uma função, coloca-o em um lugar vazio, que apenas é imbuído da movimentação na cadeia significante. Nesse sentido, a função fálica passa a ser signo da existência de sujeito, se se parte da perspectiva de que só há sujeito na/em relação à linguagem, na cadeia significante.

Desse modo não há ontologização do desejo, podendo o sujeito viver na materialidade linguística e ser capturado por sentidos diversos. O falo, a partir de sua inserção no registro Simbólico (e, nesse registro, tomado como uma função) evidencia o significante enquanto diferença, o que marca a incompletude no Outro e no sujeito.

Seria, portanto, o silêncio um efeito dessa operação? O sujeito poderia ser entrevisto sendo ele próprio o silêncio, ou silenciado pelo eu? O silêncio, como enunciamos ao longo do texto, opera nas manifestações inconscientes por meio de cortes, quebras.

Esses cortes são essenciais para o desenrolar do sentido, já que é necessária uma descontinuidade para que haja a continuidade e compreensão do enunciado. Nessa perspectiva, o silêncio seria constitutivo da linguagem, pois, estando a fala em uma

⁵⁶ Já que através das vozes gramaticais, muitas vezes o sujeito é colocado como complemento e não mais sujeito da ação.

⁵⁷ Segundo Gaufey (2010), a função é sempre utilizada na lógica quando precisa-se de um lugar vazio.

relação dialética com o silêncio, este seria o impossível, índice que denota a divisão do sujeito e, ao mesmo tempo, a ilusão de estabilidade do sentido.

Esses cortes necessários para a compreensão do enunciado apreendidos por meio da dialética fala – silêncio são resquícios daquele silêncio do vazio enunciado por Hernandez (2005) e Correa (2001), sendo este silêncio, o que sofre a interdição. O vazio, segundo Hernandez (2005), se relacionaria ao todo (p. 29). Podemos compreender essa totalidade como uma suposição da origem mítica do homem na natureza, enquanto um ser na ausência da linguagem.

A interdição realizada no vazio pode ser observada a partir da separação existente entre enunciação / enunciado, a qual fora vislumbrada por Lacan (1998b) a partir do conceito de interdito presente neste trecho: “Com o que o lugar do inter-dito, que é o intra-dito de um entre-dois-sujeitos, é justamente aquele em que se divide a transparência do sujeito clássico, para passar aos efeitos de fadding que especificam o sujeito freudiano[...]” (p. 815).

Observamos, nesse recorte, que o interdito pode ser compreendido como o momento da entrada de um terceiro na relação do sujeito com a linguagem (“é o intra-dito de entre-dois-sujeitos”), ou seja, Lacan argumenta nesse excerto que é a entrada do 3º na cena enunciativa que possibilitará a ocorrência da interdição. Essas considerações possibilitam o vislumbramento da não transparência da linguagem, o que torna possível a “localização” do silêncio na concepção do sujeito do inconsciente. O interdito seria aquilo que demonstra a incompletude da linguagem e permite que seja possível dizer algo. Desse modo, o que não se pode dizer seria condição *sine qua non* para que algo seja dito entre sujeitos.

Assim, o dito entre sujeitos - a intersubjetividade, como nomeia Lacan - é aquilo que permite observar o sujeito do inconsciente, efeito entre significantes. Nesse fragmento Lacan (1998a) afirma:

Trata-se aqui daquele ser que só aparece no lampejo do instante do vazio do verbo ser, e eu disse que ele formula sua questão ao sujeito. Que significa isso? Ele não a coloca diante do sujeito, pois o sujeito não pode vir para o lugar onde ele a coloca, mas coloca-a no lugar do sujeito, ou seja, nesse lugar, ele coloca a questão com o sujeito, tal como se enuncia um problema com uma caneta e como o homem de Aristóteles pensava com sua alma (p. 524).

Neste excerto, Lacan (1998a) mostra a relação entre sujeito e eu, sendo esse (a alma de Aristóteles) um predicado ao sujeito e à cadeia significante. É por meio do eu que o sujeito “intervém”, ou seja, surge como efeito na cadeia significante; já que é entrevisto a partir do momento em que o eu a enuncia (ou a cala), dando vistas, assim, à intencionalidade do sujeito do inconsciente.

A questão do silêncio é então colocada com o sujeito do inconsciente. Na escuta clínica se opera via corte, pois é por meio da descontinuidade na cadeia significante que pode emergir o sujeito. Entre significantes e sempre um referente, o sujeito poderia surgir como efeito desse corte, isto é, do silêncio na cadeia? O silêncio pode agir como propulsor do sujeito na cadeia significante, promovendo um descolamento do sentido e quebrando a relação imaginária com o eu, que causa, dentre outros efeitos, a paráfrase. Nesse quesito, atrelado à função fálica, o silêncio abriria primeiramente para a polissemia para, então, possibilitar, na enunciação, a emergência da verdade do sujeito.

De acordo com essa perspectiva, a partir daquela polarização do silêncio proposta por Nasio (1989), estaríamos aqui nos remetendo a *silere*. Tido como o silêncio da pulsão, *silere* é o silêncio “fora do sentido”, ou seja, o silêncio suposto ao vazio e que não encontra equivalência na palavra.

Esse silêncio remete ao todo, ao *continuum*, só podendo ser observado a partir da quebra, do corte, pois, como afirma Hernandez (2005): “é necessária a ruptura da experiência total [...] para que a descontinuidade permita o reconhecimento do estado ou condição anterior” (p.27). *Silere*, portanto, não é acessível ao indivíduo, uma vez que diz respeito ao Real, mas pode ser, por outro lado, entrevisto pela noção de corte, de ruptura, o que é referido por Hernandez (2005) à falta.

Silere coaduna-se, então, à noção de sujeito proposta por Lacan. É por meio do não-sentido, da suposição de um vazio “anterior” que se pode estabelecer algo a partir do corte, da descontinuidade interpretativa desse nada, que se dará pelo sujeito do inconsciente (dividido).

Nesse sentido, para a compreensão de *silere* em nosso *corpus*, a entrada para a análise ocorre por meio da imagem acústica (significante) do nome Signorelli e dos traços deixados (compreendidos aqui na grafia do nome Signorelli). Já analisamos a relação existente entre o nome do pintor com o de Freud: (Sig)norelli – (Sig)mund. O nome próprio, segundo Harari (2001) é um dos traços que marcam a letra, o sujeito do inconsciente, pois a totalidade ou o nada onde o indivíduo se encontra em seu nascimento é recortada por esse nome, o que o divide e o estrutura. Podemos supor que

existe intencionalidade no ato de esquecer e que essa intencionalidade se relaciona com o sujeito do inconsciente. É no momento do lapso que se dá a manifestação de *lalangue* e, a partir dessa manifestação, que se pode entrever a intencionalidade do sujeito do inconsciente. Nesse sentido, afirma Freud: “O fato atuante em minha ocultação inconsciente da coisa fora a mesma intenção que atuara em meu ato curiosamente modificado de esquecimento” (p. 280, 1898/1987). Assim, haveria na “esquecidade” uma ação dupla do silêncio – o silenciado intencionalmente pelo eu possibilitou o aparecimento do sujeito sob a forma de um esquecimento, o que não surgiu sem efeitos, pois foi a partir de um silêncio, de um buraco na cadeia significante, que Freud se deparou com o sujeito.

O silêncio se encontraria, então, localizado entre sentidos: é na diferenciação entre um significante e outro que se estabelece uma margem de silêncio, alterando assim o sentido da cena enunciativa. A diferenciação entre (Sig)norelli e (Sig)mund que faz Freud remeter a Heer, no campo da constituição da sua subjetividade, é mais um traço da repressão marcada no enunciado de Freud, realizado pelo eu. A intraduzibilidade da língua permite que, pela escuta significante, observemos que a pronúncia de Freud de Sigmund e de Signorelli seria de fonética semelhante já que para Freud, Signorelli é uma palavra estrangeira, mas que, por ser nome próprio, não é traduzível.

A associação à grafia do nome, como realiza Dunker (2006) entre as assinaturas: Sig. Fr. : Signorelli / Frangellico e Sig. Fr.: Sigmund Freud é mais uma evidência que nos permite entrever o sujeito do inconsciente na análise do *corpus*, uma vez que, pautada na estrutura do significante, associa-se a letra, marca do sujeito do inconsciente.

O silêncio corroboraria então o aparecimento do sujeito por meio da escuta significante. É silenciando um sentido calcado na subjetividade que pode surgir o *non-sense* marca das formações do inconsciente.

6.0 SILÊNCIO, ANÁLISE DO DISCURSO E PSICANÁLISE:

“O HOMEM QUE DIZ SOU
NÃO É
PORQUE QUEM É MESMO É
NÃO SOU
O HOMEM QUE DIZ TÔ

NÃO TÁ
PORQUE NINGUÉM ESTÁ QUANDO QUER”.
(VINÍCIUS DE MORAES, CANTO DE OSSANHA)

Há entradas diversas para a compreensão do conceito de silêncio por meio do *corpus* apresentado. Até o momento, utilizamos o silêncio como um conceito que age por duas vias: relacionado à polissemia e à paráfrase, ao todo (enquanto vazio) e à falta, ao imaginário (em sua relação com o simbólico) e ao real.

Nessa perspectiva, o silêncio constituiria a linguagem, ora corroborando o sentido do enunciado ora possibilitando a entrada no *non-sense*. Assim, estaria tanto na via do Imaginário e das funções do eu – aspectos de coesão e coerência identitárias – como no Real, aquele inominável que não cessa de inscrever-se e que é, no entanto, entrevisto pelo simbólico por meio da noção de interdito. Ambas as perspectivas não deixam de ser, como viemos discutindo ao longo do texto, um duplo aspecto do impossível, perante o significado (e sua constituição imaginária e ideológica – o sentido) e perante o Real.

Esse percurso possibilita localizar o silêncio como operador e o tira do âmbito do fenômeno, o que o caracterizaria como uma simples “ausência de palavras” ou o apontamento para alguma ambiguidade enunciativa. Sob essa perspectiva, é possível vislumbrar que os modos de significação da língua são operados também por meio do silêncio e que esse também possui modos próprios de significação.

No *corpus*, observamos que Freud operou em conjunto com o silêncio para calar cadeias de significantes que não estavam em consonância com seu eu imagético. No entanto, devido aos aspectos metonímicos da estruturação da linguagem, outros sentidos foram também calados, gerando um sintoma percebido pelo autor como o esquecimento do nome do pintor Signorelli, sendo esse sintoma uma formação do inconsciente (Lacan, 1957-58/1999) que permite o aparecimento do sujeito na cadeia significativa.

Muitos desses sentidos estavam facilmente acessíveis a Freud, inclusive vindo à tona no momento em que ele interagia com seu interlocutor. Já outros remetiam a associações totalmente inconscientes só acessíveis a ele após a elaboração dos textos para a publicação e o relato para Fliess por meio de cartas.

Essas associações são todas referidas ao eu de Freud e não ao inconsciente. Já a grande temática exposta por ele [morte e sexualidade] pode estar relacionada ao sujeito dividido e, também, ao inconsciente, temática entrevista pela homonímia (Sig)norelli –

(Sig)mund e a relação que Freud faz do conteúdo dos afrescos com associações próprias.

Pelo desenvolvimento da dissertação, portanto, compreendemos que a temática silêncio é de grande relevância para o entendimento da linguagem no interior das ciências indiciárias, já que fundamenta seu caráter de incompletude, bem como do sujeito dividido.

Acreditamos que o que foi desenvolvido nos ajuda a compreender o silêncio enquanto operador e possibilitou o aprofundamento de aspectos teóricos que corroboraram esta polarização materializada na linguagem: a do nada e da falta. Há ainda, em *Análise do Discurso*, afirmações importantes como os dois esquecimentos de Pêcheux (2009) e os mecanismos ideológicos que são fundamentais para entrever a constituição do sujeito em AD, em consonância com seus silenciamentos.

Por hora, observamos que o silêncio opera de acordo com mecanismos de contenção e deriva do sentido. O conceito de autoria exposto por Tfouni (2001,2010) evidencia como, por meio da escrita, Freud se desenvolve como autor do próprio texto. Por meio de movimentos de contenção e deriva do sentido, trabalhados de diversas formas ao longo dos textos que temos como *corpus* nesta pesquisa, Freud é capturado em processos de subjetivação que se relacionam com sua posição-sujeito e com o sujeito na cadeia significante. Vê-se que o processo de escrita deixa marcas no inconsciente e que essas marcas, insistentes, aparecem de várias formas, inscrevendo-se por uma (im)possível leitura do todo. Nesse sentido, a contenção e a deriva agem como um jogo de forças, impulsionado pelo Esquecimento nº 02 de Pêcheux (2009). O que permite a autoria é esse jogo, que possibilita o constante recifrar do inconsciente.

Essas marcas, como evidencia Tfouni (2003), são constituintes da memória já que ela é construída também a partir do esquecimento e do recalque (p. 144). Segundo a autora há algo que, mesmo não estando na memória enquanto lembrança (e talvez por isso mesmo) “lateja na contingência do Real” (p. 144), operando na constituição do sujeito. É necessário, portanto, “esquecer para poder lembrar” (Tfouni, 2003, p. 143) o que possibilita a atualização do sentido na cadeia significante.

Carreira (2010) afirma que a inscrição dessas marcas do Real ocorre devido a um impossível de ser apagado, o traço, que, deixando marcas, e sendo do âmbito do impossível apagá-las ou lê-las por completo, insistem na cadeia significante.

Com base no texto *Notas sobre o bloco mágico* em que Freud (1924) realiza aproximações entre o processo de escrita e seu subsequente apagamento naquele tipo de

dispositivo e o sistema perceptual-consciente e sua inscrição no inconsciente. A autora enuncia:

[...] essa escrita caracteriza-se por não possuir qualidades, não reconhecer o não e, por isso, não comportar a contradição, apresentando uma lógica própria e atemporal. Tal lógica é regulada pelo princípio do prazer, que visa restabelecer pelo caminho mais curto a identidade da percepção, ou seja, ler o atual a partir do atemporal, configurando uma compulsão à repetição. (p 50)

Dessa maneira, a escrita do inconsciente, que comporta certa repetição da “leitura perceptual” do sujeito, é o que possibilitar vislumbrar o inconsciente, por meio de marcas, traços que permanecem recalcados na cadeia significante. A decifração dessa escrita se dá pela passagem para o significante, já que, segundo Freud (1900/2012), ela é hierográfica, apresentando-se como um conjunto de signos e símbolos a serem (re)cifrados por meio de sua ‘significância’. A perda que se dá, portanto, pela passagem à palavra faz sentir a (im)possível leitura do traço, característica da relação do sujeito com a falta, propulsão do desejo.

No caso do “Esquecimento de Nomes Próprios”, essa (re)cifração se caracterizaria pelas constantes (re)inscrições do autor no texto, sendo estas percebidas por meio dos movimentos parafrásticos encontrados; relacionados à descrição de seu interlocutor, à relação dos médicos com os turcos (que desemboca na temática morte e sexualidade), às substituições heteronímicas dos nomes, denotando unidades de sentido específicas, além da própria homonímia esboçada pela relação de seu nome próprio com o do pintor. Toda essa contenção de sentido para que seja possível a ele vislumbrar e estabelecer uma posição sujeito que se localiza em um discurso específico.

No entanto, essa posição sujeito requerida por Freud, não tem caráter de permanência e não é total, é também signo de uma divisão de aspectos conscientes e inconscientes revelados por essa contenção de sentidos por meio dos movimentos parafrásticos realizados pelo autor, já que, como postula Pêcheux em “Só há causa daquilo que falha” (2009):

[...] o fato de que o *non-sens* do inconsciente, em que a interpelação encontra onde se agarrar, *nunca é inteiramente* recoberto nem obstruído pela evidência do sujeito-centro-sentido que é seu produto, porque o tempo da produção e o do produto não são sucessivos como para o mito platônico, mas estão inscritos na simultaneidade de um batimento, de uma “pulsação” pela qual o *non-sens* inconsciente não para de voltar no sujeito e no sentido que nele pretende se instalar. (p. 276)

Deste modo, também o eu, como compreendemos ao longo desta dissertação como constituído pelos conceitos de posição-sujeito, ideologia e aspectos imaginários, é dividido e há nele uma parte faltante, prevista em sua própria constituição⁵⁸.

Instaura-se aí o silêncio. É ele, enquanto operador na linguagem, que possibilita a entrada em língua, o equívoco. O silêncio evidencia o impossível perante a regra, a lei e o reafirma a partir dos deslocamentos de sentido produzidos na cadeia significativa, devido ao caráter inconsciente da ideologia. Não há como contornar e constituir um eu coeso e coerente, ele é também marcado pela divisão do sujeito, instaurado no equívoco. Como afirma Safouan (1993) “não há recalque [repressão/apagamento] que não deixe um traço que o traia” (p. 14).

Há, portanto, na aproximação do silêncio à língua, uma relação com o impossível. Como defende Milner (2012): “Impossível de dizer, impossível de não dizer de uma determinada maneira”(p. 26). Essa importantíssima afirmação do autor nos ressalta esse duplo aspecto do impossível evidenciado pelo silêncio: em relação ao significante e em relação ao sentido, à memória discursiva e ao interdiscurso. Esse duplo impossível na linguagem mistura-se a regra: “o fato de que um impossível deva dar lugar a uma proibição explícita prova que há pelo menos um lugar do qual se fale do que não se pode falar: esse lugar é a alíngua” (Milner, 2012, p. 32). O impossível na língua, compreendido por nós como o silêncio, atua em todo o nó-borromeo, o que evidencia relações diversas do sujeito com o silêncio.

Na relação com o Imaginário e o Simbólico, Lacan (1957-58/1999) propõe: “Que o próprio eu seja função da relação simbólica e possa ser afetado por ela em sua densidade, em suas funções de síntese, todas igualmente feitas de uma miragem, mas de uma miragem cativante [...]” (p. 13).

Em relação a essa constituição do eu pela língua, Pêcheux e Gadet (2004) defendem que o ser falante é logófilo, isto é, apaixonado por sua língua, o que faz com que ele creia que, a partir da cadeia significativa, possa fazer Um com a língua, que escapa constantemente:

Então o simbólico faz irrupção diretamente no corpo, as palavras tornam-se peças de órgãos, pedaços do corpo esfacelado que o ‘logófilo’ vai desmontar e transformar para tentar reconstruir ao mesmo tempo a história de seu corpo e a da sua

⁵⁸ Como já postulado por Freud (1923/1987) e por Pêcheux (2009). O eu tanto para a psicanálise quanto para a análise do discurso é descentrado e também constituído por uma parte inconsciente.

língua, que nele se inscreve: essa ‘loucura das palavras’ que pode desembocar na escrita [...] persegue sem trégua o laço umbilical que liga o significante ao significado, para rompê-lo, reconstruí-lo ou transfigurá-lo [...] (p. 45)

Esse deslocamento de sentido ocorre porque a função significante é promotora do deslizamento do sentido, não sendo possível a fixação a um significado, ou seja, à literalidade. Segundo Lacan (1957-58/1999), essa diferenciação acontece entre “cadeia significante e cadeia significada” (p. 16), que, por mais que mantenham um contato no grafo⁵⁹, permanecem dissociadas. O grafo estabelecido por Lacan (1957-58/1999) segue abaixo:

No grafo β e β' correspondem respectivamente ao sujeito falante e ao objeto metonímico ao qual o enunciado faz referência. Já δ e δ' correspondem à cadeia significante e à cadeia significada. O γ corresponde à mensagem e α ao código. A linha que conecta β e β' é correspondente ao discurso. As setas indicam movimento de saída e entrada do sentido e mostram a relação contínua entre cadeia significante e cadeia significada.

Há uma relação entre cadeia significante e cadeia significada por meio de três condições: a de discurso (que liga o Eu ao objeto metonímico), a de código e a de mensagem (interligados e que promovem um movimento giratório na relação entre ambas às cadeias).

A proposta de Lacan (1957-58/1999) corrobora a de Jakobson (2007a) sobre a função poética. É através da metaforização do sentido que se tem o rompimento do

⁵⁹ O grafo a que nos referimos é, na verdade, o primeiro andar do grafo do desejo, desenvolvido por Lacan em seu Seminário Livro 5 (1957-58/1999).

sintagma, o que promove um sentido singular pautado na relação metafórica-metonímica do sujeito com a linguagem.

Sobre a perspectiva que esse grafo sugere, Lacan (1957-58/1999) propõe:

Como vocês podem ver, portanto, esta linha é o discurso concreto [β e β'] do sujeito individual, daquele que fala e se faz ouvir, é o discurso que se pode gravar num disco, ao passo que a primeira⁶⁰ é tudo o que isso inclui como possibilidades de decomposição, de reinterpretação, de ressonância e de efeitos metafórico e metonímico”. (p. 19)

Deste modo, o Esquecimento em Freud só se dá devido aos processos de significação pela linguagem enquanto função do inconsciente, o que possibilita a formação de um sentido (este sim, recalcado). Esse sentido recalcado introduz um “plano de verdade” (1957-58/1999) em Freud, ou seja, evidencia uma verdade do sujeito, posiciona-o perante seu desejo. Lacan compara-o com o *Witz* que “designa, e sempre de lado, aquilo que só é visto quando se olha para outro lugar” (1957-58/1999, p. 29).

Ainda segundo reflexões proporcionadas pelo grafo, é possível entrever o “surgimento” do objeto metonímico ao qual Freud irá reportar-se, ou, bem dizendo, as ruínas desse objeto⁶¹ manifestadas no esquema apresentado pelo próprio autor. Lacan (1957-58/1999) ainda defende, remetendo ao *Witz*, que é devido ao “desencontro” com o código que é possível que ele aconteça. Será, no caso do Esquecimento, o “desencontro” semelhante? Já que é devido à função significante que ele sucede, acontece aí um “desencontro” entre código e mensagem que não permite a passagem de *Signor*, somente de *elli*.

Não permite porque *Signor* está ligado ao *Herr*, pela via do sentido (Lacan, 1957-58/1999). Há aí, portanto, uma sincronia, promovida por processos de substituição da cadeia: [...]em todo ato de linguagem, embora a dimensão diacrônica seja essencial, há também uma sincronia implicada, evocada, pela possibilidade permanente de substituição que é inerente a cada um dos termos do significante.” (Lacan, 1957-58/1999, p. 34)

Substituição essa que Lacan irá colocar no plano metonímico, já que “esse esquecimento não é um esquecimento absoluto, um vazio, uma hiância, mas que outros

⁶⁰ Refere-se aqui à cadeia significante.

⁶¹ As ruínas metonímicas que remetem ao objeto esquecido em Freud são *Herr* e os nomes substitutos associados na cadeia: Boticelli e Boltraffio.

nomes se apresentam em seu lugar” (p. 41), sendo estes nomes Boticelli e Boltraffio. Essa esquematização proposta por Lacan (1957-58/1999) evidencia os mecanismos de silenciamento via esquecimento e substituição. Freud esqueceu-se (*silere*) e colocou algo no lugar substituindo (*tacere*) o que impõe às associações na cadeia significante essa dupla impossibilidade evidenciada pelos mecanismos da linguagem operados pelo silêncio – o vazio e a falta.

Deste modo, Lacan (1957-58/1999) afirma “são as ruínas metonímicas do objeto que se trata” (p. 42), e é o *Herr*, segundo Lacan, que colocará as pegadas no grafo, a serem investigadas (a decomposição metonímica do sentido recalcado).

Lacan (1957-58/1999) então expõe que o termo *Herr*, recalcado por Freud, é isolado pelo contexto metonímico “Bósnia-Herzegóvina”⁶² (p. 56) que é o que também permite resgatá-lo. Nesse sentido, há uma neoformação⁶³ via significante, o que denota a sincronia no âmbito do funcionamento da linguagem.

No entanto, diferentemente do *Witz* utilizado como exemplo por Lacan, o do familionário, no caso Signorelli há um furo, uma falta onde deveria advir a metáfora.

Afirma Lacan: “Signor é recalcado, mas não é esquecido. Não pode ser esquecido uma vez que não existia antes” (p. 61). Associado à *Herr* faz um furo na cadeia, já que “Herr tornou-se o símbolo daquilo diante do qual fracassa sua mestria de médico, o símbolo do mestre absoluto, ou seja, da doença que ele não cura...” (Lacan, 1957-58/1999, p. 61).

Nesse sentido, Lacan (1957-58/1999) continua seu raciocínio:

Não houve, portanto, um esquecimento maciço puro e simples, um esquecimento maciço do objeto. Houve, ao contrário, uma relação entre a revivescência intensa de alguns elementos imaginários e a perda de outros elementos, que são elementos significantes no nível simbólico”. (p. 62)

O que significa que se trata da relação metonímica com a linguagem, permanecendo um sentido adjunto a outro⁶⁴. Desta maneira, no grafo acima mencionado, *Signor* ficaria como que em “curto-circuito” entre o código e a mensagem, sendo impossibilitado de

⁶² Já que é o local onde Freud realiza a viagem de trem e que o remete aos costumes dos cidadãos daquela localidade.

⁶³ Termo de Jakobson, utilizado por Lacan para dizer sobre a formação do sentido na cena enunciativa. É a partir da relação entre código e mensagem que se dá a possibilidade de um novo sentido, sendo esse realizado a partir da cena enunciativa e do posicionamento do sujeito perante ela.

⁶⁴ Nesse sentido: seria o esquecimento de Signorelli um tipo de afasia? Ao refletir sobre os tipos de afasia elucidados por Jakobson (2007a) nos quais um dos eixos da linguagem não funciona em detrimento do outro eixo, remetemos a Signorelli um caráter assumidamente metonímico, em detrimento do funcionamento metafórico da linguagem.

ser ressignificado via cadeia significante para o discurso (Lacan, 1957-58/1999). O objeto metonímico se dividiria entre *elli* – *Boticelli e Boltraffio* (do contexto metonímico Bósnia-Herzegovina).

Nessa perspectiva, pode-se entrever no grafo que o silêncio se localizaria em duas posições distintas: uma no âmbito do código à mensagem: momento em que o fragmento *Signor* encontra-se propriamente preso, já que esse fragmento mostra a divisão do eu em Freud quebrando a “completude e coerência” supostas de sua posição sujeito e outro na própria cadeia significante, surgimento do sujeito do inconsciente evidenciado pela identificação (Sig)norelli – (Sig)mund.

É importante ressaltar, aqui, que se trata dos aspectos do silêncio na neurose, já que o que ocorre é um descolamento, um “fôlego” entre o eu e o Outro. São mecanismos entre o silenciar e o calar que intervém, pode-se dizer, entre *je* e *moi*⁶⁵. A passagem voz ativa e voz passiva (Gaufey 2010) implica posições sujeito e estas provocam articulações distintas ao significante, que se dão desse modo na neurose. Há, portanto, um espelhamento entre a constituição subjetiva e o sentido construído paralelamente a ideologia.

Opera nessa relação entre *je* e *moi*, um dos aspectos do (im)possível do silêncio: a ilusão de um acesso total à memória, com possibilidades de controle do sentido baseados em uma diacronia da relação do sujeito com o significante, permitem vislumbrar um “*modos operandi*” da cadeia significante como “uma simples questão de acesso”.

Este aspecto do (im)possível é evidenciado em *tacere* (calar) e interpretado como um processo de alienação à linguagem e constituição dos sentidos, calcados na ideologia e nas formações imaginárias, ancorados ao Outro, o que possibilita que a cena enunciativa, pelo viés do código, se encene de formas específicas e que alguns sentidos, devido aos aspectos de naturalização ocorridos por mecanismos ideológicos, só possam surgir de modo deslocado. É a lei que funda a exceção, a borda que contorna o vazio e funda a falta constitutiva.

Courtine (1999) ao discutir a relação entre memória discursiva e política, afirma que a constituição dessa memória se dá por uma “perda referencial” (p. 15) compreendida

⁶⁵ Nesse quesito, concordamos com a tradução do texto Estádio do Espelho (Lacan, 1998) que faz correspondência do *je* ao eu e do *moi* ao mim. A constituição da imagem é a constituição de um eu no jogo de vozes, o sujeito estaria entre esses dois polos de formação subjetiva. Remetemos essa interpretação do estádio do espelho ao Gaufey (2010) e à Jussara Falek (aulas ministradas, 08/12-12/12, Instituto de Psicologia, USP-SP).

como apagamento, recalcque da história. É essa perda referencial que interpretamos como construtora do sentido em seu aspecto imaginário, isto é, coagulado a fim de “estancar” a pulsação sujeito do inconsciente. Nesse quesito, Courtine (1999) ressalta:

De fato é preciso insistir. Não é da *língua* que está se tratando, mas de *discurso*, quer dizer, de uma ordem própria, distinta da materialidade da língua [...] mas, que se realiza na língua: não na ordem do *gramatical*, mas na ordem do *enunciável*, a ordem do que constitui o sujeito falante em sujeito de seu discurso e ao qual ele se assujeita em contrapartida. (p. 16).

Tacere seria, portanto, o silêncio do discurso, do sentido enunciável que foi calado pela posição-sujeito na qual o sujeito foi capturado. *Tacere* evidencia a coagulação imaginária ao qual o sujeito se aprisiona e promove seu *fadding*. A perda referencial, indica a existência de um referente, que, em psicanálise, pode ser compreendido como a relação do sujeito com o seu sintoma⁶⁶.

No entanto, o vazio, a relação do simbólico com o real, onde há lalíngua, mostra outro aspecto do impossível na linguagem: *silere* (silenciar). O silêncio da ausência completa de palavras, do Real, do umbigo do sonho (Freud, 1900), que ao sujeito só é possível circular. Aludindo a Carreira (2010), é o silêncio da impossível leitura, do constante (re)cifrar de sentidos das marcas deixadas no Bloco Mágico (Freud, 1924), do resto que sobra à cadeia significante e que, por isso, possibilita um (re)cifrar constante, propulsionado pela relação econômica desejo-gozo.

No entanto, como evidencia Milner (2012), há um lugar de onde se pode falar do impossível: lalíngua. É desse lugar, a partir do *non-sense* que há uma abertura para a polissemia e para a verdade do sujeito. *Silere* evidenciaria, assim, o caráter polissêmico da linguagem como algo que não se fecha, em um constante (re)cifrar.

É então num processo de hiância em que ocorre uma constante tentativa de recobrimento que o sujeito aparece, por meio dos mecanismos metafóricos e metonímicos, operados pelo silêncio. O caso Signorelli, relatado por Freud, corrobora esse modo de funcionamento da linguagem já que ilustra, por meio da contenção e deriva dos sentidos (Tfouni, 2001, 2010) as consequências das palavras, ou seja, os fatos da língua enquanto constituintes permanentes da posição subjetiva do sujeito, que não pode ser sem a materialidade linguística. permanece de grande importância para a compreensão no campo da linguagem.

⁶⁶ Lacan (1964-65/2006) em seu Seminário Livro 12: Problemas Cruciais para a Psicanálise, irá relacionar a noção de referente, baseado em Frege, ao sintoma do sujeito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Pretendíamos, a partir desta dissertação, evidenciar a constituição do sujeito pela linguagem, utilizando, para tal, o conceito de silêncio. Como *corpus*, os textos de Freud: Sobre o mecanismo psíquico do esquecimento (1898/1987), O esquecimento de nomes próprios (1901/1987) e as cartas de Freud à Fliess (1898, citados por Masson, 1986); evidenciaram que essa constituição se dá por meio de deslocamentos e substituições na linguagem, o que constrói (e também desconstrói) o sentido.

Essa constante reinvenção do sentido é “produto” da repetição que se dá por meio da (im)possível leitura do traço, que marca e remarca o sujeito, como aponta Carreira (2010). Há, na constante repetição do traço, a marca fatídica de um impossível na materialidade do significante. Constituído pela imagem acústica e pela grafia, o significante já mostra sua forma de maneira paradoxal: há uma escolha do sujeito que diz de onde ele fala e como ele escuta. Seria pela grafia? Pelo som? O significante saussuriano abre para essa dupla possibilidade que vem habilitar ao sujeito a sua verdade.

O silêncio na materialidade linguística é marca dessa escolha (forçada) do sujeito. Para onde guiar-se-á o sentido? A partir do momento em que essa escolha se efetiva, no entanto, abre-se para a polissemia. A escolha é signo da marca no Bloco Mágico (Freud, 1924), que, (re)cifrada, deixa sobras para, novamente, (re)cifrar. É marca da pulsação contingente na língua, que, a partir do dizer, inviabiliza outros dizeres possíveis (F. Tfouni, 2008).

Vê-se, por meio dessa marca do impossível no significante, que há também uma marca do impossível no sentido. Calçado em aspectos ideológicos e imaginários, o deslocamento do enunciado, a derivação do sentido, diz do impossível no registro do Imaginário, das marcas da cultura que constituem os sujeitos em suas posições. É preciso dizer de algum lugar e esse lugar remete as formações discursivas imanentes ao dizer, fundamentadas no interdiscurso.

A possibilidade, portanto, só existe enquanto contingente. No momento em que algo foi dito, os outros dizeres tornam-se impossíveis. Nesse quesito, o possível, na materialidade linguística é marca do Esquecimento nº 02 (Pêcheux, 2009), que permite

ao sujeito acreditar dizer de outras maneiras, no entanto, sendo barrado (dividido) por um impossível acesso a outro sentido.

Observamos esse aspecto do impossível no sentido via movimentos parafrásticos, que evidenciam escanções de um mesmo sentido, contido no processo de enunciação. No entanto, dizer o mesmo de maneiras distintas é dizer a partir de outro lugar, o que nos permite entrever a porosidade das formações discursivas.

Silere e tacere evidenciam essa polaridade do impossível na língua e no discurso a partir de suas incursões na cadeia significante. Nesse sentido, o silêncio forma e deforma o campo do enunciado. É impossível ao sujeito atrelar-se ao sentido e continuar sujeito e é impossível não posicionar-se perante um dizer (mesmo que aponta a uma ‘não posição’).

Propomos, portanto, juntamente com Milner (2006), que trata a língua enquanto o próprio nó-borromeo, que o silêncio é a marca do impossível nos registros. No Real como vazio, no Simbólico como diferença, no Imaginário como falta. É o que aponta, em sua dialética com a linguagem, ao interdito enquanto fundador do sujeito.

Parafraseando Lemisnki quando diz: “Repara bem no que não digo” (2013), poderíamos dizer do silêncio que repara o sentido, na ética do bem dizer (ou seja, em consonância com a verdade do sujeito), e que repara, assim como olha a constituição do sentido, emprestando um caráter materialmente impossível ao dito.

7.0 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS⁶⁷:

Alvarenga, E. (2005) Tempo de saber, momento do ato. F. E. Wapol

Assolini (2003) *Interpretação e letramento: os pilares de sustentação e autoria*. Tese de Doutorado, Departamento de Psicologia, FFCLRP, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.

Althusser, L. (1970) Ideologia e Aparelhos ideológicos de estado. Lisboa: Presença.

Badiou, A. (1994) Um, dois, três, quatro, e também zero. In. A. Badiou. *Para uma nova teoria do sujeito* (pp. 95-105), Rio de Janeiro: Relumê-Dumara.

Carreira, A. F. (2010) Nada vale a pena: a escrita e o impossível. In. L. V. Tfouni (Org) *Letramento, Escrita e Leitura – questões contemporâneas*. Campinas: Mercado das Letras.

Chomsky, N. (1957) Syntactic Structures. Mouton, The Hague-Paris (12th printing), original publicado em 1976.

Coelen, M. (Locutor) (2012) O “afeto” da linguagem. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP). Seminário ministrado no curso *O “afeto” da Linguagem* de 24/09/2012 à 10/10/2012 organizado pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica do IPUSP.

Correa, I. (2001) *A psicanálise e seus paradoxos: Seminários Clínicos*. Recife: Ágalma.

Courtine, J. J. (1982) *Definitions d’orientations théoriques et construction de procédures en analyse du discours*. (Vol. 9) Paris: Philosophiques.

DiGiorgi M. E. A., & DiGiorgi F. V. (2004) O “Esquecimento de nomes próprios” na psicopatologia da vida cotidiana de Sigmund Freud. *Estudos Avançados*, 4(8), 116-125, São Paulo.

Dor, J. (1992) *Introdução a leitura de Lacan: O inconsciente estruturado como linguagem*. (Vol. 1) São Paulo: Artmed.

⁶⁷ De acordo com o estilo APA: American Psychological Association

Dunker, C. I. L. (2006) A imagem: entre o Olho e o Olhar. In C. I. L. Dunker, *Sobre Arte e Psicanálise*. (Vol. 1, pp. 14-29) São Paulo: Ed. Escuta.

Elia, L. (2004) *O conceito de sujeito*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Escher, M. C. (1994). *Gravuras e Desenhos*. Hamburgo: Taschen (Trad. Maria Odete Gonçalves - Koller).

Freud, S. (1987) Sobre o mecanismo psíquico do esquecimento (Primeiras Publicações Psicanalíticas). In *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Vol. 3, pp. 275-282). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1898)

_____ (2012) A interpretação dos sonhos. (Renato Zwick, trad., Vol. 1) Porto Alegre: L&PM. (Trabalho original publicado em 1900)

_____ (1987) O esquecimento de nomes próprios (Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana). In *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 6, pp. 19-24). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1901)

_____ (1987) O esquecimento de nomes estrangeiros (Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana). In *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Vol. 6, pp. 25-30). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1901)

_____ (1987) Os chistes e sua relação com o inconsciente. In *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Vol. 8). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905)

_____ (1987) Repetir, recordar, elaborar (Novas recomendações sobre a técnica em psicanálise II). In *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Vol. 12, pp. 159-171). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914)

_____ (1987) O ego e o id. In *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Vol. 19, pp. 14-87). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1923)

- Forty, S. (2010) *M. C. Escher*. Ed. Taj Books Internacional LLP. (primeira edição: 2009)
- Gaufey, G. (2010) *El sujeto según Lacan*. Buenos Aires: Ed. El Cuento de Plata.
- Ginzburg, C. (1980) Sinais: Raízes de um paradigma indiciário, In: C. Ginzburg, *Mitos, Emblemas, Sinais: Morfologia e História*. (pp. 143-179) São Paulo: Companhia das Letras.
- Gonçalves, A. (Locutor) (2007-2011) Seminários Clínicos ministrados: RSI e o ato analítico, Direção do tratamento: significante, corpo, gozo. Ribeirão Preto, SP.
- Harari, R. (2001) *O que acontece no ato analítico? – A experiência da psicanálise*. Rio de Janeiro, Companhia de Freud.
- Hernandez, J. (2004) O duplo estatuto do silêncio. *Psicologia USP*, 15(1/2), 129-147, São Paulo.
- _____ (2007) *O duplo estatuto do silêncio: implicações clínicas e teóricas*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Jakobson, R. (2007) A linguagem comum dos linguistas e dos antropólogos. In R. Jakobson, *Linguística e Comunicação*. (pp. 10-22) São Paulo: Ed. Cultrix.
- _____ (2007a) Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia. In. R. Jakobson, *Linguística e Comunicação*. (pp. 23-41) São Paulo: Ed. Cultrix.
- _____ (2007b) Linguística e Poética. In R. Jakobson, *Linguística e Comunicação*. (pp. 79-108) São Paulo: Ed. Cultrix.
- Juneck, R. (2013) Traduções em Freud: diálogos sobre psicanálise em traduções. São Paulo: Consultório de Psicanálise. *Entrevista sobre Psicanálise e Língua Alemã*, em 12/06/2013, organizado pela Profa. Dra. Leda Verdiani Tfouni.
- Lacan, J. (1998) O eu e o outro. In J. Lacan, *Seminário I: Os escritos técnicos de Freud*. (pp. 50-65) Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1953-54)

- _____ (1987) *Seminário 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1954-55)
- _____ (1999) *Seminário 5: As Formações do Inconsciente*. (pp. 197-228) Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1957-58)
- _____ (2003) *Seminário 9: A identificação*. (I. Correa, M. Bagno, trans.) Recife: Centro de Estudos Freudianos. (Trabalho original publicado em 1961-62)
- _____ (1998) *Seminário 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1964)
- _____ (2006) *Seminário 12: Problemas Cruciais para a psicanálise*. (C. Lemos, I. Correa et al, trans.) Recife: Centro de Estudos Freudianos. (Trabalho original publicado em 1964-65)
- _____ (2012) *Seminário 19: ...ou pior*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1971-72)
- _____ (1998) O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada: Um novo sofisma In J. Lacan, *Escritos*. (pp. 197-213) Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- _____ (1998a) A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In J. Lacan, *Escritos*. (pp. 496-533) Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- _____ (1998b) Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In J. Lacan, *Escritos*. (pp. 807-842) Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- _____ (1998c) O estágio do espelho como formador da função do eu. In J. Lacan, *Escritos*. (pp. 96-102) Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Leminiski, P. (2013) *Toda a poesia de Paulo Leminiski*. São Paulo, Ed: Companhia das Letras.
- Léthier, R. (2004) *Seminários Brasileiros*. (J. Falek, org.) São Paulo: Ed. Fapesp.
- Lispector, C. (1998) Silêncio. In C. Lispector, *Onde estivestes de noite*. (pp. 40-50) Rio de Janeiro: Rocco.

Masson, J. M. (Org.) (1986) *A Correspondência Completa de Sigmund Freud e Wilhelm Fliess: 1887-1904*. São Paulo: Ed Imago.

Milner, J. A. (1996) *A obra clara*. Rio de Janeiro, Ed. Zahar.

Milner, J. C. (2006) *Os nomes indistintos*. (A. Procópio, trad.) Rio de Janeiro: Companhia de Freud. (Trabalho original publicado em 1983)

_____ (2012) *O amor da língua*. Campinas: Editora Unicamp

Nasio, J. D. (1989) *O silêncio em Psicanálise*. São Paulo: Papirus.

Orlandi, E. (1992) *As formas de silêncio no movimento dos sentidos*. Campinas: Editora da Unicamp.

_____ (2001) *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis: Vozes.

Paulon, C. P., & Tfouni, L. V. (2009) O silêncio como estratégia do inconsciente. *Revista Querubim*, 8 pp.16-23, Rio de Janeiro.

Pêcheux e Gadet (2004) *A língua inatingível: O discurso na história da linguística*. Campinas: Ed. Pontes.

Pêcheux, M. (2008) *O discurso: estrutura ou acontecimento*. (E. Orlandi trad.) Campinas: Ed. Pontes. (Trabalho original publicado em 1983)

_____ (2009) *Semântica e discurso – Uma crítica à afirmação do óbvio*. (E. Orlandi, trad.) Campinas: Editora da Unicamp.

Safouan, M. (1993) *A palavra ou a morte: Como é possível uma sociedade humana?* Campinas: Papirus.

Saussure, F. (2006) *Curso de Linguística Geral*. (C. Bally & A. Secheray, orgs.) São Paulo: Ed. Cultrix.

Tfouni, F. V. (1998) O interdito como fundador do discurso. Dissertação de Mestrado, Unicamp.

- _____ (2008) O interdito e o silêncio: duas abordagens do impossível na linguagem. *Linguagem em (Dis)curso*, 8 (2) 353-371.
- Tfouni, L. V. (1992) O dado como indício e a contextualização do(a) pesquisador(a) nos estudos sobre a compreensão da linguagem. *D.E.L.T.A.*, 8 (2) 205-223.
- _____ (2010) Letramento e Alfabetização. (9 ed.) São Paulo: Ed. Cortez.
- _____ (2008) Mensagem e poesia. A atualidade de Saussure e Jakobson, ou sobre a verdade do sujeito (e do sentido) em deriva. In. N. M. Gaspar, & L. M. S. Romão, *Discurso e texto: multiplicidade de sentidos na Ciência da Informação*. pp. 30-38, São Carlos: EDUFSCAR.
- _____ (2003) E não tem linhas tua palma: esquecer para poder lembrar. *Organon*, 17(35), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre.
- _____ (2001) A dispersão e a deriva na constituição da autoria e suas implicações para uma teoria do letramento. In: Signorini, I. (org.). *Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento*. Campinas, SP: Mercado das Letras, pp. 77-94.
- Thomas, M. (1989) As formas de silêncio no Esquecimento de Signorelli. In: *O silêncio em Psicanálise*, (J.D. Nasio, org.) Papirus, Rio de Janeiro.

ANEXOS

Freud, S. (1898/1987) Sobre o mecanismo psíquico do esquecimento. In. Primeiras publicações psicanalíticas. São Paulo, Imago. (ANEXO A)

Freud, S. (1901/1987) O Esquecimento de nomes próprios. In. Psicopatologia da vida cotidiana. São Paulo, Imago. (ANEXO B)

Masson, J. M.(1986) A Correspondência Completa de Sigmund Freud e Wilhelm Fliess 1887-1904, São Paulo, Ed Imago. (ANEXO C)

ANEXO A – Artigo: Sobre o Mecanismo Psíquico do Esquecimento (In: vol III – primeiras publicações psicanalíticas, Imago)

O fenômeno do esquecimento, que eu gostaria de descrever e em seguida explicar neste artigo, já foi sem dúvida experimentado por qualquer um em si próprio ou observado em outras pessoas. Afeta, em particular, o uso dos nomes próprios — *nomina propria* — e se manifesta da seguinte maneira. Em meio a uma conversa, vemo-nos obrigados a confessar à pessoa com quem falamos que não conseguimos descobrir um nome que desejaríamos mencionar naquele momento, o que nos força a pedir sua ajuda — em geral, ineficaz. “Como é mesmo o nome dele? Eu sei tão bem! Está na ponta da língua. De repente, me escapou.” Um inequívoco sentimento de irritação, semelhante ao que acompanha a afasia motora, junta-se então a nossos esforços adicionais para descobrir o nome que sabemos ter estado em nossa mente apenas um minuto antes. Nas situações características, dois traços concomitantes merecem ser notados. Em primeiro lugar, a concentração enérgica e deliberada da função que chamamos de atenção se revela impotente, por mais que persista, para descobrir o nome esquecido. Em segundo lugar, em vez do nome que estamos procurando, surge prontamente um outro nome, que reconhecemos ser incorreto e rejeitamos, mas que insiste em retornar. Ou então, em vez do nome substituto, encontramos em nossa memória uma única letra ou sílaba que reconhecemos ser parte do nome que estamos buscando. _Dizemos, por exemplo: “Começa com ‘B’.” Quando finalmente conseguimos, de um modo ou de outro, descobrir o nome buscado, verificamos que, na grande maioria dos casos, este não começa com “B” e nem sequer contém essa letra.

A melhor técnica para captar o nome que falta é, como se sabe, “não pensar nele” — isto é, desviar dessa tarefa a parcela da atenção sobre a qual se exerce controle voluntário. Passado algum tempo, o nome desaparecido “irrompe” na mente; e o sujeito não consegue impedir-se de enunciá-lo em voz alta, para grande espanto do interlocutor, que já se havia esquecido do episódio e que, de qualquer forma, se interessara muito pouco pelos esforços do locutor. “Escute”, é provável que diga, “não faz muita diferença qual é mesmo o nome do homem; continue com sua história”. _Durante o tempo todo, até que a questão seja esclarecida, e mesmo depois do desvio intencional [de sua atenção], a pessoa fica preocupada a um ponto que, a rigor, não pode ser explicado pelo volume de interesse que o caso todo possua.

Em alguns casos em que eu próprio passei por essa experiência de esquecer nomes, consegui, através da análise psíquica, explicar a mim mesmo a seqüência de eventos; e agora descreverei detalhadamente o caso mais simples e nítido desse tipo.

Durante minhas férias de verão, fiz certa vez uma viagem de trem da encantadora cidade de Ragusa até uma cidadezinha próxima, na Herzegovina. A conversa com meu companheiro de viagem girou, como era natural, em torno da situação dos dois países (Bósnia e Herzegovina) e das características de seus habitantes. Eu falava sobre as várias peculiaridades dos turcos que lá viviam, tais como descrevera, anos antes, um amigo e colega que vivera entre eles por muitos anos como médico. Pouco depois, nossa conversa voltou-se para o tema da Itália e das pinturas, e tive oportunidade de recomendar enfaticamente a meu companheiro que algum dia visitasse Orvieto, para lá contemplar os afrescos do fim do mundo e do Juízo Final com que fora decorada uma das capelas da catedral por um grande artista. Mas o nome do artista escapou-me e não consegui lembrá-lo. Exerci minhas faculdades de recordação, fazendo desfilar pela memória todos os detalhes do dia que passara em Orvieto, e me convenci de que nem sequer a mais íntima parte dele fora obliterada ou se tornara vaga. Pelo contrário, eu era capaz de evocar os quadros com maior nitidez sensorial do que me era comum. Vi diante de meus olhos, com nitidez especial, o auto-retrato do artista — com o rosto sério e as mãos cruzadas —, que ele pusera no canto de um dos quadros, próximo ao retrato de seu predecessor na obra, Fra Angelico da Fiesole; mas o nome do artista, geralmente tão familiar para mim, permanecia obstinadamente oculto, sem que meu companheiro de viagem pudesse me ajudar. Meus esforços contínuos não tiveram nenhum êxito, a não ser pela evocação dos nomes de dois outros artistas, que eu sabia não serem os nomes corretos. Eram eles *Botticelli* e, em segundo lugar, *Boltraffio*. A repetição do som “Bo” em ambos os nomes substitutos talvez levasse um neófito a supor que esse som pertencia também ao nome esquecido, mas tomei cuidado de passar ao largo dessa expectativa.

Como não tivesse qualquer acesso a livros de consulta em minha viagem, tive que suportar por vários dias esse lapso de memória e o tormento interno a ele associado, que recorria todos os dias com intervalos freqüentes, até que esbarrei num italiano culto que me libertou desse sofrimento ao dizer-me o nome: *Signorelli*. Eu próprio pude acrescentar o *primeiro* nome do artista, *Luca*. Imediatamente, minha lembrança ultranítida dos traços do mestre, tal como representados em seu retrato, esmaeceu-se.

Que influências me teriam levado a esquecer o nome *Signorelli*, que me era tão familiar e que se grava tão facilmente na memória? E que caminhos teriam levado a sua substituição por *Botticelli* e *Boltraffio*? Uma breve excursão de volta às circunstâncias em que ocorrera o esquecimento bastou para lançar luz sobre ambas as questões.

Pouco antes de chegar ao assunto dos afrescos na catedral do Orvieto, eu estivera contando a meu companheiro de viagem algo que ouvira de meu colega, anos antes, sobre os turcos da Bósnia. Estes tratam os médicos com respeito especial e exibem, em marcante contraste com nosso próprio povo, uma atitude de resignação ante os desígnios do destino. Se um médico tem que informar a um pai de família que um de seus parentes está à morte, a resposta é: “*Herr* [Senhor], que se há de fazer? Se houvesse uma maneira de salvá-lo, sei que o senhor o ajudaria.” Outra lembrança próxima disso estava em minha memória. Esse mesmo colega me falara da suprema importância que esses bosnianos atribuem aos prazeres sexuais. Certa vez, um de seus pacientes lhe disse: “Sabe, *Herr*, se *isso* acabar, a vida não vale mais nada.” Naquela ocasião, pareceu ao médico e a mim que se podia presumir que os dois traços de caráter do povo bosniano assim ilustrados estivessem estreitamente ligados. Mas, ao relembrear essas histórias em minha viagem para Herzegovina, suprimi a segunda, em que se abordava o tema da sexualidade. Foi logo depois disso que o nome *Signorelli* me escapou e os nomes *Botticelli* e *Boltraffio* apareceram como substitutos.

A influência que tornara o nome *Signorelli* inacessível à memória, ou, como costume dizer, aquilo que o “recalcara”, só podia proceder da história que eu havia suprimido sobre o valor atribuído à morte e ao gozo sexual. Se assim fosse, deveríamos poder descobrir as idéias intermediárias que serviram para ligar os dois temas. A afinidade entre o *conteúdo* deles — de um lado, o Juízo Final, o “Dia do Juízo”, e de outro, a morte e a sexualidade — parece muito superficial; e já que se tratava do recalçamento da lembrança de um *nome*, era provável, a julgar pelas aparências, que a conexão estivesse entre um e outro nome. Ora, “*Signor*” significa “*Herr* [Senhor]”, e “*Herr*” está também presente no nome “Herzegovina”. Além disso, decerto não era irrelevante que ambos os comentários dos pacientes por mim recordados contivessem um “*Herr*” como forma de dirigir-se ao médico. A tradução de “*Signor*” por “*Herr*” fora, portanto, o meio pelo qual a história que eu havia suprimido arrastara consigo para o recalçamento o nome que eu estava procurando. Todo o processo fora claramente facilitado pelo fato de que, nos últimos dias passados em Ragusa, eu falara italiano

continuamente — isto é, acostumara-me a traduzir mentalmente do alemão para o italiano.

Quando tentei recuperar o nome do artista, resgatando-o do recalçamento, a influência do laço em que o nome se enredara no intervalo fez-se inevitavelmente sentir. De fato, descobri o nome de um artista, mas não o correto. Era um nome deslocado, e a orientação do deslocamento fora dada pelos nomes contidos no tema recalcado. “*Boticelli*”; contém as mesmas sílabas finais que “*Signorelli*”; portanto, as sílabas finais — que, diversamente da primeira parte da palavra, “*Signor*”, não podiam estabelecer uma ligação direta com o nome “*Herzegovina*” — tinham retornado; mas a influência do nome “*Bósnia*”, regularmente associado com o nome “*Herzegovina*”, evidenciara-se ao dirigir a substituição para dois nomes de artistas que começavam com a mesma sílaba, “*Bo*”: “*Botticelli*” e, depois, “*Boltraffio*”. Verifica-se, pois, que a descoberta do nome “*Signorelli*” sofrera a interferência do tema que estava por trás dele, no qual apareciam os nomes “*Bósnia*” e “*Herzegovina*”.

Para que esse tema pudesse produzir tais efeitos, não seria bastante que eu o tivesse suprimido uma vez na conversa — coisa que se deu por motivos casuais. Devemos, antes, presumir que o próprio tema estivesse também intimamente ligado a fluxos de representações em mim presentes em estado de recalque — isto é, fluxos de representações que, a despeito da intensidade do interesse nelas depositado, deparassem com uma resistência que os impedisse de serem elaborados por uma dada instância psíquica, e portanto, de se tornarem conscientes. Que isso realmente se aplicou, na época, ao tema “*morte e sexualidade*”, é algo de que tenho muitas provas que não preciso abordar aqui, extraídas de minha própria auto-observação. Mas posso chamar atenção para uma consequência dessas representações recalcadas. A experiência ensinou-me a insistir em que todo produto psíquico é elucidável e até mesmo sobredeterminado. Consequentemente, pareceu-me que o segundo nome substituto, “*Boltraffio*”, exigia outra determinação, pois, até ali, apenas suas letras iniciais tinham sido explicadas, por sua assonância com “*Bósnia*”. Recordei-me então de que essas representações recalcadas nunca me haviam absorvido mais do que algumas semanas antes, depois de ter recebido uma certa notícia. O lugar onde a notícia me chegou chamava-se “*Trafoi*”, e esse nome é por demais semelhante à segunda metade do nome “*Boltraffio*” para não ter tido um efeito determinante em minha escolha deste último. No pequeno diagrama esquemático que se segue [Fig. 1], tentei reproduzir as relações agora trazidas à luz.

Fig. 1

Talvez não deixe de haver um interesse intrínseco em se poder perscrutar a história de um evento psíquico desse tipo, que está entre os mais triviais distúrbios que podem afetar o controle do aparelho psíquico, e que é compatível com um estado de saúde psíquica sem outras perturbações. Mas o exemplo aqui elucidado ganha um enorme interesse adicional ao sabermos que ele pode servir como nada menos do que um modelo dos processos patológicos a que devem sua origem os sintomas psíquicos das psiconeuroses — histeria, obsessões e paranóia. Em ambos os casos, encontramos os mesmos elementos e a mesma interação de forças entre esses elementos. Do mesmo modo que aqui e por meio de associações superficiais similares, um fluxo de representações recalcado se apodera, na neurose, de uma ingênua impressão recente e a faz imergir com ele no recalque. O mesmo mecanismo que faz os nomes substitutos “Botticelli” e “Boltraffio” emergirem de “Signorelli” (uma substituição por meio de representações intermediárias ou conciliatórias) rege também a formação das representações obsessivas e das paramnésias paranóicas. Além disso, vimos que esses casos de esquecimento têm a característica de liberar um desprazer contínuo até o momento em que o problema é resolvido — uma característica que seria ininteligível a não ser por isso, e algo que [no exemplo que mencionei] foi de fato ininteligível para a pessoa com quem eu estava falando [ver em [1]]; mas há uma completa analogia com isso no modo pelo qual os conjuntos de representações recalcadas ligam sua capacidade de gerar afeto a algum sintoma cujo conteúdo psíquico parece, em nosso julgamento, inteiramente inadequado a tal liberação de afeto. Finalmente, a dissolução de toda a tensão pela comunicação do nome correto por uma fonte externa é, em si mesma, um bom exemplo da eficácia da terapia psicanalítica, que visa a corrigir os recalques e deslocamentos e que elimina os sintomas pela reinstalação do verdadeiro objeto psíquico.

Portanto, entre os vários fatores que contribuem para o fracasso de uma recordação ou para uma perda de memória, não se deve menosprezar o papel desempenhado pelo recalçamento, e isso pode ser demonstrado não só nos neuróticos, mas também (de modo qualitativamente idêntico) nas pessoas normais. Pode-se afirmar, muito genericamente, que a facilidade (e em última instância, também a fidelidade) com que dada impressão é despertada na memória depende não só da constituição psíquica do indivíduo, da força da impressão quando recente, do interesse voltado para ela nessa ocasião, da constelação psíquica no momento atual, do interesse *agora* voltado para sua emergência, das ligações para as quais a impressão foi arrastada etc. — não só de coisas como essas, mas também da atitude favorável ou desfavorável de um dado fator psíquico que se recusa a reproduzir qualquer coisa que possa liberar desprazer, ou que possa subsequenteiramente levar à liberação de desprazer. Assim, a função da memória, que gostamos de encarar como um arquivo aberto a qualquer um que sinta curiosidade, fica desse modo sujeita a restrições por uma tendência da vontade, exatamente como qualquer parte de nossa atividade dirigida para o mundo externo. Metade do segredo da amnésia histérica é desvendado ao dizermos que as pessoas históricas não sabem o que não *querem* saber; e o tratamento psicanalítico, que se esforça por preencher tais lacunas da memória no decorrer de seu trabalho, leva-nos à descoberta de que a tarefa de resgatar essas lembranças perdidas enfrenta certa resistência, que tem de ser contrabalançada por um trabalho proporcional a sua magnitude. No caso de processos psíquicos que são basicamente normais, não se pode, naturalmente, alegar que a influência desse fator tendencioso na revivescência das lembranças de algum modo supere, regularmente, todos os outros fatores que devem ser levados em conta.

Como respeito à natureza tendenciosa de nosso recordar e esquecer, vivi, não faz muito tempo, um exemplo instrutivo — instrutivo pelo que traiu —, do qual gostaria de acrescentar um relato. Eu tencionava fazer uma visita de vinte e quatro horas a um amigo que, lamentavelmente, mora muito longe, e estava repleto de coisas para lhe contar. Antes disso, porém, senti-me na obrigação de visitar uma família conhecida em Viena, da qual um dos membros se mudara para a cidade em questão, de modo a levar comigo seus cumprimentos e recados para o parente ausente. Eles me disseram o nome da *pension* onde ele morava, assim como o nome da rua e o número da casa, e, em vista de minha memória precária, escreveram o endereço num cartão, que coloquei em minha carteira. No dia seguinte, ao chegar à casa de meu amigo, anunciei: “Só tenho um dever a cumprir que pode atrapalhar minha estada com você; é uma visita, e será a primeira

coisa que vou fazer. O endereço está em minha carteira”. Para meu espanto, contudo, não o achei lá. Assim, no final das contas, eu tinha que recorrer a minha memória. Minha memória para nomes não é particularmente boa, mas é incomparavelmente melhor do que para números e algarismos. Posso fazer visitas médicas a uma casa por um ano inteiro e, ainda assim, se tiver que ser levado até lá por um cocheiro, terei dificuldade em recordar o número da casa. Nesse caso, porém, eu o gravara especialmente; ele estava ultranítido, como que para zombar de mim — pois nenhum traço do nome da *pension* ou da rua ficara em minha lembrança. Eu havia esquecido todos os dados do endereço que poderiam servir como ponto de partida para descobrir a *pension*; e, contrariando muito meu hábito, retivera o número da casa, que era inútil para esse fim. Por conseguinte, não pude fazer a visita. Consolei-me com notável rapidez e dediquei-me inteiramente a meu amigo. Ao retornar a Viena e me postar diante da minha escrivania, eu soube, sem um momento de hesitação, o lugar em que, em minha “distração”, eu pusera o cartão com o endereço. O fator atuante em minha ocultação inconsciente da coisa fora a mesma intenção que atuara em meu ato curiosamente modificado de esquecimento.

ANEXO B – Capítulo I – O esquecimento de nomes próprios (In: Psicopatologia da Vida Cotidiana vol. VI, Imago)

Na edição da *Monatsschrift für Psychiatrie und Neurologie* de 1898 publiquei um pequeno artigo, sob o título “O Mecanismo Psíquico do Esquecimento” [Freud, 1898b], cujo conteúdo recapitularei aqui e tomarei como ponto de partida para discussão mais ampla. Nele apliquei a análise psicológica ao freqüente caso do esquecimento temporário de nomes próprios, explorando um exemplo altamente sugestivo extraído de minha auto-observação; e cheguei à conclusão de que essa situação específica (reconhecidamente comum e sem muita importância prática) em que uma função psíquica — a memória — se recusa a funcionar admite uma explicação de muito maior alcance do que a valorização usual que se dá ao fenômeno.

A menos que eu esteja muito enganado, um psicólogo a quem se pedisse para explicar a razão por que, em tantas ocasiões, deixa de nos ocorrer um nome próprio que pensamos conhecer perfeitamente se contentaria em responder que os nomes próprios sucumbem mais facilmente ao processo do esquecimento do que outros conteúdos da

memória. Ele apresentaria razões plausíveis para essa preferência dada aos nomes próprios, mas não suspeitaria que quaisquer outras condições desempenhassem um papel em tais ocorrências.

Minha preocupação com o fenômeno do esquecimento temporário de nomes nasceu da observação de certas características que podem ser reconhecidas com bastante clareza em alguns casos individuais, embora, na verdade, não em todos. Trata-se dos casos em que o nome não só é *esquecido*, como também *erroneamente lembrado*. Em nosso afã de recuperar o nome perdido, outros — *nomes substitutos* — nos vêm à consciência; reconhecemos de imediato que são incorretos, mas eles insistem em retornar e se impõem com grande persistência. O processo que deveria levar à reprodução do nome perdido foi, por assim dizer, *deslocado*, e por isso conduziu a um substituto incorreto. Minha hipótese é que esse deslocamento não está entregue a uma escolha psíquica arbitrária, mas segue vias previsíveis que obedecem a leis. Em outras palavras, suspeito que o nome ou os nomes substitutos ligam-se de maneira averiguável com o nome perdido: e espero, se tiver êxito em demonstrar essa ligação, poder esclarecer as circunstâncias em que ocorre o esquecimento de nomes.

O nome que tentei lembrar em vão, no exemplo escolhido para análise em 1898, foi o do artista que pintou os afrescos magníficos das “Quatro Últimas Coisas” na catedral de Orvieto. Em vez do nome que eu procurava — *Signorelli* —, impunham-se a mim os nomes de dois outros pintores — *Botticelli e Boltraffio* — embora fossem imediata e decisivamente rejeitados por meu juízo como incorretos. Ao ser informado por outra pessoa do nome correto, reconheci-o prontamente sem hesitação. A investigação das influências e das vias associativas pelas quais a reprodução do nome assim se havia deslocado de *Signorelli* para *Botticelli e Boltraffio* levou aos seguintes resultados:

(a) A razão por que o nome *Signorelli* foi esquecido não deve ser procurada numa peculiaridade do próprio nome, nem em qualquer característica psicológica do contexto em que ele se inseriu. O nome esquecido era-me tão familiar quanto um dos nomes substitutos — *Botticelli* — e muito *mais* familiar do que o outro nome substituto — *Boltraffio* —, sobre cujo portador eu mal sabia dar outra informação senão a de que pertencia à escola de Milão. Além disso, o contexto em que o nome fora esquecido me parecia inofensivo e não me trouxe maiores esclarecimentos. Eu viajava em companhia de um estranho, indo de Ragusa, na Dalmácia, para um lugar na Herzegovina: nossa conversa voltou-se para o assunto das viagens pela Itália, e perguntei a meu

companheiro de viagem se ele já estivera em Orvieto e se vira ali os famosos afrescos pintados por...

(b) O esquecimento do nome só foi esclarecido quando me lembrei do assunto que estávamos discutindo pouco antes, e revelou ser um caso de *perturbação do novo tema emergente pelo tema que o antecedeu*. Pouco antes de perguntar a meu companheiro de viagem se ele já estivera em Orvieto, conversávamos sobre os costumes dos turcos que vivem na *Bósnia* e na *Herzegovina*. Eu lhe havia contado o que ouvira de um colega que trabalhou em meio a essas pessoas — que elas costumam ter grande confiança no médico e total resignação ao destino. Quando se é obrigado a lhes dizer que nada pode ser feito por um doente, respondem: “*Herr* [Senhor], o que se há de dizer? Se fosse possível salvá-lo, sei que o senhor o teria salvo.” Nessas frases encontramos pela primeira vez as palavras e nomes *Bósnia*, *Herzegovinae Herr*, que podem ser inseridas numa seqüência associativa entre *Signorelli e Botticelli* — *Boltraffio*.

(c) Suponho que essa seqüência de pensamentos sobre os costumes dos turcos na Bósnia etc. adquiriu a capacidade de perturbar o pensamento subsequente por eu ter afastado a atenção dela antes que fosse concluída. De fato, lembro-me de ter querido contar uma segunda anedota, que em minha memória estava próxima da primeira. Esses turcos conferem ao gozo sexual um valor maior que o de qualquer outra coisa, e, na eventualidade de distúrbios sexuais, caem num desespero que contrasta estranhamente com sua resignação ante a ameaça de morte. Certa vez, um dos pacientes de meu colega lhe disse: “Sabe *Herr*, quando *isso* acaba, a vida não tem nenhum valor.” Suprimi a comunicação desse traço característico por não querer tocar nesse tema numa conversa com um estranho. Mas fiz algo mais: também desviei minha atenção da continuação dos pensamentos que poderiam ter-me surgido a partir do tema “morte e sexualidade”. Naquela ocasião, eu ainda estava sob a influência de uma notícia que me chegara algumas semanas antes, durante uma breve estada em *Trafoi*. Um paciente a quem eu me havia dedicado muito pusera fim a sua vida por causa de um distúrbio sexual incurável. Tenho certeza de que esse triste acontecimento e tudo o que se relacionava com ele não me vieram à lembrança consciente durante essa viagem a Herzegovina. Mas a semelhança entre “*Trafoi*” e “*Boltraffio*” força-me a supor que essa reminiscência, apesar de minha atenção ter sido de liberadamente desviada disso, passou a atuar em mim na época [da conversa].

(d) Já não me é possível considerar o esquecimento do nome *Signorelli* como um evento casual. Sou forçado a reconhecer a influência de um *motivo* nesse processo. Foi um motivo que fez com que eu me interrompesse na comunicação de meus pensamentos (a respeito dos costumes dos turcos etc.), e foi um motivo que, além disso, influenciou-me a impedir que se conscientizassem em mim os pensamentos ligados a eles, que tinham levado à notícia recebida em Trafoi. Eu queria, portanto, esquecer algo; havia *recalcado* algo. É verdade que não queria esquecer o nome do artista de Orvieto, mas sim outra coisa — essa outra coisa, contudo, conseguiu situar-se numa conexão associativa com seu nome, tanto que meu ato de vontade errou o alvo e esqueci *uma coisa contra minha vontade*, quando queria *esquecer intencionalmente a outra*. A aversão ao recordar dirigia-se contra um dos conteúdos; esqueci uma coisa contra minha vontade, quando queria esquecer intencionalmente a outra. A aversão ao recordar dirigia-se contra um dos conteúdos; a incapacidade de lembrar surgiu no outro. Obviamente, o caso seria mais simples se a aversão e a incapacidade de lembrar estivessem com o mesmo conteúdo. Além disso, os nomes substitutos já não me parecem tão inteiramente injustificados como antes da elucidação do assunto: por uma espécie de compromisso, eles me lembram tanto aquilo que eu queria esquecer quanto o que queria recordar e me indicam que minha intenção de esquecer algo não foi nem um êxito completo nem um fracasso total.

(e) Muito notável é a natureza do enlace que se estabeleceu entre o nome perdido e o tema recalcado (o tema da morte e sexualidade etc., em que apareceram os nomes Bósnia, Herzegovina e Trafoi). O diagrama esquemático que agora intercalo, e que foi extraído do artigo de 1898 [Fig. 1], visa a dar uma imagem clara desse enlace: O nome *Signorelli* foi dividido em duas partes. Um dos pares de sílabas (*elli*) ressurgiu inalterado num dos nomes substitutos, enquanto o outro, através da tradução de *Signor* para *Herr*, adquiriu numerosas e variadas relações com os nomes contidos no tema recalcado, mas, por esse motivo, não ficou disponível para a reprodução [consciente]. Seu substituto [para *Signor*] foi criado como se tivesse havido um deslocamento ao longo da conexão de nomes “*Herzegovina e Bósnia*”, sem qualquer consideração ao sentido ou aos limites acústicos das sílabas. Assim, os nomes foram tratados nesse processo como os pictogramas de uma frase destinada a se transformar num enigma figurado (ou rébus). De todo o curso de acontecimentos que por tais caminhos produziu, em vez do nome *Signorelli*, os nomes substitutos, nenhuma informação foi dada à consciência. À primeira vista parece impossível descobrir qualquer relação entre o tema

em que ocorreu o nome *Signorelli* e o tema recalcado que o precedeu no tempo, salvo por esse retorno das mesmas sílabas (ou melhor, seqüências de letras).

Fig. 1

Talvez não seja demais assinalar que as condições que os psicólogos presumem ser necessárias para reproduzir e para esquecer, por eles buscadas em certas relações e predisposições, não são incompatíveis com a explicação precedente. Tudo o que fizemos, em certos casos, foi acrescentar um *motivo* aos fatores reconhecidos desde longa data como capazes de promover o esquecimento de um nome; ademais, elucidamos o mecanismo da ilusão de memória. Também em nosso caso essas predisposições são indispensáveis para possibilitar ao elemento recalcado apoderar-se, por associação, do nome esquecido, arrastando-o consigo para o recalçamento. No caso de outro nome com condições mais favoráveis de reprodução, isso talvez não acontecesse. Com efeito, é provável que o elemento suprimido sempre lute por prevalecer em algum outro lugar, mas só tenha êxito quando depara com condições favoráveis. Em outras ocasiões, a supressão sobrevém sem qualquer perturbação funcional, ou, como podemos dizer com razão, sem qualquer *sintoma*.

As condições necessárias para se esquecer um nome, quando o esquecimento é acompanhado de ilusão de memória, podem ser resumidas da seguinte maneira: (1) certa predisposição para esquecer o nome, (2) um processo de supressão realizado pouco antes, (3) a possibilidade de se estabelecer uma associação *externa* entre o nome em questão e o elemento previamente suprimido. É provável que não devemos superestimar a dificuldade de satisfazer esta última condição, de vez que, levando em conta os requisitos mínimos esperados desse tipo de associação, é possível estabelecê-la na grande maioria dos casos. Entretanto, existe a questão mais profunda da saber se tal associação externa pode realmente ser condição suficiente para que o elemento recalcado perturbe a reprodução do nome perdido — se não haveria necessidade de

alguma ligação mais íntima entre os dois temas. Numa consideração superficial, tenderíamos a rejeitar esta última exigência e a aceitar como suficiente a contigüidade temporal entre ambos, mesmo com conteúdos completamente diferentes. Numa investigação aprofundada, porém, descobre-se com freqüência cada vez maior que os dois elementos enlaçados por uma associação externa (o elemento recalcado e o novo) possuem também alguma ligação de conteúdo; com efeito, tal ligação é demonstrável no exemplo de *Signorelli*.

O valor do conhecimento que adquirimos ao analisar o exemplo de *Signorelli* depende, é claro, de querermos declará-lo um caso típico ou uma ocorrência isolada. Devo pois afirmar que o esquecimento de nomes, acompanhado por uma ilusão de memória [Epinnerungstäuschung], ocorre com freqüência incomum tal como o esclarecemos no caso de *Signorelli*. Quase todas as vezes em que pude observar esse fenômeno em mim mesmo, pude também explicá-lo da maneira descrita acima, ou seja, como motivado pelo recalçamento. Devo ainda chamar a atenção para outra consideração que confirma a natureza típica de nossa análise. Penso não haver justificativa para se fazer uma separação teórica entre os casos em que o esquecimento de nomes é acompanhado por ilusão de memória e os outros em que não ocorrem nomes substitutos incorretos. Esses nomes substitutos surgem espontaneamente em alguns casos; noutros, nos quais não afloraram espontaneamente, pode-se obrigá-los a emergir mediante um esforço da atenção, e eles exibem então com o elemento recalcado e com o nome ausente a mesma relação que teriam caso tivessem aparecido espontaneamente. Dois fatores parecem decisivos para trazer à consciência os nomes substitutos: primeiro, o esforço da atenção e, segundo, uma condição interna ligada ao material psíquico. Poderíamos buscar esta última na maior ou menor facilidade com que se estabelece a necessária associação externa entre os dois elementos. Assim, boa parte dos casos de esquecimento de nomes *sem* ilusão de memória pode ser acrescentada aos casos em que se formam nomes substitutos, aos quais se aplica o mecanismo do exemplo de *Signorelli*. No entanto, certamente não ousarei afirmar que todos os casos de esquecimento de nomes devem ser classificados no mesmo grupo. Não há dúvida de que existem exemplos muito mais simples. Penso que teremos enunciado os fatos com suficiente cautela se afirmarmos: *junto aos casos simples de esquecimento de nomes próprios, existe também um tipo de esquecimento motivado pelo recalque.*